

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ERIC ROSSENDO ROMERO**

**CONSIDERAÇÕES METAPSICOLÓGICAS SOBRE A PROGRESSÃO  
TRAUMÁTICA EM SÁNDOR FERENCZI**

**MARINGÁ**

**2020**

ERIC ROSSENDO ROMERO

**CONSIDERAÇÕES METAPSICOLÓGICAS SOBRE A PROGRESSÃO  
TRAUMÁTICA EM SÁNDOR FERENCZI**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Constituição do sujeito e historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Helio Honda

MARINGÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R763c	<p>Romero, Eric Rossendo</p> <p>Considerações metapsicológicas sobre a progressão traumática em Sandor Ferenczi / Eric Rossendo Romero. -- Maringá, PR, 2020. 152 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Helio Honda. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.</p> <p>1. Psicanálise. 2. Trauma - Psicologia. 3. Ferenczi, Sándor, 1873-1933. 4. Progressão traumática - Psicologia. I. Honda, Helio , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p>CDD 23.ed. 150.195</p>
-------	--

Ademir Henrique dos Santos - CRB-9/1065

ERIC ROSSENDO ROMERO

*Considerações metapsicológicas sobre a progressão traumática em Sándor Ferenczi*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Hélio Honda  
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof. Dra. Georgina C. Fanelo Maniakas  
Universidade Federal de São Carlos - UFScar



Prof. Dr. Marcos Paulo Shiozaki  
DPI/Universidade Estadual de Maringá

Aprovado em: 30 de setembro de 2020.  
Local da defesa: Por Vídeo Conferência

*Para Isabela, Gabriela e  
Alice, por ordem de chegada.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Jovelina Cestaro Romero, por toda sua luta, sua determinação, sua paciência, seu amor e seu apoio. Por se manter inabalável, mesmo sendo, já há tantos anos, muito mais do que apenas mãe. Nada disso seria possível sem sua dedicação e força. Muito obrigado, com muito amor e gratidão.

A todos meus familiares, pelo convívio e pelos aprendizados constantes. Em especial, às minhas três sobrinhas, cuja sabedoria e sensibilidade são minhas maiores inspirações.

À minha namorada, Amanda, pela infinita paciência, pelo incessante apoio, pela maravilhosa companhia, pelas estimulantes discussões psicanalíticas, e, é claro, pelo indescritível e imensurável amor. Você foi, é e sempre será minha paz, meu amor, minha motivação.

Agradeço especialmente aos meus tios Valdemir e Dhébora, pelo amparo, pelo carinho e pelo cuidado com que sempre me acolheram ao longo destes anos de mestrado.

Ao Prof. Dr. Hélio Honda, pelo incalculável aprendizado, pelas instigantes observações, pela incansável dedicação, pelas orientações precisas, mas que sempre me estimularam a criar e ir além. E também, por acreditar em um jovem recém-formado que não parava de falar em Ferenczi.

À Profa. Dra. Georgina Carolina Oliveira Faneco Maniakas e ao Prof. Marcos Paulo Shiozaki, por aceitarem tão prontamente fazer parte deste trabalho. Agradeço imensamente pela leitura dedicada, pelas observações estimulantes e pela dedicação com que se dispuseram a ler e conversar sobre este tema que me é tão caro. Extendo, também, os agradecimentos ao Prof. Dr. Eugênio Canesin Dal Molin, que aceitou igualmente ler e comentar sobre este trabalho.

Agradeço a todo o corpo discente, docente e a todos os profissionais que fazem do PPI e da UEM um espaço acolhedor, enriquecedor e aberto. Estendo ainda este agradecimento às professoras e professores que fizeram parte de minha formação.

Agradeço à CAPES, pelo apoio financeiro.

*Endless and formless*

*They fly to the end*

*And back to the*

*Beginning again*

*John Frusciante, The Will To Death*

# CONSIDERAÇÕES METAPSICOLÓGICAS SOBRE A PROGRESSÃO TRAUMÁTICA EM SÁNDOR FERENCZI

## RESUMO

Esta dissertação investigou o fenômeno da progressão traumática, isolado e descrito pelo psicanalista húngaro Sándor Ferenczi como um abrupto amadurecimento de qualidades psíquicas latentes em crianças traumatizadas. Para tanto, recorremos à obra do autor, assim como às obras de Sigmund Freud, para apresentar uma base teórica comum para a reflexão pretendida. Por meio de tal método de pesquisa, notou-se que o desenvolvimento do Eu enquanto instância psíquica em dinâmica relação com um ambiente apresentava elementos que ajudariam em uma melhor compreensão de como ocorreria a progressão traumática. O Eu seria ainda a instância responsável por promover a ligação e inibição da energia livre presente no aparelho psíquico. Refletindo sobre um dos aspectos do conceito de trauma em psicanálise, foi observado que este ajudaria em compreender os processos dinâmicos e econômicos que envolvem a energia circulante no aparelho psíquico em uma situação de estimulação traumática. Com a consideração da dualidade pulsional entre pulsão de vida e pulsão de morte, foi possível compreender o papel que cada uma destas pulsões poderia desempenhar dinamicamente no aparelho psíquico. Eros trabalharia em direção a uma maior união e integração psíquica, já a pulsão de morte trabalharia em uma direção oposta, regressiva. Idealmente estas duas pulsões estariam em estado fusionado, com uma certa vantagem para a pulsão de vida, que poderia usar a força da pulsão de morte a favor de seus intentos construtivos. A consideração da situação de desfusão entre estas duas pulsões auxiliou no estudo de uma consequência patológica de um trauma, a saber, uma clivagem do Eu. Com base em Ferenczi, consideramos, por meio do fenômeno da autoclivagem narcísica, a possibilidade de que a clivagem do Eu resulte em uma parte clivada que adquire características parentais. Como opção adotada nesta pesquisa, foi postulado que com tal parte clivada ocorreria uma progressão traumática que lhe renderia tais características protetoras em relação ao ambiente circundante. Tomando como cenário exemplar para esta discussão a situação traumática de abandono, sofrida por uma criança pequena, foi possível notar que também uma clivagem entre intelecto e afeto poderia ocorrer. Como resultado desta clivagem, a ação imperturbada do intelecto levaria a uma identificação e/ou introjeção, por parte do Eu, com determinadas características do objeto ausente. Por meio de tais mecanismos, o Eu poderia adaptar-se à situação de abandono. Além destes mecanismos,

para refletir sobre a progressão traumática recorreu-se a considerações sobre o desenvolvimento do Eu, a importância da relação da criança com o ambiente, a ação de um intelecto livre de afeto e a percepção de que uma falha na adaptação por parte do ambiente à criança ocorreu. Chegamos à conclusão de que a progressão traumática poderia ser compreendida como uma forma de adaptação à situação de abandono, já que a prematura de determinadas características latentes da criança apresentaria características adaptativas e protetivas para esta.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Sándor Ferenczi; Progressão traumática; Trauma.

# **METAPSYCHOLOGICAL CONSIDERATIONS ON TRAUMATIC PROGRESSION IN SÁNDOR FERENCZI**

## **ABSTRACT**

This dissertation investigated the phenomenon of traumatic progression, isolated and described by the Hungarian psychoanalyst Sándor Ferenczi as an abrupt maturation of latent psychic qualities in traumatized children. For this, we resort to the author's work, as well as the works of Sigmund Freud, to present a common theoretical basis for the intended reflection. Through this research method, it was noted that the development of the Ego as a psychic instance in dynamic relationship with an environment had elements that would help in a better understanding of how the traumatic progression would occur. The Ego would also be the instance responsible for promoting the linking and inhibition of free energy present in the psychic apparatus. Reflecting on one of the aspects of the concept of trauma in psychoanalysis, it was observed that it would help to understand the dynamic and economic processes regarding the circulating energy in the psychic apparatus in a situation of traumatic stimulation. With the consideration of the drive duality between life drive and death drive, it was possible to understand the role that each of these drives could play dynamically in the psychic apparatus. Eros would work towards greater union and psychic integration, while the death drive would work in an opposite, regressive direction. Ideally, these two drives would be in a fused state, with a certain advantage for the life drive, which could use the force of the death drive in favor of its constructive intentions. The consideration of the defusion situation between these two drives helped to study a pathological consequence of trauma, namely, a splitting of the Ego. Based on Ferenczi, we considered, through the phenomenon of narcissistic self-split, the possibility that the split of the Ego results in a split part that acquires parental characteristics. As an option adopted in this research, it was postulated that with such a split part, a traumatic progression would occur, rendering to it such protective characteristics in relation to the surrounding environment. Taking as an exemplary scenario for this discussion the traumatic situation of abandonment suffered by a small child, it was possible to notice that a split between intellect and affection could also occur. As a result of this splitting, the undisturbed action of the intellect would lead to an identification and/or introjection, by the Ego with certain characteristics of the absent object. By means of such mechanisms, the Ego could adapt to the situation of abandonment. In addition to these mechanisms, in order to reflect on the traumatic

progression, considerations were made about the development of the Ego, the importance of the child's relationship with the environment, the action of an intellect free of affection and the perception that a failure in adaptation on the part the environment to the child occurred. We arrived at the conclusion that the traumatic progression could be understood as a way of adaptation to the situation of abandonment, since the prematurity of certain latent characteristics of the child would rend adaptive and protective characteristics for it.

**Keywords:** Psychoanalysis; Sándor Ferenczi; Traumatic progression; Trauma.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>1. O DESENVOLVIMENTO DO EU EM FREUD E EM FERENCZI.....</b>	<b>12</b>
1.1 O desenvolvimento do Eu em <i>Projeto de uma psicologia</i> de Freud.....	13
1.2 Contribuições ferenczianas sobre o desenvolvimento do Eu.....	27
1.3 O papel da introjeção e da projeção no desenvolvimento do Eu em Ferenczi.....	33
<b>2. ALGUMAS IMPLICAÇÕES DO DESPRAZER NO DESENVOLVIMENTO DO EU.</b>	<b>42</b>
2.1 A vivência de dor e a noção de desprazer em <i>Projeto de uma psicologia</i> de Freud .....	42
2.2 O papel do desprazer nos estágios iniciais do Eu .....	48
<b>3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRAUMA EM FREUD E EM FERENCZI.....</b>	<b>60</b>
3.1 Proposições para uma reflexão sobre o trauma em Freud.....	63
3.2 Cenas traumáticas e suas consequências para o psiquismo infantil em <i>Confusão de línguas entre os adultos e a criança</i> de Ferenczi.....	73
<b>4. PULSÃO DE VIDA E PULSÃO DE MORTE, PROGRESSÃO E REGRESSÃO: IMPLICAÇÕES NO TRAUMA POR ABANDONO E NA CLIVAGEM PSÍQUICA... 82</b>	<b>82</b>
4.1 Alguns elementos sobre a regressão e a pulsão de morte e de vida em Freud.....	83
4.2 Entrelaçamentos entre pulsão vida e pulsão de morte, entre progressão e regressão em Ferenczi .....	90
4.2.1 O ambiente, a criança mal acolhida e a pulsão de morte.....	99
4.3 A autoclivagem narcísica: a clivagem do Eu como forma de defesa patológica diante do trauma por abandono.....	104
<b>5. UMA APROXIMAÇÃO METAPSICOLÓGICA AO FENÔMENO DA PROGRESSÃO TRAUMÁTICA.....</b>	<b>113</b>
5.1 Identificação e/ou introjeção nas relações objetais e no desenvolvimento psíquico.....	114
5.2 Identificação e/ou introjeção de um objeto como consequência de sua perda.....	119
5.3 A progressão traumática como uma resposta adaptativa à um trauma por abandono.....	128
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

Sándor Ferenczi foi um psicanalista húngaro, nascido na cidade de Miskolcz, no dia 07 de julho de 1873. Formou-se em medicina aos 21 anos, sendo que nos anos seguintes seu interesse pela psicanálise começou a crescer, especialmente ao ouvir sobre os estudos de Jung com associação de palavras. Como resultado de tal interesse, Ferenczi endereçou uma carta à Sigmund Freud solicitando uma entrevista com o mesmo, que rendeu resultados surpreendentes. Em abril do mesmo ano, Ferenczi foi convidado a apresentar um artigo de sua autoria, intitulado *Psicanálise e pedagogia*, no Primeiro Congresso de Psicanálise, ocorrido em abril de 1908, na cidade de Salzburgo, na Áustria. Ferenczi foi ainda convidado a visitar Freud durante suas férias na cidade alemã de Berchtesgaden, demonstrando assim a íntima relação que se iniciava entre os dois homens, não só de amizade, mas também intelectual e analítica, com Freud assumindo o papel de analista de Ferenczi em 1911 (Balint, 2011).

Nos anos seguintes, Ferenczi fez inúmeras e importantes contribuições para a psicanálise através de artigos e palestras em congressos. A partir de 1913, seu interesse recaiu sobre as questões técnicas da psicanálise, interesse este que o tornará famoso por elaborar proposições inovadoras e inquietantes, que iriam incitar mudanças na atuação do analista, colocando-o em posição de grande responsabilidade para o bom ou mal andamento da análise. Isto ressaltou ainda o caráter indicativo da inegociável importância da análise pessoal do analista.

Sem aqui aprofundar esta importante parte da elaboração ferencziana, vale dizer que o próprio autor sempre foi seu maior crítico, alterando e voltando atrás em suas proposições sempre que viu tal necessidade, e ainda, sempre buscando respaldo em sua profunda atividade clínica e elaboração teórica (Balint, 2011; Bokanowski, 2000).

Sendo membro do primeiro grupo psicanalítico a se unir em torno de Freud, diferente de outros famosos personagens, como Adler e Jung, é notável que Ferenczi não tenha rompido drasticamente com a linha de pensamento elaborada pelo pai da psicanálise ao longo dos anos. Até próximo de sua morte, ocorrida em 1933, Ferenczi encontrou em Freud criterioso leitor e crítico de suas ideias, antes mesmo que estas fossem proferidas ou publicadas. Isto, no entanto, não evitou uma aberta desavença que eclodiu entre os dois pensadores em 1932.

Vale apontar que nesta época encontramos a maturação de algumas das ideias mais inovadoras de Ferenczi, que envolveriam principalmente uma retomada enfática da concepção

psicanalítica do trauma, modificada por Freud desde 1897, como principal caminho percorrido pelo autor húngaro em busca de teorizar suas observações e descobertas clínicas.

Uma teoria do trauma de Ferenczi pode ser vista como um pano de fundo, se não para toda sua produção psicanalítica, pelo menos para boa parte desta (Bokanowski, 2000). Como ele mesmo dizia, acabou se tornando responsável por atender os chamados casos difíceis que outros psicanalistas lhe encaminhavam, casos em que o aparato teórico-técnico tradicional da psicanálise não era suficiente para uma compreensão e tratamento do paciente.

Em tais casos difíceis, Ferenczi encontrou pessoas que teriam passado por dificuldades em períodos iniciais da vida, anteriores à época do Complexo de Édipo<sup>1</sup>, e que, portanto, demandavam não apenas técnicas alternativas como também uma elaboração teórica mais abrangente atrelada a estas (Ferenczi, 1921/2011). O conceito de trauma e as consequências deste figuram então como elementos importantes nas elaborações futuras empreendidas por Ferenczi, elaborações que muitas vezes foram apenas iniciadas, pouco elaboradas e que assim nos foram legadas devido à morte prematura do autor.

Dentre estas, encontramos a progressão traumática, foco principal desta dissertação, fenômeno isolado por Ferenczi (1933/2011) que em uma descrição inicial, corresponderia à um abrupto amadurecimento psíquico de uma criança traumatizada, progressão esta que seria mesmo uma consequência do trauma sofrido e do medo e desespero frutos de tal violência.

Abordar tal tema revela-se interessante tarefa. Ferenczi escreve sobre a progressão traumática em seu importante trabalho *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, apresentado no XII Congresso Internacional de Psicanálise em Wiesbaden, em 1932<sup>2</sup>. No entanto, tal tema infelizmente é mencionado já próximo ao fim de sua apresentação, e apenas de maneira sumária, muito mais alusiva daquilo que ocorreria com a criança durante este fenômeno do que em uma abordagem propriamente metapsicológica dos mecanismos ali em jogo. Nas palavras do autor:

Refiro-me à eclosão surpreendente e súbita, como ao toque de uma varinha mágica, de faculdades novas que surgem em resultado de um choque. Isso faz

---

<sup>1</sup> Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 77), o Complexo de Édipo pode ser definido como: “Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo”.

<sup>2</sup> A apresentação de Ferenczi em Wiesbaden data de setembro de 1932 e o texto ao qual temos acesso, no volume quatro da edição brasileira das Obras Completas de Sándor Ferenczi, publicadas pela WMF Martins Fontes e baseadas na edição francesa das obras do autor, data o texto de tal apresentação como de 1933. Em respeito à isto, as referências ao texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança* serão marcadas como (1933/2011).

pensar nos truques de prestidigitação dos faquires que, a partir de uma semente, fazem crescer, aparentemente diante de nossos olhos, uma planta completa, com caule, folhas e flores. (Ferenczi, 1933/2011, p. 119).

Na sequência desta citação, Ferenczi nos apresenta alguns conceitos que podem assumir o papel de guias para uma futura elaboração um pouco mais ampla deste fenômeno, referindo-se, por exemplo, a um sonho típico intitulado de bebê sábio, isolado pelo autor e abordado em um artigo curto anteriormente publicado (Ferenczi, 1923/2011). Ainda, observando a profunda descrição dos efeitos do trauma em crianças pequenas elaboradas pelo autor, em conjunto com passagens de seu *Diário clínico*<sup>3</sup>, um rico conjunto de anotações de pensamentos e observações clínicas efetuadas pelo autor entre janeiro e outubro de 1932 (Ferenczi, 1995), acreditamos ser possível planejar um percurso de estudo que possibilite então a satisfação do objetivo principal deste trabalho, uma exploração metapsicológica da noção de progressão traumática.

Sobre tal forma de exploração, à guisa de introdução, pode-se apontar que a metapsicologia se apresenta como a base teórica que sustenta a psicanálise em sua prática terapêutica, mas também como método de investigação. Desta forma, uma discussão que pretenda expor considerações metapsicológicas sobre um determinado fenômeno, precisaria considerar este em suas dimensões tópica, dinâmica e econômica. (Freud, 1920/2010; Honda, 2018).

Por dimensão tópica, entende-se que Freud trabalhava com a teoria de que o psiquismo poderia estar dividido em sistemas diferenciados um dos outros, que manteriam relações entre si. Sobre a dimensão dinâmica, compreende-se que ela diz justamente das relações estabelecidas entre os sistemas supostos na acepção tópica, sendo que dentre eles, relações conflituosas ocorreriam. Já a dimensão econômica, tem como pressuposto a ideia de uma energia quantificável que circularia por um aparelho psíquico, sendo que tal energia seria passível de sofrer alterações em sua quantidade e na forma como circularia por tal aparelho. (Laplanche & Pontalis, 2001).

Neste sentido, este trabalho consiste em uma pesquisa de caráter bibliográfico (Gil, 1991), pautado no estudo dos textos de Ferenczi, assim como nos de Freud. Em ambos autores buscamos selecionar textos que contribuam para as discussões aqui pretendidas, em especial em relação ao desenvolvimento do Eu<sup>4</sup> e ao papel do desprazer em tal desenvolvimento, assim

---

<sup>3</sup> Em inglês, na versão utilizada neste trabalho: “*The clinical diary of Sándor Ferenczi*”, daqui para frente, abreviado por *Diário Clínico*.

<sup>4</sup> Devido a divergências de tradução nas obras consultadas, pedimos ao leitor que onde encontrar o termo “ego” ou “Ego”, entenda por este o conceito de Eu ao qual aqui nos referimos, que será sempre grafado desta forma, com a inicial em maiúsculo. Sempre que “eu” aparecer, desta forma exata, em minúsculo, será na direção de algo da

como sua relação com a questão do trauma. Vale dizer também que por meio do estudo das obras de Freud é possível melhor compreender algumas ideias apresentadas por Ferenczi, tendo em vista que este último foi seguidor, aluno e colaborador do primeiro, como já mencionado. Assim, acredita-se que o estudo conjunto de alguns textos dos autores poderá proporcionar os elementos necessários e pretendidos para esta discussão.

Poderá ser observado nas breves explanações sobre os capítulos, expostas a seguir, que partiremos então do estudo do desenvolvimento do Eu conforme este se apresenta em alguns textos selecionados dos autores. Será dado foco em elementos explicativos das fases por meio das quais tal desenvolvimento pode ocorrer. Sobre a noção de desprazer, igualmente importante para nossa dissertação, pretende-se articulá-la com as explorações sobre o desenvolvimento do Eu e também com considerações de cunho econômico sobre o trauma, em referência ao dito acima sobre metapsicologia.

O que pretendemos dispor ao longo desta exposição, parte da compreensão inicial de que no fenômeno da progressão traumática temos em jogo elementos que aludem ao surgimento do Eu no início da vida. Portanto, envolveria a relação dinâmica deste com a realidade, a importância do desprazer como lastro para os movimentos de maior ou menor aceitação da realidade por parte do Eu, em suma, a formação do indivíduo enquanto tal, considerando suas relações iniciais com outras pessoas. Destacar-se-ia aí as experiências que lhe renderiam elementos com os quais se identificar ou introjetar, a pungência do trauma enquanto evento capaz de provocar reverberações significativas em todo este processo de desenvolvimento, assim como os mecanismos disponíveis para sobreviver a tal evento, ainda que com consequências.

Portanto, iniciaremos esta dissertação com um capítulo onde será prioritariamente abordado o desenvolvimento do Eu, que por si só constitui-se como um conceito psicanalítico trabalhado ao longo de décadas, tanto por Freud quanto por Ferenczi e outros psicanalistas. Buscaremos realizar um enquadre que procura expor a conexão deste desenvolvimento do Eu com um movimento que implica na capacidade do Eu de adaptar-se às demandas da realidade.

---

ordem do indivíduo, do sujeito, e não propriamente de uma instância psíquica. Como exemplo de tal questão, podemos apontar que na segunda edição das obras completas de Sándor Ferenczi, publicadas no Brasil pela editora WMF Martins Fontes, e que utilizamos nesta dissertação, temos o uso do termo “ego”, e não “eu”. Já nas obras completas de Sigmund Freud, de publicação da Companhia Das Letras e com tradução de Paulo César de Souza, também por nós utilizadas neste trabalho, temos o uso de “Eu” para se referir a tal instância psíquica. Mais esclarecimentos sobre opções possíveis de tradução de termos psicanalíticos oriundos da obra de Freud podem ser encontrados em *As palavras de Freud*, de Paulo César de Souza (2010).

Iniciamos com uma breve exposição sobre como Freud concebeu o Eu em 1895, em *Projeto de uma psicologia*<sup>5</sup>, assim como a apresentação de uma vivência pensada pelo autor como fundamental para a formação do Eu. Já na segunda seção, passaremos a analisar como Ferenczi, mesmo não tendo tido contato direto com as ideias presentes em *Projeto*, mantém-se numa linha de pensamento em que o desenvolvimento paulatino do Eu aparece estreitamente atrelado com a realidade e com as condições e as dificuldades que esta oferece para a adaptação de tal instância. Por fim, na terceira seção serão apresentados dois conceitos que recebem de Ferenczi importante papel no amadurecimento do Eu e nas fases pelas quais este passa.

No segundo capítulo adentraremos ao terreno do desprazer, inicialmente estudando-o a partir do texto de *Projeto*. Seguindo as indicações de Freud ali presentes, será possível compreender, na primeira seção, não só algumas consequências decorrentes do desprazer, mas igualmente como ele se impõe enquanto elemento necessário na compreensão do desenvolvimento do Eu, especialmente em estágios iniciais de tal desenvolvimento. Na segunda seção, será possível relacionar e refletir, a partir das considerações realizadas, sobre algumas fases do desenvolvimento do Eu, pensadas por Freud, e sobre como estas se configurariam no que diz respeito a relação do Eu com o ambiente externo.

Novamente, as reflexões de Ferenczi sobre o desenvolvimento psíquico infantil virão em auxílio de nossa discussão neste capítulo. O autor considera também o papel do desprazer em tal desenvolvimento, vendo este como um elemento central na forma como a criança relaciona-se tanto com a realidade externa quanto com consigo mesma. Determinados estágios de desenvolvimento do desenvolvimento do Eu poderão ser isolados, apresentados e melhor compreendidos por meio da integração da leitura dos dois autores.

O terceiro capítulo será iniciado com uma exposição mais direta sobre alguns elementos relacionados à uma forma de pensar o trauma em psicanálise. Busca-se explicitar tais elementos por meio de uma abordagem que pode se chamar de metapsicológica, da qual se espera possibilitar uma reflexão sobre determinados fenômenos psíquicos, como, por exemplo, algumas reações do Eu diante de excitações traumáticas. Aqui, a primeira seção tomará como embasamento principal algumas considerações de Freud sobre o trauma ao longo de sua obra, com o intuito de proporcionar alguns elementos textuais importantes sobre este.

Já a segunda seção deste terceiro capítulo tomará como fio condutor de sua exposição um dos últimos textos de Ferenczi, *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. Seguindo

---

<sup>5</sup> Daqui para a frente, abreviado por *Projeto*.

tal linha, serão expostas algumas ilustrações propostas pelo autor húngaro de algumas cenas traumáticas e suas consequências para uma criança pequena.

O quarto capítulo, em consonância com as exposições feitas no capítulo que o antecede, terá como objetivo específico a discussão de uma das consequências possíveis de um trauma, a saber, uma defesa que se pode chamar de patológica, tomada pelo Eu em uma situação traumática, e que resulta na clivagem deste. Para tanto, apresentaremos na primeira seção, a partir de obras de Freud, alguns elementos textuais que auxiliam na reflexão desta forma de defesa patológica. Já a segunda seção, buscará expor, tomando como base os textos de Ferenczi, mais alguns elementos teóricos que auxiliam no estudo desta clivagem executada pelo Eu. Serão também apresentadas algumas considerações do autor húngaro sobre a importância da recepção da família à uma criança recém-nascida. A terceira seção, por sua vez, apresentará enfim uma discussão metapsicológica sobre tal clivagem do Eu como consequência de um trauma, que poderá ser então relacionada com a progressão traumática, que será abordada mais diretamente no quinto capítulo.

O quinto e derradeiro capítulo, em semelhança aos capítulos anteriores, começará expondo algumas bases teóricas que possibilitarão fundamentar de forma mais específica a discussão pretendida. O objetivo deste capítulo é investigar de maneira mais dedicada o que estaria em jogo no movimento propriamente progressivo observado na progressão traumática. Para tanto, na primeira seção, serão retomadas ideias apresentadas no primeiro capítulo que dizem respeito a constituição do Eu e das relações que este estabelece com os objetos que o circundam. Na segunda seção, será explorada a situação e as consequências de uma identificação do Eu com um objeto perdido, além de apontar como tal mecanismo psíquico poderia estar presente na adaptação do Eu ao ambiente. Já a terceira seção terá o intuito de promover uma exposição mais específica sobre alguns dos mecanismos psíquicos que estariam em jogo no fenômeno da progressão traumática e como esta poderia ser pensada como um mecanismo que promove à criança algum nível de adaptação necessária à sobrevivência em determinados meios.

## CAPÍTULO 1

### O DESENVOLVIMENTO DO EU EM FREUD E EM FERENCZI

Em psicanálise, o conceito de Eu pode ser encontrado, já com uma boa dose de desenvolvimento, em *Projeto*, de Freud (1895/2003), escrito durante o ano de 1895, mas publicado postumamente apenas em 1950. Tal demora na publicação se deve ao fato de que o próprio Freud era veementemente contrário à sua publicação, que só ocorreu graças aos esforços de Marie Bonaparte, que encontrou o manuscrito do texto entre as correspondências de Freud e Fliess (Gabbi, 2003).

Tal manuscrito revelava em *Projeto* um texto composto em sua maioria por investigações neurológicas, e sobre tal campo de conhecimento Freud pretendia se sustentar, tentando ali lançar bases para uma psicologia científica e naturalista. Entretanto, é possível vislumbrar já neste texto a presença de ideias que posteriormente seriam retomadas como base para o desenvolvimento de conceitos fundamentais da psicanálise, como é o caso do Eu, que será abordado ao longo deste capítulo (Gabbi, 2003; Monzani, 2014).

O que procuraremos enfatizar ao estudar brevemente este texto na primeira seção, é a forma como Freud constrói toda uma estrutura de conceitos que, concatenados, possibilitam compreender a gênese do Eu e suas funções, principalmente uma destas que é voltada para a sobrevivência do organismo perante as demandas da vida.

Duas justificativas merecem ser expostas em relação a opção tomada de recorrer-se a um texto de Freud de 1895, para dar início às considerações sobre o desenvolvimento do Eu.

A primeira delas consiste no fato já mencionado de que Ferenczi era discípulo direto de Freud, e até onde pudemos observar, não se opôs diretamente a boa parte dos conceitos psicanalíticos elaborados por ele, sendo que o trabalho de Ferenczi, em muitas ocasiões, seguia em direção a expansão e revisão de conceitos em discussão no meio psicanalítico. Nem por isso Ferenczi deixou de proporcionar inovações originais tanto para a técnica quanto para a teoria psicanalítica. Na segunda seção deste capítulo espera-se demonstrar tal afirmação para o leitor, expondo as observações de Ferenczi sobre o desenvolvimento do Eu e dois conceitos envolvidos em tal processo (Bokanowski, 2000).

A segunda justificativa deve retomar algo já dito, pois, mesmo tendo sido publicado apenas em 1950, muito do que se apresenta em *Projeto* pode ser compreendido como solo inicial do qual Freud utilizou para desenvolver conceitos psicanalíticos amplamente aceitos. A

opção por tal texto de Freud baseia-se nas possíveis reflexões proporcionadas pelas noções envolvidas no desenvolvimento do Eu apresentadas em tal escrito.

Ainda, ao final desta primeira seção, busca-se apontar como as ideias de *Projeto*, pelo menos no que diz respeito a uma determinada função executada pelo Eu, persistem em um texto freudiano de 1911, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*<sup>6</sup>, este sim, diretamente estudado e referenciado por Ferenczi em alguns de seus trabalhos que versam sobre o desenvolvimento do Eu.

Portanto, na segunda seção pretende-se abordar o texto ferencziano *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*<sup>7</sup>, publicado em 1913, no qual o autor exemplarmente demonstra seu trabalho no sentido de expandir o campo conceitual psicanalítico. Apresenta alguns estágios pelos quais o desenvolvimento do Eu passaria até alcançar um determinado patamar de maturidade.

Mantendo tal texto em mente, ao acrescentar-se em nesta discussão outros dois textos ferenczianos, *Transferência e introjeção*, de 1909, e *O problema da afirmação do desprazer*, de 1926, será possível observar um quadro mais complexo onde Ferenczi coloca em jogo dois conceitos psicanalíticos e os eleva ao patamar de fases do desenvolvimento do Eu. Disto, torna-se possível extrair de seu pensamento conclusões importantes para a compreensão do tema central desta dissertação.

## 1.1 O desenvolvimento do Eu em *Projeto de uma psicologia de Freud*

Fazendo uso de formulações quantitativas e termos preponderantemente neurológicos, Freud (1895/2003) constrói em *Projeto* um modelo de aparelho capaz de explicar, em seus próprios termos e com devidas limitações, processos psíquicos fundamentais, como memória, consciência, atenção, vivência de satisfação e vivência de dor, além de uma gênese possível para uma estrutura capaz de efetuar regulações e inibições dentro deste aparelho. Tal estrutura é chamada de Eu. O objetivo nesta seção é de apresentar elementos textuais que possibilitem demonstrar ao leitor como ocorreria uma vivência de satisfação, um problema que se impõe ao aparelho diante desta, e como o Eu, cuja gênese será abordada, tem como sua principal função tentar solucionar tal problema.

---

<sup>6</sup> Daqui para frente, abreviado por *Formulações*.

<sup>7</sup> Daqui para a frente, abreviado por *Desenvolvimento*.

A vivência de dor, em correlação com a vivência de satisfação, é também abordada por Freud em *Projeto*. No entanto, acredita-se ser mais adequado e proveitoso guardar a exploração mais detalhada de como o aparelho se comporta diante da dor para o segundo capítulo deste trabalho. Lá, esta servirá como base para pensar um conjunto de outras considerações sobre o desprazer e as defesas do Eu diante deste, tomando como base tanto Freud quanto em Ferenczi.

Freud elege em *Projeto* o neurônio como elemento básico constituinte do aparelho que ali busca descrever, sendo mesmo cabível concebê-lo como um aparelho neuronal<sup>8</sup>, pelo qual circularia uma quantidade, representada por Q, que por sua vez seria o combustível responsável por colocar o aparelho em movimento. Esta Q poderia ter origem endógena, oriunda dos próprios processos orgânicos do indivíduo, ou externa, oriunda dos estímulos eliciados pelos objetos externos. Seria a função principal do aparelho neuronal se livrar destes estímulos, independentemente de sua origem, mantendo o nível de excitação igual a zero. Freud denomina esta tendência que busca um nível de excitação igual à zero como princípio da inércia.

Neste sentido, considerando em primeiro lugar a Q de origem externa, oriunda, por exemplo, da percepção de um perigo, Freud explica que este princípio seria respeitado sem grandes dificuldades. Esta Q de origem externa chegaria ao indivíduo através dos órgãos dos sentidos - tato, olfato, paladar, audição -, que funcionando como um filtro anteposto ao aparelho, provocaria um amortecimento inicial de tais estímulos. O restante da Q que atingisse então o aparelho seria direcionada para as inervações musculares e glandulares, com o intuito de proporcionar ações físicas voltadas para a luta ou fuga daquele perigo. Caso uma destas duas ações obtenha sucesso, a fonte de excitação seria eliminada e o equilíbrio do aparelho restaurado, sendo que a Q afluyente do meio externo seria equivalente aquela descarregada pela ação reflexa de fuga ou luta, restabelecendo, portanto, o nível de energia igual a zero.

No entanto, não é isto que ocorreria com a Q de origem interna. Esta, justamente por sua origem atrelada aos processos orgânicos - fome, sede e sexualidade, por exemplo -, não poderia ser eliminada por meio da fuga. Tais necessidades infringem o princípio de inércia desde sua origem, como pensa Freud, pois demandam uma ação determinada para serem descarregadas. Sendo assim, uma modificação daquele princípio inicial se impõe, tornando-se necessário ao aparelho suportar uma certa Q em seu interior que poderia ser utilizada, quando

---

<sup>8</sup> Considerando a já citada origem de pensamento, a preponderância de termos e o objetivo geral de Freud em *Projeto*, parece coerente definir o aparelho aqui construído como neuronal. No entanto, tal aparelho se torna responsável por funções psíquicas, como memória e atenção, por exemplo, portanto, parece ser possível denominá-lo de um aparelho neuropsíquico, já em 1895. Para evitar confusões, daqui para frente utilizaremos o termo aparelho psíquico para nos referirmos a tal aparelho, sem deixar de considerar, no entanto, o caráter mecânico, dinâmico e quantitativo denotado pelo uso dos neurônios como elemento base de tal aparelho.

necessário, em determinadas ações que levariam a satisfações específicas. O objetivo do aparelho passaria a ser, então, o de encontrar um nível constante de Q que fosse suportável e permitisse a homeostase<sup>9</sup> do indivíduo.

Perante tal alteração na tendência regente do aparelho, seria possível realizar uma ação específica, capaz de saciar a necessidade de origem interna em sua fonte, o próprio corpo. É preciso ter em mente que esta ação específica visa uma alteração no meio externo tal como ele se apresenta no momento, ou seja, incapaz de aplacar a estimulação interna. O acúmulo de energia suportado pelo aparelho teria como objetivo direcionar e permitir a ação do indivíduo em prol desta mudança.

A guisa de ilustração, pensa-se na busca por alimento como um exemplo de ação específica. Caso o indivíduo se encontre em um ambiente desprovido de alimentos adequados e seja afetado por uma fome em grau digno de atenção, lhe seria impossível fugir de tal estímulo, e parece muito improvável que uma ação descoordenada fosse capaz de levá-lo ao encontro de alimento, a não ser por mera sorte. Portanto, a energia deveria ser armazenada e direcionada para ações intermediárias que levariam ao encontro do objeto capaz de aplacar a fome, o alimento. Caçar, plantar, colher ou mesmo comprar alimento seriam exemplos simples destas ações.

No entanto, e isto é de grande importância, aqui leva-se em consideração o desempenho de um humano adulto capaz de agir por conta própria, e não é este o exemplo pensado por Freud em *Projeto*, e sim o de um bebê humano muito novo, desamparado e incapaz de realizar por conta própria uma ação específica. Logo à frente será abordada como a ação específica ocorre no caso deste bebê, de maneira concomitante com o estudo da vivência de satisfação e de algumas das ideias que com ela se interligam. Antes disso, mais algumas considerações sobre o aparelho pensado em *Projeto* devem ser apresentadas.

Levando em conta então esta nova necessidade que se impõe ao aparelho, de conservar energia para realizar ações específicas em momentos apropriados, Freud julga plausível pensar em pelo menos dois grupos de neurônios específicos presentes em tal aparelho. Isto porque torna-se necessário, ao mesmo tempo, que seja possível ocorrer a retenção de energia em uma camada mais profunda do aparelho, e ainda, que a já citada ação reflexa de luta ou fuga não fosse obstruída ou excluída. Em outros termos, essa discussão se apresenta em *Projeto* de forma pungente na distinção entre consciência e memória, temas que não iremos abordar aqui de

---

<sup>9</sup> Segundo o *Dicionário Escolar: Língua Portuguesa* (Oliveira, 2017, p. 271), homeostasia é um termo da biologia que corresponde a um “processo de regulação pelo qual um organismo mantém constante o seu equilíbrio”.

maneira aprofundada, mas que servem como indicadores desta distinção neuronal a que Freud se vê obrigado a recorrer.

Ao escrever o *Projeto*, Freud pretendia defender a hipótese de que os neurônios seriam anatomicamente idênticos. Então, para que os neurônios exercessem funções distintas, como no caso em que estamos analisando – reter Q quando necessário, por um lado, e se manter disponível para novos afluxos de Q, por outro - seria necessário que algo no entorno deles ou algo do âmbito funcional destes fosse responsável por tornar possível tal diferença. A resposta vem através do conceito das barreiras de contato, que se localizariam entre os neurônios. Seriam estas barreiras que ocupariam o micro espaço de comunicação entre o final de um neurônio e o começo de outro, sendo que elas teriam como principal característica uma maior ou menor permeabilidade, ou seja, uma maior ou menor resistência imposta para as Qs que transitam pelo aparelho.

Freud (1895/2003) nos indica que a permeabilidade das barreiras de contato se daria de acordo com as necessidades que cada grupo de neurônios precisaria encarar em suas atividades. Neste sentido, os neurônios voltados para o exterior, responsáveis pela percepção e consciência, localizados na periferia do aparelho e que lidam principalmente com Qs de origem externa, teriam barreiras de contato mais permeáveis, e que, portanto, seriam mais flexíveis e facilmente transponíveis, podendo retornar ao estado em que estavam anteriormente à passagem de Q. Retorno este necessário para que seja possível justamente o fenômeno da consciência, que demanda disponibilidade para os novos estímulos, sem que a influência de estímulos anteriores se mantenha efetiva e atrapalhe a percepção.

Quanto ao outro grupo de neurônios, suas barreiras de contato imporiam maior resistência à passagem de Q. Estas barreiras seriam menos flexíveis, o que traria como resultado principal a situação em que quando uma Q conseguisse superar tal resistência, a barreira resultaria permanentemente modificada. Isto equivale dizer que um caminho se forma através dos neurônios, caminho guiado pela alteração na resistência das barreiras de contato.

Se a passagem de Q por tais barreiras deste grupo de neurônios torna tais barreiras menos resistentes, é compreensível dizer que numa próxima ocasião em que Q esteja transitando por aqueles neurônios, ela terá a tendência de seguir o caminho já percorrido anteriormente, o caminho agora de menor resistência. A este fenômeno, Freud denomina facilitação, através do qual uma economia de energia é possível, ao passo em que a Q automaticamente flui por este caminho de menor resistência e nele busca encontrar o destino de outrora.

Ainda sobre a facilitação, vale dizer que ela tende a tornar neurônios comunicantes associados entre si, devido à presença constante de Q nos mesmos. Toda vez que Q chegasse aqueles neurônios, ela os atingiria com facilidade, pois a resistência das barreiras seria facilmente sobrepujada, até se deparar com uma barreira cuja resistência não consiga transpor. Nos termos do *Projeto*, isto equivale dizer que um grupo de neurônios facilitados entre si formaria uma representação psíquica de algo, seja de um objeto percebido, de um movimento muscular de liberação, ou mesmo de uma necessidade.

Antes ainda de abordar-se a vivência de satisfação, faz-se necessário realizar uma breve explicação acerca do conceito de prazer, e seu correlato, o desprazer, tal como ambos figuram nas páginas do *Projeto*. Isto porque ambos são fundamentais para compreender a motivação do aparelho em busca de satisfação e a importância que tal vivência adquire para o ser humano.

Portanto, nos termos do *Projeto*, têm-se que a presença de grandes estímulos exógenos, ou a excitação endógena não descarregada, que se acumulam no interior do aparelho, causam a sensação consciente de desprazer. Neste sentido, um aumento e uma presença de grandes quantidades de Q e sensação de desprazer podem ser compreendidos como correlatos. Por outro lado, a descarga, a realização da necessidade que promovia o acúmulo de tensão, é conscientemente percebida como prazerosa. Ou seja, a descarga ou a diminuição da tensão seriam como equivalentes da sensação de prazer.

De forma geral, aqui pode ser visto ainda que de maneira superficial o que seria descrito como o princípio de prazer para Freud. Tal princípio diz respeito a tendência automática e urgente para a descarga da tensão presente no aparelho, e também uma tendência equivalente para evitar ou fugir de objetos que causem um aumento de tensão. Uma certa semelhança pode ser observada entre o já citado princípio de inércia e o princípio de prazer. No primeiro caso ter-se-ia como objetivo alcançar um nível de estímulo igual à zero. No segundo caso, o que parece mais importante seria a tendência de eliminação da tensão percebida como desprazerosa, sem visar mesmo a obtenção de prazer como objetivo final de tal ação eliminatória. Em sua formulação inicial, o nome princípio de desprazer pareceu mais adequado para Freud (Laplanche & Pontalis, 2001).

Portanto, após tais esclarecimentos, pode-se observar como a vivência de satisfação figura em *Projeto* (1895/2003). Vale lembrar, será levado em consideração a situação de um bebê humano recém-nascido diante da vivência inicial frente ao surgimento de uma necessidade interna. Aqui trata-se da possibilidade de uma vivência primordial, que deixará marcado caminhos que atuarão como guia para vivências posteriores seguirem de maneira automática.

O bebê humano se encontra em uma situação tal que diante de uma necessidade interna, é incapaz de desenvolver uma ação específica capaz de aplacar a tensão. De maneira simples, um bebê não consegue se levantar e ir até a geladeira pegar comida, pois ele depende da ajuda de outros, adultos, para ser alimentado. É interessante frisar esta concepção freudiana sobre o desamparo estrutural humano, apontando a relação indispensável de cuidado por parte dos adultos para com a criança, já presente nas concepções do autor em 1895.

Para Freud (1895/2003), o que ocorreria então seria que diante do acúmulo de estímulos corporais, um processo de somação destes culminaria em uma representação psíquica de necessidade, que logo é sentida como desprazerosa, devido ao aumento de tensão interna que representa. Uma resposta automática de modificação interna pela via de inervações musculares e glandulares seria efetuada pela criança, levando à descarga de estímulos através de ações reflexas, como o choro, o grito ou o esperneio. Estas ações, como pode-se entender, não seriam eficazes em saciar a fonte de estimulação endógena correspondente a fome. É demandada uma ação específica que leve ao encontro de alimento e aplaque a necessidade. Sendo assim, se deixado por conta própria, o bebê humano invariavelmente morreria de inanição ou de qualquer outro mal que não pudesse superar por conta própria.

No entanto, estando presente um adulto dedicado aos cuidados do bebê, o choro seria compreendido como um sinal de que algo não vai bem com a criança. Para todos os efeitos, o choro não possui ainda um valor comunicativo para o bebê, tal valor irá se constituir aos poucos. No entanto, o adulto sim é capaz de perceber em tal ação do bebê um sinal de que este passa por alguma necessidade, no caso, a fome. Desta forma, o adulto proveria o alimento necessário, seja por meio da apresentação da mamadeira, do seio ou afins. Aqui se faz presente a vivência de satisfação em todos os seus elementos, começando com o surgimento de uma necessidade, uma ação específica realizada, ainda que por outro,<sup>10</sup> e o encontro da satisfação. Nas palavras de Freud:

Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, então este foi capaz, por meio de dispositivos reflexos, de executar sem demora o desempenho necessário no interior de seu corpo para cancelar o estímulo endógeno. Assim, a totalidade representa uma *vivência de satisfação*, tendo as consequências mais decisivas para o desenvolvimento funcional do indivíduo (Freud, 1895/2003, p. 196, *itálicos no original*).

---

<sup>10</sup> Como será visto mais à frente, a criança não percebe o adulto de forma objetiva, pois tal capacidade se adquire apenas paulatinamente e diante de importantes mudanças no funcionamento do aparelho. A própria percepção e compreensão da realidade de uma maneira objetiva se constitui como importante questão para Freud (1911/2010, 1915/2010, 1930/2010) e Ferenczi (1913/2011, 1926/2011), nos escritos de ambos autores que abordam o desenvolvimento do Eu em direção a realidade.

Para Freud, estas consequências se dariam pelas alterações que a vivência de satisfação inscreve no aparelho neuropsíquico do bebê, especialmente através das facilitações deixadas nas barreiras de contato quando da passagem de Q. Tal passagem delimitaria um caminho que interligaria representações mentais da necessidade que se impôs, da ação que se desenvolveu, do objeto que surgiu e aplacou a necessidade, e, por fim, da imagem motora da satisfação que ocorreu.

Freud (1895/2003) revela que, no que consta para as facilitações, uma ocupação por parte de Q de um neurônio adjacente à um outro neurônio funciona tão bem quanto uma barreira de contato por onde uma boa dose de Q passou. Ou seja, fazendo uso da lei de associação por simultaneidade, ele diz que entre o grupo de neurônios ocupados que representam a necessidade – fome - e o grupo de neurônios ocupados que representam a imagem do objeto apresentado - seio ou mamadeira - se estabelece uma facilitação. Ainda, a partir deste último grupo de neurônios se estabelece também um caminho facilitado até um terceiro grupo de neurônios, correspondente a mencionada imagem motora da satisfação.

Desta forma, apresenta-se um circuito em três partes, cujos caminhos se tornaram facilitados devido a passagem de Q. Talvez o que se observe de mais decisivo nesta formação é que se tem na vivência de satisfação original o legado de um percurso que inexoravelmente será percorrido novamente toda vez que aquela necessidade se apresentar. Assim, sempre que o grupo de neurônios representantes da fome for ocupado por Q, esta tenderá a seguir pelo caminho outrora trilhado e que levou a satisfação, e em meio a isso, parece natural que se espere reencontrar tanto o objeto quanto a satisfação da vivência inicial.

Um problema, no entanto, se coloca diante de Freud, ou melhor, diante do aparelho que o autor busca colocar em movimento. Pois se, perante o acúmulo de tensão interna, automaticamente ocorreria da Q percorrer aquele mesmo caminho preferido, é preciso considerar qual seria o resultado desta reanimação da imagem do objeto de desejo quando ele não se encontra disponível na realidade concreta. Para Freud, isto resultaria na ocupação dos neurônios representantes do objeto sem que o mesmo estivesse presente na realidade externa, o que, portanto, inviabilizaria a satisfação da necessidade, que, como já visto, demanda uma ação específica capazes de promover a satisfação na fonte da necessidade. Nas palavras do autor:

Não tenho dúvidas de que essa animação desiderativa<sup>11</sup> resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em *alucinação*. Se em consequência disso a ação reflexa for iniciada, não há como não faltar a desilusão (Freud, 1895/2003, p. 197, *itálicos no original*).

A desilusão mencionada por Freud ocorreria pois com a reanimação do circuito que anteriormente levou à satisfação, se espera que uma experiência semelhante ocorra. No entanto, como a reanimação da imagem do objeto ocorreria diante de uma necessidade que se impõe, um sobreinvestimento da mesma teria curso sem levar em consideração a realidade externa, ou seja, sem observar se o objeto está presente concretamente ou não. Como resultado de tais processos, ocorreria um fenômeno como o da alucinação. Desta forma, o aparelho como que engana a si mesmo, e como o objeto não se apresentou concretamente, ocorre a decepção por não se ter obtido a descarga da excitação.

Esta ativação automática do circuito da vivência de satisfação ocorre devido a regência do princípio do prazer sobre o funcionamento do aparelho neuronal. São estes processos do aparelho, que funcionam de maneira automática, obedientes a busca por prazer e de certa forma ignorantes do que se apresenta na realidade objetiva, que Freud (1900/2017) chama de processos primários.

O aparelho psíquico precisaria encontrar uma forma de frear estes processos primários, caso contrário, cindiria com a realidade, e buscando satisfação apenas na alucinação, levaria o organismo como um todo à morte. De maneira simples, pode-se supor que uma resolução possível para este problema seria que o aparelho, de alguma maneira, fosse capaz de inibir momentaneamente o fluxo de Q em direção aos neurônios representantes do objeto, aguardando até o momento em que este se apresentasse concretamente na realidade. No entanto, para que tal inibição seja possível, Freud precisou supor a ação de um Eu, capaz de exercer influência sobre tais processos primários.

Para o estudo de como se daria a formação do Eu no *Projeto*, é preciso ter em mente a ideia de uma tendência a manter em um nível constante a tensão interna do aparelho. Esta prega pela necessidade de que uma determinada quantia de Q se mantenha constante no aparelho, algo que leva em conta, por sua vez, a ideia de facilitação entre os neurônios, mencionada anteriormente. Neste sentido, a presença constante de Q em um grupo de neurônios nucleares

---

<sup>11</sup> O termo desiderativo, utilizado por Freud, se refere a reativação dos caminhos que anteriormente levaram à satisfação, tentando reencontrar através destes, aquela mesma satisfação outrora obtida. Portanto, animação desiderativa diz respeito ao circuito do desejo, desta repetição da busca pelo prazer que se daria após uma experiência inicial de satisfação. Conferir em Freud (1895/2003) e Gabbi Jr. (2003).

de Psi<sup>12</sup> provocaria uma facilitação entre as barreiras de contato dos mesmos, resultando assim que este grupo de neurônios converta-se em uma massa neuronal constantemente ocupada por Q.

Esta Q que estaria constantemente ocupando o grupo de neurônios correspondentes ao Eu é chamada por Freud de quiescente ou ligada, em contraposição à Q que circula livremente pelo aparelho.<sup>13</sup> O Eu teria domínio sobre esta Q ligada, e com ela lhe seria possível atuar nos processos primários automáticos em curso no aparelho, transformando Q livre em Q ligada, ou seja, promovendo processos secundários. Neste sentido, o Eu serviria mesmo como “*portador de armazenamento exigido pela função secundária*” (Freud, 1895/2003, p. 200, itálicos no original).

A forma como o Eu atuaria sobre estes processos primários, transformando-os em processos secundários, seria através do que Freud chamou de ocupações laterais. Estas seriam uma espécie de desvio que, enquanto sustentado pelo Eu, seria capaz de redirecionar a Q por um determinado período de tempo, ou seja, transformá-la em Q ligada.

Estas ocupações laterais seriam eficazes, pois como já visto, um neurônio ocupado atua como uma facilitação nas barreiras de contato dos neurônios adjacentes. Isto quer dizer que ao ocupar um neurônio localizado lateralmente ao percurso trilhado por Q durante a vivência de satisfação, o Eu seria capaz de impedir que ela chegasse até o grupo de neurônios responsáveis pela imagem do objeto desejado. Investindo energia de seu reservatório em um neurônio adjacente, que então funcionaria como uma facilitação, o Eu desviaria o curso de Q e evitaria a animação e conseqüente alucinação do objeto. Tal ocupação poderia ser sustentada até que se apresentasse na realidade o objeto desejado, momento em que se permitiria a concretização do circuito.

Finalmente, de maneira ainda introdutória, assim teria sido descrito o funcionamento psíquico pautado pelos processos secundários, que de principal trazem a presença e atuação

---

<sup>12</sup> Freud (1895/2003) distingue o aparelho que descreve em *Projeto* em três grupos neuronais diferentes.  $\Phi$ ,  $\Psi$  e  $\omega$ . De maneira geral, temos  $\Phi$  como o grupo que recebe os estímulos vindos de fora, e que estaria relacionado com a percepção,  $\Psi$ , subdividido em  $\Psi$  do manto, que recebe estímulos exógenos a partir de  $\Phi$ , e  $\Psi$  do núcleo, que recebe estímulos endógenos das células corporais, e por fim,  $\omega$ , que estaria relacionado com os processos de consciência. Nesta dissertação, não abordaremos de maneira muito elaborada estas divisões entre os grupos de neurônios, com exceção, a esta menção de  $\Psi$  do núcleo em sua relação com a gênese do Eu em *Projeto*.

<sup>13</sup> Nos termos do *Projeto*, energia livre seria aquela que circularia livremente pelo aparelho, regulada pelo princípio de inércia, sem qualquer forma de inibição. Esta energia corresponderia à que está em jogo nos processos psíquicos primários, e que seguiria cursos pré-determinados de eliminação – como os deixados pela vivência de satisfação, indiferente à realidade. Já a energia ligada, seria aquela sobre a qual o Eu exerce alguma forma de regulação, postergando ou mesmo inibindo seu curso pelo caminho facilitado, levando em consideração as demandas da realidade. Ainda, tal energia ligada seria correspondente aos processos psíquicos secundários. Esta segunda forma da energia envolveria um estado funcional mais evoluído se comparado com o estado do aparelho em que predomina a primeira. (Laplanche & Pontalis, 2001).

inibitória do Eu em processos automáticos. Este funcionamento secundário leva em consideração a realidade, em oposição ao funcionamento psíquico primário, que a ignora. Sendo assim, parece ser plausível reconhecer nos processos secundários uma submissão à imposição da realidade como aquela que pauta as possibilidades de satisfação das necessidades.

Contudo, é preciso anotar que tal reconhecimento da importância da realidade não deixa de trazer ganhos em termos de prazer, pois como visto, os processos primários, por se desenrolarem sem considerar as demandas da realidade, como a presença real do objeto desejado, acabam resultando em desprazer.

Em 1911, no texto *Formulações*, Freud, agora com uma linguagem mais psicanalítica e menos neurológica, permite retomar e apontar alguns acréscimos conceituais em relação a este jogo que se desenrola entre os processos primários e secundários no desenvolvimento do Eu e em sua relação com a realidade externa.

Em conformidade com o que apresenta em *Projeto*, Freud (1911/2010) propõe o desenvolvimento do Eu como ocorrendo paulatinamente, conforme as dificuldades para a realização das necessidades se apresentem de maneira mais complexa. Se por um lado a busca pela satisfação se mantém em um nível primário, subserviente ao princípio de prazer, por outro, o Eu, através do pensamento, torna-se o responsável por suspender a descarga até que o momento oportuno se apresente para a liberação:

A suspensão da descarga motora (da ação), que se tornou necessária, foi arranjada mediante o *processo de pensamento* que se formou a partir do imaginar. O pensar foi dotado de características que permitiriam ao aparelho psíquico suportar a elevada tensão dos estímulos durante a suspensão da descarga (Freud, 1911/2010, p. 114, entre parênteses e em itálicos no original).

Como já abordado, esta capacidade de suspender processos automáticos é considerada uma das principais características do Eu no *Projeto*. Tal capacidade, por sua vez, só é alcançada “ao se elevar o nível de todo o processo de investimento” (Freud, 1911/2010, p. 114), ou seja, somente com a capacidade do Eu de suportar o acúmulo de tensão interna, sem descarregá-la automaticamente, é que se torna possível a conversão de um processo primário em um processo secundário.

Uma última citação de Freud se mostra relevante na tentativa de evitar possíveis equívocos acerca destes dois modos de funcionamento:

Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda.

Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois (Freud, 1911/2010, p. 117).

Em tal citação considera-se que o princípio de realidade precisa ser sustentado até o final da vida em contraposição ao princípio de prazer, que, portanto, nunca seria plenamente deposto de seu cargo. Isto permite compreender também que o Eu se coloca em eterno conflito perante as forças que subsistem sob o domínio do princípio do prazer e as demandas cada vez mais complexas da realidade.

Tendo em mente a importância que tais fases de desenvolvimento do Eu pensadas por Freud possuem para esta dissertação, é oportuno introduzir as noções de Eu-realidade inicial e Eu-de-prazer purificado. Pensadas como fases de desenvolvimento do Eu, estas noções são abordadas por Freud já em 1911, em *Formulações*, onde aparecem sob a forma dos conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade, mas também, e principalmente, nos textos: *Os instintos e seus destinos*, de 1915; *A negação*, de 1925; e também em *O mal-estar na civilização*<sup>14</sup>, de 1930. Entretanto, a leitura inicial destes textos revela algumas flutuações na terminologia que Freud adota para definir tais estágios do Eu.

Diante destas flutuações nos textos freudianos, e tendo em mente que tais fases de desenvolvimento do Eu pensadas por Freud possuem para nossa dissertação, propõe-se efetuar uma breve exposição, pautada nos textos citados acima, que seja capaz de demonstrar tanto tais flutuações terminológicas quanto propor, a partir destas, uma delimitação, ainda que provisória, para o uso de Eu-realidade inicial e Eu-de-prazer purificado. Vale ressaltar, tal delimitação, apesar de pautada nos textos de Freud, não busca propor nada mais do que um uso determinado para os fins desta dissertação, e não uma delimitação clara de tais conceitos, algo impensável de se realizar em apenas alguns parágrafos dedicados a tal discussão<sup>15</sup>.

Portanto, no texto de 1915, Freud (1915/2010) postula a hipótese de que no início da vida o bebê humano tem suas necessidades satisfeitas de maneira na qual não precisa levar em consideração a existência de uma realidade externa e suas demandas. A isto corresponderia um estágio em que o bebê, sem ter uma compreensão nítida de que existe algo como uma mãe que lhe provê alimento, experimenta a vivência de satisfação de tal maneira que pode ignorar tudo o que não se relaciona com o que ele sente em termos de prazer e desprazer. Neste momento o

---

<sup>14</sup> Daqui para a frente abreviado por *Mal-estar*.

<sup>15</sup> Para ver mais, conferir o verbete *Ego-prazer – Ego-realidade ou Eu-prazer – Eu realidade*, em Laplanche e Pontalis (2001). Ainda, sobre a grafia utilizada para os termos em questão – Eu-realidade, sem a partícula “de”, e Eu-de-prazer, com a partícula “de” -, optamos por assim manter em nosso trabalho, por estar em conformidade com a utilizada nas traduções das obras completas de Freud, publicadas pela editora Companhia das Letras.

bebê “coincide com o que é prazeroso, o mundo externo com o que é indiferente” (1915/2010, p. 74). Freud nomeia esta modalidade do Eu como um Eu-realidade inicial.

É importante notar, entretanto, que em *Mal-estar*, de 1930, Freud parece continuar trabalhando com a hipótese de uma fase de desenvolvimento do Eu em que este coincidiria com o que é prazeroso e o mundo externo com o que é indiferente, mas não chega a nomeá-la da mesma forma que fez em 1915. Nas palavras do autor: “O bebê lactante ainda não separa seu Eu de um mundo exterior, como fonte das sensações que lhe sobrevêm. Aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta a estímulos diversos” (Freud, 1930/2010, p. 18).

Baseados exclusivamente nesta citação de 1930, parece ser possível afirmar que neste momento o autor ainda considera plausível pensar uma fase de desenvolvimento do Eu em que o mundo externo seria indiferenciado, ainda que este seja responsável por promover estímulos que atingem a criança. Entretanto, nada expresso de maneira direta em tal citação parece indicar ou justificar a ideia de que o Eu seria equivalente ao que é prazeroso.<sup>16</sup>

É possível notar ainda na mesma citação que, apesar de indiferente, o mundo externo não deixa de causar estímulos e apresentar objetos para o bebê, possibilitando mesmo a vivência de satisfação, ainda que com o auxílio de um adulto. A partir disto, duas situações podem ser pensadas, segundo Freud, em 1930, que levarão o recém-nascido a iniciar uma diferenciação entre o que é o Eu e o que é o mundo externo. A primeira destas situações seria a percepção de que determinados objetos não fazem parte de si mesmo, no sentido de que não estão o tempo todo presentes e à disposição do lactente. “É assim que ao Eu se contrapõe inicialmente a um ‘objeto’, como algo que se acha ‘fora’ e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer” (Freud, 1930/2010, p. 18).

Tal citação de Freud pode ser melhor compreendida recorrendo-se ao esquema da vivência de satisfação, conforme apontado acima. Nesta, o bebê nada sabe da realidade objetiva, em que existe uma mãe que lhe apresenta objetos capazes de promover satisfação. No entanto, destaca-se que a criança começa a vislumbrar que o objeto capaz de aplacar a necessidade não faz parte dela mesma.

Continuando, a segunda situação apresentada por Freud como capaz de colocar em movimento essa distinção inicial entre o Eu e a realidade externa são as “frequentes, variadas, inevitáveis sensações de dor e desprazer” (Freud, 1930/2010, p. 18). Neste caso, se alinhado

---

<sup>16</sup> Uma discussão mais rica sobre tal questão envolve considerar o conceito de introjeção, apresentado logo mais nas duas seções deste capítulo, conceito que permite compreender a equivalência do Eu ao que é prazeroso. Sobre a possibilidade da realidade exterior como indiferente para o bebê, teremos que aguardar até as considerações sobre a vivência de dor, presentes no segundo capítulo, para uma discussão mais aprofundada.

com o que apresenta em *Projeto*, Freud parece se referir a um desprazer de origem externa, como será apresentado no estudo da vivência de dor, no capítulo seguinte. No entanto, enfatiza-se desde já, com base no que foi apresentado acima sobre a vivência de satisfação, que os objetos que proporcionam prazer em tal vivência, ao não se apresentarem no momento em que o bebê os deseja, podem proporcionar desprazer, no sentido de que a tensão interna acumulada não é imediatamente eliminada.

Em síntese, parece que em ambas situações o desprazer seria o elemento que impulsiona a criança, em suas fases mais iniciais de desenvolvimento, a promover uma distinção, ainda que rudimentar, entre o interno e o externo. Nestes casos, seja por um desprazer cujos estímulos tem origem externa ou interna, a presença de tal sensação, nesta fase de desenvolvimento da criança, provoca a ocorrência de uma “tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador ‘fora’” (Freud, 1930/2010, p. 18).

Com esta citação, parece ser possível entrever que o pensamento de Freud em 1930, pelo menos neste caso, coincide com o presente tanto em 1915<sup>17</sup> quanto em 1925<sup>18</sup>. Parecem dar a entender a existência de um Eu-realidade inicial – onde o Eu seria igual ao prazer e a realidade igual ao indiferente - que antecede um Eu-de-prazer purificado, onde o Eu equivale ao que é prazeroso e o mundo externo ao que é desprazeroso.

Após esta breve exposição, e respeitando as devidas dificuldades de determinar de maneira clara o uso e caracterização dos termos encontrados ao reler os textos de Freud, opta-se, para os objetivos e discussões desta dissertação, o seguinte: o uso do termo Eu-realidade inicial para se referir ao momento explicitado em que o Eu seria equivalente ao que é prazeroso e o mundo externo seria indiferente; e o uso de Eu-de-prazer purificado, para o momento em que o Eu se equivaleria ao prazeroso e o mundo externo ao desprazeroso.

É importante notar que estas demarcações iniciais entre dentro e fora, Eu e não-Eu, de forma alguma podem ser pensadas como algo que ocorre de uma hora pra outra, muito menos como processos simples e que alcançariam um estágio final, que poderia ser pensado nos termos de uma perfeita divisão entre subjetivo e objetivo. Tal diferenciação, entre mundo interno e mundo externo, pode ser inclusive compreendida como a grande questão que se impõe ao Eu

---

<sup>17</sup> Conferir no texto: “. . . um purificado *Eu-de-prazer*, que põe o atributo do prazer acima de qualquer outro” (Freud, 1915/2010, p. 75), e ainda “Mundo externo – com o desprazer (antes com a indiferença)” (p. 75, entre parênteses no original).

<sup>18</sup> Conferir também: “O Eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e excluir tudo que é mau, como afirmei em outro lugar. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha de fora, são idênticos inicialmente” (Freud, 1925/2011, p. 278). Para a explicação do conceito de introjeção, conferir em nosso trabalho nas seções seguintes, 1.2 e 1.3.

conforme o estudado no *Projeto*. Afinal, a capacidade inibitória desta instância possibilitaria, por exemplo, que a tendência para alucinação, deixada pela vivência de satisfação, seja refreada em respeito à realidade. Igualmente, tal obra não pode deixar de apontar para a constante figuração de um esmaecimento nas fronteiras entre o externo e o interno, algo que em muito marca o pensamento psicanalítico.

Em acréscimo a esta discussão, apresenta-se ainda, em *A negação*, de Freud (1925/2011), a função de juízo. Tal função é concebida justamente para atuar na direção de duas tarefas que devem ser realizadas pelo Eu, neste árduo processo de separação entre realidade interna e realidade externa:

A função de juízo tem essencialmente duas decisões a tomar. Deve adjudicar ou recusar a uma coisa uma característica e deve admitir ou contestar a uma representação a existência na realidade. A característica sobre a qual deve decidir pode haver sido originalmente boa ou má, útil ou nociva (Freud, 1925/2011, p. 278).

Como pode ser observado, a primeira decisão que precisa ser tomada, se o caráter prazeroso pode ou não ser atribuído a algo, funciona segundo a regência do princípio de prazer. O que interessa neste momento para o Eu é saber se algo promove prazer ou não, pois em caso negativo, pela ação do mecanismo de projeção - ainda não abordado, mas que discutiremos nas seções seguintes - seria possível expulsar os elementos desprazerosos do Eu, resultado que remete ao Eu-de-prazer purificado.

Ainda, vale dizer, tal forma primária de julgamento traz complicações, se comparada com a segunda forma de julgamento, conforme indicada na citação acima, que deve adjudicar pela realidade de uma representação, afinal, como já observado no quadro do estado desiderativo, de nada adianta um objeto ser caracterizado como prazeroso se não é passível de ser reencontrado na realidade concreta.

Neste sentido, a função de juízo que busca decidir se algo existe na realidade ou não, apresenta-se como uma forma mais elaborada de adjudicação, por levar em conta não apenas a dupla prazer e desprazer, mas também por considerar se determinado objeto pode ser reencontrado na realidade externa ou não. Tal dado seria de suma importância não apenas ao já indicado estado desiderativo, que possui potencial de fazer alucinar a presença de um objeto quando este, de fato, não se encontra na realidade concreta<sup>19</sup> mas, igualmente, permite que

---

<sup>19</sup> Devemos acrescentar a esta explicação que, ao que compete ao aparelho psíquico em um estágio ainda inicial, o fato de que a vivência de satisfação tenha sido levada a cabo, garante a certeza de que o objeto que promoveu tal satisfação existiu concretamente em algum momento na realidade externa, afinal, como já vimos, uma tensão de

objetos desprazerosos sejam tomados como reais quando o de fato o são. Tal decisão, sobre a realidade de uma representação, impõe-se como relevante para que corretas demarcações do Eu possam ocorrer, e sobretudo, demanda um maior desenvolvimento do mesmo para tal.

Levando em conta estas duas formas de juízo, pode-se encontrar no tortuoso caminho de desenvolvimento do Eu um obstáculo que se impõe na passagem do Eu-de-prazer purificado para um estágio do Eu que Freud chamará em 1925 de “Eu-realidade definitivo” (Freud, 1925/2011, p. 279). Este parece corresponder a uma das formas mais maduras de desenvolvimento do Eu, pois seria capaz de colocar de lado, ainda que momentaneamente, o princípio do prazer, e guiar-se pelo princípio de realidade. Nas palavras de Freud, é possível compreender que trata-se aqui de um Eu que aprendeu com a experiência a não se guiar exclusivamente pela dualidade prazer/desprazer:

A experiência ensinou que é importante não apenas que uma coisa (objeto da satisfação) possua a característica ‘boa’, isto é, mereça o acolhimento no Eu, mas também se ache no mundo exterior, de modo que seja possível apossar-se dela em caso de necessidade. (Freud, 1925/2011, p. 279, entre parênteses no original).

Pretende-se demonstrar, adiante que esta passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade precisa levar em conta, principalmente, a capacidade do Eu em suportar o desprazer. Tal tarefa que não parece de maneira alguma fácil, mas impõe-se como condição de possibilidade para que o Eu seja capaz de efetuar mudanças significativas na forma de seu funcionamento e possa ainda lidar com as demandas da realidade de maneira adequada.

Agora será possível expor a concepção de Ferenczi sobre os estágios descritos como intermediários entre um funcionamento plenamente pautado no princípio do prazer e um em que a realidade objetiva é majoritariamente levada em consideração. Pretende-se assinalar, nos momentos oportunos, como este jogo entre prazer, desprazer e realidade influência na construção do Eu.

## **1.2 Contribuições ferenczianas sobre o desenvolvimento do Eu**

---

origem endógena só pode ser resolvida por uma ação específica. O problema, e, portanto, a importância desta função do julgamento do caráter de realidade de um objeto indica, em primeiro lugar, que se busca um reencontro com o objeto desejado, e em segundo, como já apontado no texto, que em termos práticos, a realidade de tal objeto supera seu caráter como prazeroso ou desprazeroso. (Freud, 1895/2003).

Como já esboçado anteriormente, Ferenczi desenvolveu, especialmente em seu texto *Desenvolvimento*, de 1913, complementos teóricos aos postulados freudianos acerca do desenvolvimento do Eu. Tal desenvolvimento, pode ser pensado em termos de um movimento que paulatinamente permite que o princípio de realidade se imponha como uma forma de funcionamento psíquico que seja capaz de colocar de lado o princípio do prazer. Em tal cenário, estaria presente uma maior atenção e respeito ao que a realidade coloca como demanda para obtenção de prazer.

É preciso ressaltar que Ferenczi toma como texto base para seus desenvolvimentos neste tema o já mencionado texto de Freud *Formulações*. Isto, talvez, reforce a indicação dos objetivos do autor húngaro em tal texto, de refletir sobre os percalços do Eu em direção à uma aceitação da realidade.

O texto parte com observações sobre o sentimento de onipotência<sup>20</sup> de um neurótico obsessivo, que creditava a suas palavras e mesmo a seus pensamentos poderes infinitos, capazes de causar a morte ou a salvação de uma pessoa. Ferenczi entrevê neste sintoma um resquício de um estado primitivo, no qual o indivíduo se acreditava inquestionavelmente onipotente, conhecedor apenas do prazer e ignorante do mundo alheio a si. Tal estágio, para o autor, teria sido realmente experimentado pelo indivíduo, durante a gestação:

Nesse estágio, o ser humano vive como um parasita do corpo materno. Para o ser nascente mal existe ‘um mundo externo’; todos os seus desejos de proteção, de calor e de alimento estão assegurados pela mãe. Ele não precisa sequer fazer nenhum esforço para apoderar-se dos nutrientes e do oxigênio que lhe são necessários, já que os mecanismos apropriados se encarregam de fazer chegar essas substâncias diretamente aos seus vasos sanguíneos (Ferenczi, 1913/2011, p. 48).

Para Ferenczi, seria inconcebível supor que a vida psíquica do indivíduo começaria apenas após o seu nascimento, portanto, seria provável que, ainda que inconscientemente, se preserve em todo indivíduo resquícios de memória deste estado onde se tem a “impressão de que é realmente *onipotente*” (Ferenczi, 1913/2011, p. 48, *itálicos no original*).

Este seria então, para o autor, o primeiro estágio de desenvolvimento psíquico do indivíduo, chamado de período da onipotência incondicional. Incondicional, como já visto, pois

---

<sup>20</sup> O sentimento de onipotência, como poderá ser observado em maiores desenvolvimentos ao longo desta seção, consiste na hipótese psicanalítica de que todo ser humano, no período inicial da vida, acreditou ser verdadeiramente onipotente, capaz de prover por si mesmo tudo que por ventura viesse a desejar, sem nada depender de ninguém ou mesmo sem reconhecer a existência de outro alguém que não a si mesmo (Ferenczi, 1913/2011).

não há, até então, dúvidas ou condições que coloquem em xeque a onipotência do feto. Este período virá a ser, após o parto, um referencial para onde a criança buscaria retornar perante as necessidades que tão logo ela nasça, a ela se impõem.

Ferenczi intui esta busca pelo retorno ao estado intrauterino no bebê recém-nascido pelos comportamentos deste e dos das pessoas ao seu redor. Após o parto, o bebê seria colocado nos braços amorosos da mãe, que lhe daria de mamar e o envolveria em cobertas, em um abraço que de diversas maneiras remete ao calor e proteção do útero materno. Este cuidado e atenção à criança mostram-se indispensáveis, pois como pode ser encontrado tanto em Ferenczi (1913/2011) quanto em Freud (1895/2003), o desamparo se impõe como marca irrevogável da condição humana.

Nesta direção, Ferenczi nos diz que o bebê humano tem dificuldades em adaptar-se as necessidades que agora se impõe a ele. Psicicamente, a criança só é capaz de realizar processos internos para tentar se livrar desta tensão que só aumenta, realizando então um reinvestimento do estado de satisfação anterior. Supõe-se aqui a realização alucinatória do desejo, como visto no *Projeto*, nas palavras de Freud (1895/2003) na seção passada. Diante de uma necessidade, o bebê reinveste as representações psíquicas que levaram a satisfação no momento anterior. Disto, e devido aos cuidados despendidos por uma cuidadora dedicada, resulta a satisfação da necessidade, que a criança, em seu atual estado, só pode reconhecer como fruto de suas próprias ações, afinal desconhece a existência de algo para além de si.

Apesar desta ilusão que leva a criança a acreditar que ainda se encontra na situação vantajosa do útero, uma primeira rachadura já se impõe em sua crença. Diferente do que ocorria no período anterior, agora a criança é afetada pelo desprazer causado pelo acúmulo de tensão e ainda precisa ativamente investir uma representação para que esta se torne realidade e ocorra a satisfação. Mudanças sem dúvida muito significativas se comparadas com o estado de ausência de desejar anterior em que esta se encontrava<sup>21</sup>.

Importante lembrar, conforme visto na seção anterior, nesta idade a criança pouquíssimo ou mesmo nada compreende e percebe objetivamente da realidade ao seu redor. Portanto, quando obtém satisfação, não a credita à uma mãe ou objeto qualquer que tenha vindo em seu socorro, mas acredita ser ela mesma, a criança, a fonte desta satisfação. Ela é levada a “sentir-se na posse de uma força mágica, que é capaz de concretizar todos os seus desejos mediante a simples representação de sua satisfação” (Ferenczi, 1913/2011, p. 50). A este período Ferenczi chama então de período da onipotência alucinatória mágica.

---

<sup>21</sup> Sobre tal questão, conferir Dal Molin, Coelho Jr. e Cromberg (2019). Lá, os autores apontam para a necessidade de considerar a presença de estímulos que geram desprazer no feto mesmo na situação intrauterina.

Quanto mais o bebê cresce e se desenvolve, mais suas necessidades se tornam complexas, ao mesmo tempo em que, e em contrapartida, menos os pais apresentam aquele cuidado dedicado e capaz de atender imediatamente as demandas da criança. Apesar da aparência, essa diminuição no cuidado é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança, pois seria extremamente prejudicial para ela se manter mais do que o necessário neste estágio de onipotência alucinatória, ignorando completamente as demandas da realidade.

O reinvestimento da representação de maneira automática aos poucos se não é suficiente para que a satisfação seja alcançada. Torna-se necessário à criança realizar sinais, através de movimentações corporais, que atuem de forma a promover o reencontro com o objeto desejado. Neste estágio, para Ferenczi (1913/2011), a criança sente como se ainda possuísse poderes onipotentes, mágicos, os quais seriam expressados através de gestos mágicos capazes de fazer acontecer aquilo que se deseja, como que, literalmente, num estalar de dedos. O autor denomina, portanto, este período como o de onipotência com ajuda de gestos mágicos.

Um golpe mais poderoso sobre a onipotência da criança advém quando, mesmo seguindo à risca as condições até aqui descritas para obter satisfação, esta se vê frustrada. Os gestos mágicos não mais promovem a satisfação desejada no momento esperado. A realidade se impõe, gerando pelo menos duas consequências importantes: revela-se como uma força que se impõe aos desejos da criança, retardando-os ou mesmo impedindo-os; impõe o reconhecimento da existência como algo de outra ordem, algo que não seja a criança.

Desta forma, a realidade se impõe de uma maneira ainda mais marcante contra a onipotência da criança. Esta, porém, não precisará abrir mão de vez de sua crença, desde que, como Ferenczi (1913/2011) mostra, conte com um ambiente amoroso e atencioso. A ferramenta utilizada para auxiliar na sobrevivência do sentimento de onipotência consiste em fazer uso de um animismo capaz de promover em todas as coisas do mundo externo um reflexo dos próprios órgãos da criança. Esta relação profunda que se estabelece entre as partes do corpo e o funcionamento deste para com os objetos da realidade, são o que Ferenczi denomina de relações simbólicas. Contudo, por representarem os objetos do mundo externo como extensões do próprio corpo infantil, ainda não podem ser caracterizadas como uma forma de compreensão objetiva da realidade.

Estas relações se sustentam até mesmo na vida adulta, sendo que “Essa aptidão para a figuração simbólica representa um aperfeiçoamento importante da linguagem gestual . . .” (Ferenczi, 1913/2011, p. 54), através do qual a criança pode figurar e compreender o mundo que cada vez mais se torna claro para ela. Ao mesmo tempo, por meio de tal linguagem, pode

sinalizar de maneira mais adequada e conformada com as demandas da realidade, seus desejos e como estes podem ser realizados através de alterações do ambiente circundante.

Em seguida, Ferenczi aponta que outra mudança significativa ocorre quando a criança começa a perceber, novamente, ainda de uma maneira rudimentar, através da frustração que se mantém mesmo quando um objeto é figurado simbolicamente, que os principais objetos que promovem satisfação possuem uma força que lhes são próprias, ou seja, não podem ser controlados de fato pela criança. O resultado disto seria a percepção, por parte do infante, de que ela depende da boa vontade de objetos poderosos, a qual ela, através de determinadas demandas, precisa conquistar.

Talvez seja possível – e interessante – notar em tal compreensão por parte da criança, uma certa adequação à realidade, em sentido que vem se mostrando desde o início deste trabalho, justamente do tamanho da dependência da criança para com os adultos que dela cuidam. De todo modo, seguindo Ferenczi (1913/2011) a criança em tal fase ainda se encontraria em uma situação intermediária de compreensão objetiva da realidade.

Neste cenário de dependência, uma nova conquista do desenvolvimento biológico vem em auxílio da criança, uma aquisição que irá lhe permitir reproduzir de maneira mais rápida e econômica uma ampla variedade de objetos e necessidades internas. A linguagem verbal, surgida da imitação dos sons escutados pela criança desde a formação de seus órgãos auditivos no útero materno, permite a construção de uma relação entre determinadas sequências fonéticas e determinados objetos, coisas ou necessidades. Para Ferenczi, esta mudança é marcante na forma de expressão da criança, passando da linguagem gestual que até então predominava, para a linguagem verbal, que se torna predominante:

É o ponto de partida de um importante avanço: tornam-se inúteis a laboriosa *representação* por imagens e a *encenação* dramática, ainda mais laboriosa; a concepção e a representação dessas séries de fonemas chamadas palavras permitem uma versão muito mais econômica e preciosa dos desejos. Ao mesmo tempo, o simbolismo verbal torna possível o pensamento consciente na medida em que, associando-se aos processos de pensamento, em si mesmo inconscientes, confere-lhes qualidades perceptíveis. (Ferenczi, 1913/2011, p. 55, *itálicos no original*).

Reproduzimos, ainda, mais uma transcrição literal do autor:

O pensamento consciente por meio de signos verbais é, portanto, a mais alta realização do aparelho psíquico, a única que permite a adaptação à realidade, retardando a descarga motora reflexa e a libertação do desprazer. (Ferenczi, 1913/2011 p. 55).

Esta frase, apesar de curta, aponta o papel fundamental que o autor confere ao pensar, justamente como o mecanismo psíquico utilizado na passagem do funcionamento primário para o secundário, capaz de colocar o princípio de realidade em jogo. Altera-se o funcionamento do princípio do prazer, fazendo deste, ao menos em certa medida, submisso às demandas da realidade. Ferenczi chama a este período como o dos pensamentos e palavras mágicas.

Uma criança com fome, portanto, seria capaz de suportar por algum tempo o incômodo gerado pela necessidade de alimento através do investimento em uma representação de palavra, por exemplo, 'mama'. Com o investimento desta, o processo desiderativo pode ser inibido momentaneamente, já que a representação da palavra atuaria aqui como um investimento colateral (Freud, 1895/2003). Ao fazer isso, a criança ainda adquire um ganho em termos práticos, pois consegue indicar de forma mais precisa o que deseja. A palavra adquire então seu caráter mágico quando, em um ambiente adequado, ela faz com que surja o objeto real desejado. Isto levaria a criança a fazer uma equação de que quando a palavra e não a representação de objeto é investida, a satisfação ocorre.

Segundo o modelo de exposição até então utilizado por Ferenczi, pode-se dizer que neste momento de sua obra o autor considera este estágio como o último antes de um momento em que “o sentimento de onipotência cede lugar ao pleno reconhecimento do peso das circunstâncias” (Ferenczi, 1913/2011, p. 57). Para ele, a ciência seria o apogeu deste movimento, comparação que serve como indicativa do caráter já explicitado do intelecto como base para a expansão do funcionamento em processo secundário no aparelho psíquico.

Baseando-se em Freud, Ferenczi (1913/2011) explica que somente quando a criança se separa completamente de seus pais no plano psíquico é que cessa o reinado do princípio do prazer, que não custa relembrar, é o princípio que regula a forma primária de funcionamento psíquico. Ferenczi indica que tal momento pode variar imensamente em cada indivíduo, sem detalhar como se torna possível para o ser humano abdicar dessa dose de ilusão de onipotência que se conserva na relação com os pais. É possível, no entanto, observar que ao colocar os sintomas de neurose obsessiva e mesmo algumas crenças religiosas em palavras como sendo portadoras de poderes mágicos, este sentimento de onipotência parece ser capaz de prevalecer indeterminadamente tanto em casos psicopatológicos como em práticas humanas comuns.

Uma ressalva importante feita por Ferenczi parece indicar que de certa forma esta ideia apresenta alguma razão, pois ele revela que, até então, seu texto havia abordado apenas o desenvolvimento no sentido da realidade por parte do Eu, ignorando o desenvolvimento próprio e independente da sexualidade. Esta, por sua vez, “permaneceria, durante a vida inteira, mais

submetida ao princípio do de prazer” (Ferenczi, 1913/2011, p. 58). Dito de outra maneira, por maior que seja o desenvolvimento do Eu em seu alcance para impor processos secundários onde imperam processos primários, a sexualidade, em sua maioria, permaneceria inacessível a tal regulação.

Como já observado, o desenvolvimento do Eu ocorre paulatinamente, proporcionalmente ao contato com a realidade e a passagem do funcionamento primário para o secundário. Ora, isto quer dizer que antes do processo secundário entrar em vigor e adquirir um bom alcance, muito já teria ocorrido no aparelho psíquico sob a marca do processo primário, e seria justamente este o caso da sexualidade. Sobre o aparelho psíquico, Freud diz que “é um fato que os processos primários existem nele desde o começo, enquanto os secundários se constituem apenas gradativamente no decorrer da vida” (Freud, 1900/2017, p. 631), deixando inevitavelmente para trás elementos – das vivências de satisfação, por exemplo – que não seriam alcançáveis pelo processo secundário.

É sem dúvida forçoso e arriscado tentar colocar nos termos do *Projeto* como este fenômeno ocorreria, mas ainda assim pode ser interessante assumir tal risco em ordem de tentar melhorar a compreensão de tal questão. Parece que neste sentido o processo secundário, ou melhor, a inibição possibilitada por tal processo, só conseguiria alcançar determinados elementos da vivência de satisfação, como a imagem da satisfação desejada e a imagem do objeto que pretende ser reencontrado. A representação psíquica da necessidade que se formou quando da somação de Q parece ser justamente o elemento que fica inacessível ao alcance do Eu, e é justamente este elemento que sempre que investido, dá início ao processo desiderativo de maneira automática.

Por ora, deixa-se de lado as considerações mais específicas sobre a sexualidade, para retomar-se as considerações sobre o desenvolvimento do Eu, colocando agora em jogo os conceitos de introjeção e projeção. Como já adiantado, estes elementos podem auxiliá-los na compreensão dos mecanismos em ação no longo caminho de desenvolvimento do Eu em direção à realidade. Ainda em tal discussão, são retomados ainda os conceitos de Eu-de-prazer purificado e Eu-realidade inicial, apresentados no final da seção anterior.

### **1.3 O papel da introjeção e da projeção no desenvolvimento do Eu em Ferenczi**

O estudo dos conceitos de introjeção e projeção em Ferenczi, especialmente no que estes dois elementos acrescentam na discussão acerca do desenvolvimento do Eu em direção a realidade, dividem-se especialmente em três textos principais: *Transferência e introjeção*, de 1909; *Desenvolvimento*, de 1913; e *O problema da afirmação do desprazer*, de 1926<sup>22</sup>.

Com a leitura conjunta destes três textos, pode obter-se um panorama geral de como Ferenczi pensou a inserção da introjeção e da projeção como mecanismos presentes no desenvolvimento normal do Eu, e mesmo anteriores à aparição desta instância propriamente dita. Ainda, tal leitura parece revelar algumas mudanças importantes no ordenamento cronológico destes mecanismos, e o que Ferenczi (1926/2011) poderia considerar como uma percepção objetiva da realidade. Propõe-se então que a discussão nesta seção ocorra inicialmente de maneira cronológica, seguindo a ordem dos três textos mencionados acima.

Em *Introjeção e transferência*, Ferenczi (1909/2011) revela que lhe foi possível isolar os mecanismos da introjeção e da projeção através de sua prática analítica e o estudo das obras de Freud. Com isto ele associa a introjeção como um dos mecanismos em ação na neurose obsessiva, e a projeção como o mecanismo presente na paranoia.

Estes quadros são ilustrativos para definições iniciais do que seriam estes dois conceitos para o autor. O neurótico obsessivo, tendo que lidar constantemente com quantidades significativas de tensão no aparelho psíquico, buscaria expandir ao máximo o campo de interesses de seu Eu, ampliando, na mesma medida, o alcance por parte deste de objetos do mundo externo. Com isso lhe seria possível distribuir aquela tensão em diversas representações psíquicas. Em tese, a introjeção seria muito mais responsável por promover um movimento de expansão do Eu de dentro para fora do que em realizar um movimento de trazer elementos de fora para dentro.

Já a projeção, consistiria em colocar para fora do Eu elementos considerados inadequados, como se estes não pudessem residir no interior do indivíduo, mas apenas fora dele. Neste sentido, com a projeção, o Eu seria reduzido em sua riqueza de conteúdos, pois parte destes seriam rejeitados e colocados para fora, ainda que, de fato, façam parte do Eu (Ferenczi, 1911/2011). Se levado em consideração o princípio do prazer, a projeção, atuando sob o regime de tal princípio, incidiria sobre os elementos considerados desprazerosos. Como resultado disto, ter-se-ia, por exemplo, um Eu-de-prazer purificado, que, como visto, consiste em um estágio do Eu em que o desprazer estaria todo fora. (Freud, 1915/2010).

---

<sup>22</sup> Daqui para a frente, abreviado por *Desprazer*.

A partir destas noções, em *Transferência e introjeção*, Ferenczi (1909/2011) apresenta como estes dois mecanismos atuariam no início da vida psíquica humana. Partindo da ideia já abordada de que inicialmente o bebê humano perceberia tudo de maneira monista, ignorando a existência de uma realidade objetiva, externa a ele, o autor diz que seria a partir de uma “projeção primitiva” (Ferenczi, 1909/2011, p. 96) que ocorreria a passagem que permite uma percepção dualista do mundo, onde existiria a oposição entre o que é o Eu e o que é não-Eu. Esta projeção primitiva se daria sobre os objetos que não se dobrariam perante a vontade mágica do bebê, como em referência aos estágios de onipotência citados anteriormente, já que estes, justamente por contrariarem a onipotência do infante, se converteriam em objetos desprazerosos.

O interessante deste desenvolvimento inicial é que, conforme o autor descreve em 1909, a “introjeção primitiva” (Ferenczi, 1909/2011, p. 96) ocorreria após uma projeção primitiva. Supostamente, inicialmente ocorreria a expulsão de determinados elementos do Eu para o mundo externo, elementos estes que, por sua vez, iriam continuar a se impor como reais e partes integrantes do Eu, mesmo que por ele rechaçadas, até que finalmente seriam introjetadas. Nas palavras do autor:

Entretanto, uma parte maior ou menor do mundo externo não se deixa expulsar tão facilmente do ego, mas persiste em impor-se, como que por desafio: ama-me ou odeie-me, ‘combate-me ou sê meu amigo!’ E o ego cede a esse desafio, reabsorve uma parte do mundo externo e a incluirá em seu interesse: assim se constitui a primeira introjeção, a ‘introjeção primitiva’. (Ferenczi, 1909/2011, p. 96).

Este posicionamento entre os conceitos que Ferenczi executa ao colocar uma projeção como condição de possibilidade para uma introjeção não parece se sustentar posteriormente em sua obra. Em *Desenvolvimento*, de 1913, o autor parece compreender a introjeção e a projeção agora não mais apenas como mecanismos psíquicos típicos do desenvolvimento de todo indivíduo, mas como fases do desenvolvimento psíquico, dentro das quais os estágios de desenvolvimento do Eu que descreve em seu texto poderiam ser alocados. Novamente utilizamos de suas palavras para demonstrar esta diferença entre os dois textos:

Chamei antes *fase de introjeção* do psiquismo ao primeiro desses estágios, quando todas as experiências ainda estão incluídas no ego, e *fase de projeção* ao estágio que se lhe segue. De acordo com esta terminologia, poderíamos designar os estágios de onipotência como *fases de introjeção*, e o estágio de realidade como *fase de projeção* do desenvolvimento do ego. (Ferenczi, 1913/2011, p. 53, *itálicos no original*).

Com esta citação parece que Ferenczi almeja posicionar as fases de desenvolvimento do Eu que vinha então descrevendo dentro de dois grandes grupos que seriam marcados pela introjeção, por um lado, e pela projeção, por outro. De acordo com os estudos realizados sobre os estágios de desenvolvimento do Eu apresentados em *Desenvolvimentos* (1913/2011), parece ser possível validar esta mudança na sobreposição entre projeção e introjeção. Esta última seria cronologicamente anterior, correspondendo aos estados iniciais da vida humana, a onipotência do bebê, em que o mundo externo é ignorado. A projeção ocorreria posteriormente, como a fase em que elementos desprazerosos seriam projetados no meio, assim como o sentimento de onipotência, que poderia ser depositado em determinados objetos, como tentativa de prolongar a sobrevivência de tal sentimento.

Esta concepção de Ferenczi parece indicar que em determinados momentos do desenvolvimento do Eu, um ou outro mecanismo teria predominância funcional, mas nada parece indicar uma possibilidade de se demarcar uma espécie de pureza de tal funcionalidade. Dito de outra maneira, o autor parece conceber que ações projetivas ocorram desde muito cedo na vida psíquica, mesmo na fase de introjeção, afinal, como já observado, é este mecanismo de projeção que irá atuar em prol da defesa e manutenção do sentimento de onipotência. Da mesma forma, parece plausível pensar que em um momento em que a fase de projeção estivesse em vigência, o mecanismo da introjeção poderia continuar em ação. Logo, ao que se aparenta, faz mais sentido pensar em uma ação concomitante dos dois mecanismos, ou uma interpolação entre as fases, se assim se preferir.

Assim, com seus desenvolvimentos, parece que Ferenczi consegue manter os dois sentidos possíveis mencionados para os conceitos. Acrescenta-se apenas que tanto a introjeção, quanto a projeção, enquanto mecanismos psíquicos, são pensados como mecanismos normais presentes em todo ser humano, que estão sempre à mão para serem utilizados pelo Eu. Desta forma, o uso exacerbado ou mesmo exclusivo de apenas um deles poderia incorrer em uma patologia, como já visto com Ferenczi acima, sendo a paranoia representante da projeção, e a neurose obsessiva a da introjeção.

Talvez seja possível pensar o Eu-realidade inicial, em que o Eu corresponde ao que é prazeroso e o exterior seria indiferente, levando em consideração os mecanismos de introjeção e projeção. Supondo que em um momento inicial, o Eu primitivo se dedicaria exclusivamente a expandir seu campo de interesse e a si mesmo por meio da introjeção, com a vivência de satisfação, representações de objetos atreladas com a obtenção de prazer se constituiriam no

aparelho psíquico, e tais representações seriam acolhidas pelo Eu, o que, como já sabido, resultaria na equivalência do Eu como aquilo que é prazeroso.

O uso da capacidade de juízo, pautado no princípio do prazer, mencionada anteriormente (Freud, 1925/2011), pode indicar que este Eu inicial seria capaz de julgar quais representações de objeto poderiam ser caracterizadas como prazerosas, e, portanto, introjetadas. Agora, torna-se possível esclarecer que ao dizer que o Eu introjeta uma representação de objeto em uma fase primordial como a que aqui se considera, diz-se, de fato, que o Eu se constitui conforme a imagem dos objetos desiderativos que introjeta. Portanto, faz todo sentido dizer que o Eu, nesta fase, seria algo como a somatória das experiências de vivências de satisfação bem-sucedidas que lhe ocorreram, ou seja, vivências encerradas em prazer.<sup>23</sup>

A questão de como este Eu-realidade inicial conseguiria manter o mundo externo como indiferente se apresenta como um problema que demanda outras explorações. De acordo com o que já foi estudado, parece necessário pensar que nesta fase a projeção ainda não estaria em curso, já que seria ela quem iria entrar em jogo no momento de expulsar do Eu elementos desprazerosos que serão equiparados à realidade externa.

No entanto, é necessário admitir que tal resposta não é suficiente, em primeiro lugar, pois, se foi possível através da ação do juízo caracterizar determinados elementos como prazerosos, por que não o seria também possível caracterizar elementos desprazerosos? Ainda, em que momento a projeção atuaria então sobre os elementos desprazerosos, dando passagem para o Eu-de-prazer purificado entrar em cena? Estas questões, por um lado, apontam para a aparente necessidade de pensar-se em concomitância e sobreposição dos mecanismos ou fases de introjeção e projeção, e, por outro, demandam maiores explorações acerca dos efeitos do desprazer no desenvolvimento do Eu. Sobre este último ponto, retornar-se-á no próximo capítulo.

Deixando então de lado tais questões relativas ao Eu-realidade inicial, para a ela depois retornar, pode se tentar considerar os mecanismos de projeção e introjeção agora ao Eu-de-prazer purificado. Como já visto com Freud (1930/2010), este Eu seria regido pelo princípio do prazer, e levando-se em conta tal princípio, nota-se com clareza a atuação da introjeção sobre representações prazerosas, que serão incluídas no Eu, e igualmente, a atuação da projeção sobre representações desprazerosas, que serão expulsas do Eu.

Nesta forma de atuação de ambos mecanismos, ter-se-ia como resultado justamente este cenário em que o Eu é equivalente ao que é prazeroso, que foi mantido em seu campo territorial

---

<sup>23</sup> Este ponto sobre a formação do Eu em relação com a introjeção será aprofundado no quinto capítulo deste trabalho.

pela ação da introjeção. Por outro lado, em oposição ao mundo externo indiferente do Eu-realidade inicial, agora no Eu-de-prazer purificado, o mundo externo seria considerado como o depositário de tudo que for desprazeroso.

Entretanto, se aqui são consideradas ações pautadas pelo princípio de prazer, igualmente se poderia dizer que o que se encontra por trás das decisões referentes ao que se mantém e o que é expulso do Eu primitivo é uma ação judicativa igualmente pautada no prazer e no desprazer, e não no princípio de realidade. Logo, esta forma de julgamento, pautada no princípio do prazer, ainda que uma ação de juízo, seria primária, correspondente à processos psíquicos primários, ocorrendo sem a consideração ao princípio de realidade. Neste cenário, portanto, a ação dos dois mecanismos – introjeção e projeção - em conjunto podem levar ao estabelecimento de demarcações irreais deste Eu ainda inicial. Isto ocorreria pelo introjetar de elementos que de fato não lhe pertencem, pois são pertencentes a realidade externa, mas que de toda forma promovam prazer, e, em contrapartida, projetar elementos que lhe são próprios, mas rejeitados por promoverem desprazer.

As delimitações do Eu assim se dariam de tal forma que o princípio de realidade não é levado em conta, mas apenas o princípio do prazer, e, portanto, tanto o mundo externo quanto o próprio Eu não corresponderiam ao que verdadeiramente podem vir a ser. O primeiro, de certa forma, não seria tão ruim quanto parece, e o segundo, não seria tão bom quanto se gostaria.

Esta questão converte-se então em um problema para o Eu em seu desenvolvimento. Em primeiro lugar pois uma reorganização destas delimitações precisará ser executada em respeito à realidade, e tal tarefa carrega grande dificuldade. Como nos indica Freud, em *Mal-estar*:

As fronteiras desse primitivo Eu-de-prazer, não podem escapar à retificação mediante a experiência. Algumas coisas a que não se gostaria de renunciar, por darem prazer, não são Eu, são objeto, e alguns tormentos que se pretende expulsar revelam-se como inseparáveis do Eu, de procedência interna (Freud, 1930/2010, p. 19).

Seria preciso reverter o resultado da ação dos mecanismos de projeção e introjeção, mas com o Eu se pautando no princípio de realidade. Ainda segundo Freud, se ao Eu for possível realizar então esta tarefa que culminaria na correção de suas fronteiras, um primeiro passo seria dado em direção ao princípio de realidade, que deve “dominar a evolução posterior” (Freud, 1930/2010, p. 19). Talvez com esta descrição seja possível retomar um aspecto do Eu-realidade definitivo mencionado por Freud (1925/2011), cuja dificuldade residiria em julgar quais objetos

podem ser reencontrados na realidade ou não, ao invés de se pautar apenas no caráter de prazer ou desprazer que eles ensejam.

Assim como no caso mencionado anteriormente sobre o uso do termo Eu-realidade inicial, não encontramos também a utilização de Eu-realidade definitivo em *Mal-estar*, de 1930. No entanto, repete-se aqui a medida tomada também anteriormente, e adota-se o termo Eu-realidade definitivo para se referir a este estágio do Eu em que o princípio de realidade pauta a maioria dos processos psíquicos.

Para que a passagem do Eu-de-prazer purificado para o Eu-realidade definitivo ocorra, é necessário que o Eu seja capaz de suportar o desprazer que tais mudanças em seu regimento demandam. Como já visto, o aumento de tensão interna no aparelho é correspondente a sensação de desprazer, o que quer dizer que, para que seja possível o funcionamento de processos secundários - que demandam armazenamento e ligação de energia livre, a introjeção de elementos desprazerosos e o abandono via projeção de elementos prazerosos - o Eu precisa suportar o desprazer.

Diante destas questões, parece compreensível que Ferenczi (1926/2011) dedique um texto para a discussão do que, nas palavras do autor, se apresenta na forma do problema da afirmação do desprazer. A capacidade do Eu de suportar o desprazer se coloca como pré-requisito para que uma adequada apreensão da realidade possa em algum nível ter início. O autor nos fornece alguns elementos que permitem pensar como se tornaria possível ao Eu adquirir tal capacidade. Neste momento, direciona-se a discussão para os mecanismos de introjeção e projeção que atuam nesta passagem. Em um trecho de *Desprazer*, encontra-se o seguinte:

Recorrendo à terminologia psicanalítica, designei a primeira fase, aquela em que só existe o ego e em que este se apropria de todo o universo da experiência, como o período de introjeção; a segunda fase, aquela em que a onipotência é atribuída a potências exteriores, como o período de projeção; quanto ao último estágio de desenvolvimento [estágio de reconhecimento científico do mundo], pude concebê-lo como o período em que os dois mecanismos são utilizados em partes iguais e compensam-se mutuamente. (Ferenczi, 1926/2011, p. 438, entre colchetes, acréscimos nosso).

Para o autor, um reconhecimento científico do mundo seria um equivalente a um reconhecimento objetivo e correto da realidade, e, portanto, se daria quando os mecanismos de introjeção e projeção atuassem de maneira conjunta, complementar e adequada a realidade. Contudo, é preciso reafirmar aqui este último estágio de desenvolvimento do Eu, capaz de tal

reconhecimento objetivo, mesmo científico, nos termos de Ferenczi (1926/2011), equivale a um estágio muito avançado de maturidade do Eu.

Antes do encerramento desta seção, é válido mencionar ainda um elemento postulado por Ferenczi (1926/2011, p. 442) em *Desprazer*. Segundo a compreensão do autor, uma ferramenta viria em auxílio à aceitação do desprazer por parte do Eu, tarefa então que se impõe ao desenvolvimento no sentido da realidade. Seria uma espécie de calculadora, que permitiria realizar equações entre elementos da experiência e da percepção, buscando encontrar o caminho que levasse ao menor desprazer possível. Seria uma espécie de “máquina de calcular”, através da qual o Eu seria capaz de aceitar uma determinada dose de desprazer em prol de evitar um desprazer futuro ainda maior.

Nas palavras do autor, esta calculadora permitiria:

o desenvolvimento da capacidade de escolher entre dois objetos sucessíveis de provocar um desprazer *mais ou menos* importante, ou de escolher entre duas condutas que vão acarretar um desprazer maior ou menor (Ferenczi, 1926/2011, p. 442, *itálicos no original*).

Neste sentido, o que Ferenczi pretende afirmar é justamente a ideia de que se por um lado é desprazeroso aceitar a realidade como esta se apresenta, por outro, logo se revela para a criança ser ainda mais desprazeroso – e mesmo mortal – não aceitá-la. Para exemplificar tal ponto, basta retomar a ideia de um bebê que alucina a realização de seu desejo sem levar em consideração a ausência do objeto provedor. Ora, se a criança insistentemente se negar a perceber que tal objeto não obedece a sua vontade, estará fadada a morrer de fome. Isto retoma a ideia de que a criança precisa agir de maneira específica a provocar uma alteração na realidade externa que provoque a satisfação de sua necessidade, precisa reconhecer a importância da realidade.

Sobre quais elementos serviriam de material para o trabalho desta máquina de calcular, Ferenczi diz que seriam as memórias do indivíduo, que “representam em si mesmas uma soma de impressões sensíveis, portanto, em última análise, reações psíquicas a estímulos variados e de intensidade diversa” (Ferenczi, 1926/2011, p. 443).

No capítulo seguinte, será abordado então a vivência de dor, tal como esta figura em *Projeto*. Por meio desta apresentação, acredita-se que será possível esboçar o importante papel que o desprazer possui em tal texto freudiano, compreensão esta, que por sua vez, permitirá esboçar algumas considerações sobre como o desprazer pode atuar no desenvolvimento do Eu. Na segunda seção de tal capítulo, em conformidade com o modelo até aqui adotado, será

constituído de considerações de Ferenczi para enriquecer a discussão acerca do desenvolvimento do Eu em suas fases iniciais.

## CAPÍTULO 2

### ALGUMAS IMPLICAÇÕES DO DESPRAZER NO DESENVOLVIMENTO DO EU

Neste capítulo, partindo do conceito de vivência de dor, apresentado por Freud em *Projeto*, serão analisadas algumas indicações sobre o papel que o desprazer assume no desenvolvimento do Eu, especialmente em suas fases iniciais. Enquanto elemento que elicia respostas adaptativas por parte do aparelho neuropsíquico, o desprazer adquire grande importância na relação que se procura estabelecer entre o Eu e a realidade externa.

Deste modo, na primeira seção apresenta-se uma descrição da vivência de dor enquanto vivência primordial de uma experiência de desprazer, conforme observa-se em *Projeto*. Tal vivência abre no aparelho caminhos preferenciais a serem novamente tomados em caso de situações de incômodo semelhante, de maneira semelhante a já vista no estudo da vivência de satisfação. Igualmente, algumas consequências importantes para o aparelho neuropsíquico resultam de tal facilitação.

A segunda seção parte da compreensão do desprazer como uma sensação decorrente de um acúmulo de tensão interna no aparelho, para então analisar algumas das consequências que tal acúmulo teria para o desenvolvimento do Eu. Busca-se ilustrar tais consequências por meio da retomada de conceitos discutidos no capítulo anterior, como a projeção, os estágios de desenvolvimento do Eu pensados por Freud e por Ferenczi, assim como a importância e dificuldade da afirmação do desprazer.

#### **2.1 Vivência de dor e a noção desprazer em *Projeto de uma psicologia* de Freud**

Nesta seção será apresentado o modelo da vivência de dor tal como esta é postulada por Freud em 1895, em *Projeto*. Pretende-se destacar como o modelo desta vivência, ao inicialmente considerar as alternativas do aparelho psíquico para lidar com poderosos estímulos de origem externa, possibilita também pensar-se em medidas possíveis a serem tomadas contra estímulos que tenham origem endógena e que resultem em desprazer.

Acredita-se que o primeiro ponto a ser esclarecido para tanto deve ser justamente o da compreensão específica que Freud (1895/2003) faz da dor enquanto elemento especial em *Projeto*. Para o autor, a dor não seria um equivalente do desprazer, já que este último, como

visto, corresponderia à sensação decorrida de um aumento de tensão interna, podendo, portanto, proceder de processos endógenos. Gabbi Jr. (2003, p.58) é elucidativo a este respeito: “A dor não é idêntica ao desprazer. Toda dor é desprazível, mas nem todo desprazer tem origem na vivência dolorosa, podendo decorrer do acúmulo de quantidades endógenas”. Neste sentido, o uso do termo dor no *Projeto* seria restrito para se referir a Q de origem externa que chega até o aparelho, especialmente pela ação de um objeto.

A dor seria ainda um evento capaz de colocar em suspenso algumas condições anteriormente apontadas sobre o aparelho que é descrito em *Projeto*. A dor, enquanto “o mais imperioso de todos os processos” (Freud, 1895/2003, p. 186), deixaria em seu rastro facilitações poderosas, no sentido de tornar as barreiras de contato incapazes de impor resistência à passagem de Q. Desta forma, ela consiste em Q de maior grandeza que desde fora rompe os dispositivos protetores que se antepõem ao grupo de neurônios  $\Psi$ . Em *Projeto*, dor seria o fenômeno que ocorre quando esta camada protetora, designada pelos órgãos sensoriais, é rompida e Q chega até  $\Psi$  com enorme grandeza.<sup>24</sup>

Enquanto vivência fundamental, a passagem das Qs de grandeza elevada deixaria caminhos primordiais abundantes que o aparelho tomaria como preferenciais para a eliminação da tensão sempre que uma situação semelhante – de elevado nível de tensão interna – ocorresse. Neste caso, a dor causaria, além do aumento repentino do nível interno de Q, sentido por sua vez como desprazer, ainda outras duas consequências: “2. Uma inclinação para eliminação, que pode ser modificada de acordo com certas direções; 3. Uma facilitação entre esta imagem recordativa e o objeto que excitou a dor” (Freud, 1895/2003, p. 198). Seria este o percurso, que por facilitação, liga a tendência para eliminação da tensão e a imagem de um objeto hostil. Tal percurso, por sua vez, seria reativado quando ocorresse uma nova percepção do objeto hostil ou de qualquer outro objeto cujos traços fossem semelhantes a este.

Convém recordar que algo sobre esta forma de ação desencadeada no aparelho para lidar com a dor já foi mencionada no primeiro capítulo desta dissertação. À essa ação corresponderia o estado do aparelho psíquico em que uma tendência à inércia regularia o funcionamento do aparelho em direção a um nível zero de estimulação. Tal estado, como também foi observado anteriormente, levava em consideração somente as fontes de estímulo externas, que perturbavam o estado de inércia do aparelho. Desta forma, diante do aumento de tensão

---

<sup>24</sup> Mais à frente, indicaremos que uma proteção contra estímulos tal como esta que se coloca entre  $\Psi$  e Qs externas não existe, por outro lado, para as Qs de origem endógena. Sendo assim,  $\Psi$  se mostra diretamente exposto às excitações provenientes do próprio corpo.

provocado por tais estímulos, o aparelho reagiria de maneira automática, por meio de ações como a luta ou a fuga, que por sua vez, seriam capazes de descarregar a tensão interna.

É interessante considerar que com esta forma da qual o aparelho dispõe para se defender da dor resultaria em uma tendência em desfazer, em desinvestir as percepções de objetos hostis. Seria uma defesa reflexa, caracterizada pelo esforço em livrar-se imediata e automaticamente das excitações invasoras, cujo intuito final é fazer desaparecer a imagem do objeto hostil, algo que, por meio de reações musculares, como a fuga, conseguiria ser alcançado.

Desta forma, a vivência de dor faz surgir um caminho preferencial de eliminação da tensão sentida como desprazerosa pela via das reações motoras, do que resultaria, por fim, no desinvestimento da imagem do objeto hostil. Segundo Freud (1895/2003), o que indicaria o final da vivência de dor seria justamente a percepção de um objeto que fosse diferente daquele que provocou a dor, resultado obtido, portanto, por meio de uma defesa reflexa, que provoca o desinvestimento da percepção do objeto hostil e permite o surgimento da percepção de algum outro objeto.

De maneira mais específica, pautado neste modelo de funcionamento, devido aos caminhos facilitados deixados por tal vivência, o aparelho acabaria por alucinar negativamente, ao pretender a inexistência dos objetos hostis percebidos. Acerca dessa possibilidade, as palavras de Gabbi Jr. (2003, p. 58) podem ser esclarecedoras: “Na vivência dolorosa, na medida em que é gerada uma tendência para não associar certos neurônios, . . . impede-se a formação da noção de objeto, ou seja, o agente não se dá conta da presença do objeto hostil”.

Tal tendência tem importantes consequências para o aparelho, pois os caminhos de eliminação de tensão abertos pela vivência dolorosa tendem a impor-se como preferenciais e a reger as ações defensivas direcionadas às imagens de objetos que promovam desprazer. Isso incorreria, caso toda a situação se desenrolasse de maneira ideal, na alucinação negativa destes objetos hostis que, de fato, estariam presentes na realidade externa.

Entre as consequências decorrentes das vivências de grande intensidade, como a vivência de dor, é preciso dizer ainda que podem levar ao que Freud (1895/2003, p. 200, entre colchetes no original) considera “escoamento de re[cordações]”. Ou seja, em resposta a um abrupto e intenso surgimento de Q no aparelho, corresponderia uma eliminação igualmente tão intensa de Q, que resultaria no desinvestimento de imagens, de traços de memória adjacentes a imagem do objeto hostil que se busca alucinar negativamente.

Nesta situação, a tendência acima mencionada que lida com o desprazer de maneira automática, almejando o desinvestimento de imagens hostis, pode resultar em um prejuízo de

grande valor para o indivíduo, que se vê privado de elementos da realidade indicativos da experiência por ele vivida.

Contudo, Freud aponta que, apesar de tal tendência para desinvestir a percepção do objeto hostil, uma imagem recordativa deste acabaria se formando. Esta imagem recordativa pode, através de determinadas formas, ser reocupada por Q. Isso poderia se dar, por exemplo, mediante uma nova percepção do objeto hostil, assim como por associação da imagem recordativa da percepção de algum objeto semelhante, que lembraria o hostil. Caso isto ocorra, “produz-se um estado que não é doloroso, mas que, todavia, é similar a ele. Contém *desprazer* e a inclinação para eliminação, correspondendo à vivência dolorosa” (Freud, 1895/2003, p. 198. Itálicos no original). Tal estado não seria especificamente produtor de dor pois, como apontado, esta só ocorreria em situações que poderosas doses de Q de origem externa penetrassem no aparelho. De todo modo, importa destacar aqui a presença de desprazer devido ao reinvestimento da imagem do objeto hostil.

Diante disto, Freud (1895/2003) se questiona sobre a origem do desprazer neste caso de rememoração da imagem do objeto hostil. Tal questão é válida, pois o desprazer corresponde ao aumento da tensão interna, e segundo o autor, a Q presente apenas na recordação da imagem não seria suficiente para provocar este aumento. Uma outra fonte de estímulo diferente da que reocupou a imagem do objeto hostil precisaria igualmente ser levada em consideração.

Para tentar solucionar o problema, o autor supõe a existência de neurônios secretores no interior do corpo que, quando excitados, liberam algo que levaria a produção de Q no interior do aparelho. Estes neurônios secretores, chamados de neurônios-chave por Freud, seriam então capazes de produzir Q, e teriam sido, durante a vivência de dor inicial, por meio de facilitação, conectados a imagem do objeto hostil e a imagem de movimento de eliminação. Portanto, quando a imagem recordativa do objeto fosse investida, os neurônios-chave ver-se-iam novamente estimulados e colocariam em jogo uma reação em cadeia que culminaria com o aumento de Q no interior do aparelho. Isso explicaria, em *Projeto*, a sensação de desprazer decorrente da recordação do objeto hostil.

De maneira sintética, nas palavras de Freud (1895/2003, p. 198, entre colchetes no original): “Devido à vivência dolorosa, a [imagem] re[cordativa] do objeto hostil conservou uma facilitação excelente com esses neurônios-chave, de modo que o desprazer é liberado agora no afeto<sup>25</sup>”. Assim, de maneira semelhante a vivência de satisfação, o aparelho poderia ser

---

<sup>25</sup> Interessa ressaltar que neste momento e, conforme indicação de Gabbi Jr. (2003), apenas neste momento de *Projeto*, Freud utiliza o termo afeto para se referir ao processo de recordação da vivência dolorosa que ocorre quando do investimento da imagem do objeto hostil. Neste sentido específico, afeto poderia ser entendido de forma

enganado, pois a ocupação intensa da imagem recordativa do objeto hostil poderia resultar na alucinação do mesmo, desencadeando reações defensivas que buscam a eliminação da excitação e a diminuição do desprazer, ainda que produzido apenas por fonte interna.

Neste momento desta discussão considera-se um aparelho que ainda não conta com um Eu capaz de inibição. Portanto, como o aparelho iria lidar com a imagem recordativa de um objeto hostil, que toda vez que fosse investida, segundo o modo primário de funcionamento do aparelho, resultaria em desprazer?

Para Freud, a resposta para tal pergunta estaria na existência de uma tendência para desinvestir tal imagem recordativa. Tal tendência seria a mesma que entrou em ação no momento da percepção do objeto hostil e que resultou no desinvestimento da mesma. Não custa lembrar, na vivência de dor busca-se, por meio do desinvestimento da imagem do objeto hostil torná-lo inexistente, aluciná-lo negativamente, e têm-se como sinal de que a defesa foi bem-sucedida o surgimento na percepção de um objeto diferente do objeto hostil.

Agora, no reinvestimento intenso da imagem do objeto hostil, ao acionar reações defensivas contra o desprazer, o aparelho buscaria executar um mesmo desinvestimento da imagem do objeto hostil. De maneira pontual, Freud (1895/2003, p. 199) chega a dizer que “da vivência dolorosa, resulta uma repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa do objeto hostil”. Tal aversão pode ser chamada em *Projeto* de “defesa primária” (p. 199), que leva justamente ao desinvestimento da imagem recordativa do objeto hostil que foi rememorada.

Tudo indica que tal lembrança chegou ao ponto de provocar uma alucinação positiva do objeto hostil neste caso, já que este não estava presente na realidade externa. Contudo, ainda assim ocorreu a ocupação de todo o circuito facilitado pela vivência de dor, que resulta por sua vez em desprazer e reações defensivas. Dito de outra forma, após ser alucinado positivamente, o objeto hostil é alucinado negativamente.

Estas questões apontam para o problema que se impõe ao aparelho, o de ser capaz de distinguir entre algo que é real, percebido e reencontrado externamente, de algo que é meramente fruto de um processo de investimento interno automático, que desconsidera a

---

análoga ao estado desiderativo da vivência de satisfação, ou seja, como o termo usado para indicar o estado de repetição de uma das vivências primordiais. Segundo Laplanche e Pontalis, é um caráter quantitativo que o termo afeto denota na maioria das vezes em que é utilizado por Freud, como ocorre, por exemplo, nos usos posteriores de tal termo em *Projeto*. Tais autores indicam ainda que em alguns usos o afeto “pode ter apenas valor descritivo, designando a ressonância emocional de uma experiência geralmente forte” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 9).

realidade. Ainda, conforme a noção de vivência de satisfação, caberia justamente ao Eu atuar nestas situações, inibindo o processo primário, em consideração à realidade.<sup>26</sup>

Fazendo uso de um investimento lateral, tal como no estado desiderativo, o Eu conseguiria desviar o curso de Q entre os elementos da vivência de dor, mais especificamente, entre a imagem recordativa do objeto hostil e o neurônio-chave. É pensando nestes dois elementos, A e B, respectivamente, que Freud constrói um exemplo da atuação do Eu. O efeito inibitório deste se faz pela facilitação adjacente no caminho formado entre A e B, capaz de diminuir a carga final de Q que se dirigiria para B, de tal forma que este não chegaria a ser ocupado. Disto, resultaria que “a liberação de desprazer é muito insignificante, e o sistema nervoso, sem outros prejuízos, poupado do desenvolvimento e da eliminação de Q” (Freud, 1895/2003, p. 201).

De tal inibição por parte do Eu, permitir-se-ia uma pequena liberação de Q, que atuaria como sinal de que aquele percurso irá resultar em desprazer. Tal sinal, portanto, indicaria ao Eu a necessidade de se estabelecer uma inibição do processo que ali se desenrola, e caso uma liberação por parte de neurônios-chave ocorra, aumentando o nível de Q, está seria utilizada pelo Eu no próprio processo inibitório.

Enfim, resultaria ainda da inibição por parte do Eu que a defesa primária não entraria em curso, pois se o desprazer não se desenvolve de maneira livre, igualmente não se desenvolve a tendência de desinvestir a imagem recordativa do objeto hostil. Neste sentido, parece plausível supor que a presença de um Eu, seja de uma maneira rudimentar, torna-se necessária para que a imagem de um objeto hostil seja formada no aparelho psíquico, já que como visto, uma inibição ou o funcionamento de um processo secundário são igualmente condições para que o processo primário que leva ao desinvestimento da imagem do objeto hostil seja inibido.

Com tais indicações sobre como o Eu atuaria de forma a impedir a recordação da imagem do objeto hostil, encerramos esta exposição introdutória sobre a vivência de dor, baseada em algumas descrições apresentadas por Freud em *Projeto*. Agora, munidos dos conhecimentos aqui adquiridos, pode-se iniciar uma investigação sobre o papel do desprazer na formação do Eu. Para tanto, retoma-se noções apresentadas no capítulo anterior, a saber, sobre os estágios de desenvolvimento do Eu no sentido da realidade, tentando expandi-las e ao mesmo

---

<sup>26</sup> Aqui cabe a explicação de que no caso do estado desiderativo, ocorre uma alucinação positiva do objeto desejado, no sentido em que se alucina a presença deste quando, de fato, ele não está presente. No caso da vivência de dor, ocorreria uma alucinação negativa, pois em consequência do desinvestimento da imagem perceptiva de um objeto hostil, ele deixa de existir enquanto percepção para o aparelho. Já no caso do reinvestimento da imagem recordativa de um objeto hostil, este seria inicialmente alucinado de maneira positiva – se tornaria real para o aparelho, ainda que não estivesse presente concretamente – para depois, em decorrência da defesa primária, ser desinvestido (Gabbi, 2003).

tempo utilizá-las como ilustração das consequências do desprazer nos estágios iniciais do Eu, demandando certas defesas por parte deste.

## 2.2 O papel do desprazer nos estágios iniciais do Eu

Como visto, a vivência de dor fornece o modelo preferencial pelo qual o aparelho acaba por lidar com o desprazer. A eliminação por via motora da excitação e o desinvestimento da imagem do objeto hostil são dois elementos desta tendência que merecem destaque. Isto porque algo semelhante a isto parece estar presente, de alguma forma, na vivência de satisfação. Um certo desprazer parece se fazer presente nesta última, desprazer decorrente do processo de somação de excitações endógenas que se impõem como necessidade e precedem a satisfação em tal vivência.

Não custa lembrar: o corpo emite estímulos de maneira constante, os quais por meio de somação, se fazem presentes no aparelho psíquico. Esta somação não poderia deixar de promover um aumento geral na tensão interna do aparelho e a conseqüente sensação de desprazer. Estes estímulos endógenos, vale anotar, conseguem atingir o aparelho psíquico de maneira mais direta do que os estímulos exógenos, que precisam vencer a resistência imposta pelos órgãos dos sentidos como barreira protetora entre o aparelho e o mundo externo.

O que se pretende apontar com estas considerações acerca da possibilidade de um desprazer de origem endógena é que tal desprazer coloca em ação as mesmas defesas observadas no caso da vivência de dor. De maneira específica, a tendência de resolver a tensão pelas vias preferenciais de eliminação deixadas pela vivência de dor inicial.

Neste sentido, imagina-se que o Eu imaturo e sem muitos recursos lidaria com o desprazer decorrente das necessidades corporais da mesma forma que lida com estímulos afluentes do exterior. Parece que é nisso em que Freud baseia-se ao dizer que o que ocorre inicialmente na vivência de satisfação é uma tentativa de resolução da tensão interna na direção do caminho motor:

De acordo com a experiência, a trilha para a *alteração interna* (expressão de emoções, gritos, inervação vascular) é aquela que normalmente se entra. Todavia toda essa eliminação, como exposta acima<sup>27</sup>, não resulta em alívio,

---

<sup>27</sup> Nesta passagem, 'exposta acima' refere-se às explicações dadas pelo autor referentes a necessidade de que o princípio de constância se sobreponha ao de inércia, já que para resolver tensões internas, um armazenamento de tensão impõe-se como necessário. (Freud, 1895/2003).

pois a recepção do estímulo endógeno, no entanto, continua . . . (Freud, 1895/2003, pp. 195-6, itálicos e entre parênteses no original).

É importante lembrar, como já visto pelas indicações de Freud (1895/2003), que no que consta ao desprazer proveniente de estímulos exógenos, esta eliminação pela via do caminho motor normalmente é eficiente. Ela utiliza a tensão aumentada pela percepção do objeto hostil na própria fuga ou luta que se intenta realizar. Não é o que ocorreria no caso do desprazer proveniente das necessidades corporais, pois este só pode ser resolvido por meio de uma ação específica, dependente de outro ser humano, um adulto.

Assim, deparamo-nos com uma constatação importante que nos remete ao caráter de desamparo do bebê humano. No início da vida, o ser humano só pode lidar com o desprazer por meio de defesas que promovem uma alteração interna. Estas, por sua vez, são incapazes de produzirem alterações significativas, planejadas e objetivadas na realidade externa que seriam capazes de promover satisfação direta na fonte interna de estimulação.

Neste momento, tal alteração da realidade externa, como aprovisionamento de alimento, só pode ser efetivado por um adulto. De todo modo, a vivência de satisfação pode não ser percebida pelo bebê como algo executado por um adulto, do qual a criança nesta idade nada sabe. Basta, contudo, que tal ação específica falhe, deixe de ocorrer ou ocorra tarde demais para que o bebê se encontre em uma situação de desamparo, assolado pela urgência que o desprazer promove.

Pode-se imaginar que uma criança recém-nascida que se encontre em tal situação de desamparo acabará por se defender continuamente da única maneira que consegue neste momento, caso nada de providencial ocorra em seu auxílio. Deste modo, numa criança humana recém-nascida, persistiria a tendência a desinvestir a imagem de qualquer objeto hostil mediante eliminação do aumento da tensão interna pelas vias motoras. Se tal tendência persistir, tornar-se-ia aparentemente impossível para o Eu manter imagens de objetos hostis formadas, já que estas automaticamente seriam desinvestidas e o objeto hostil alucinado negativamente.

Dando continuidade às observações sobre os efeitos do desprazer no desenvolvimento do Eu, é possível retomar a já abordada reação ao desprazer, realizada por tal instância, que se daria por meio de uma inibição dos caminhos que desembocam em desprazer. Tal inibição, ao promover processos secundários, não só corresponderia a reações mais adequadas às demandas da realidade, como possibilitaria que imagens de objetos hostis não sejam desinvestidas de maneira automática.

Contudo, vale ressaltar, esta forma de inibição realizada pelo Eu pressupõe um grau de desenvolvimento maior de tal instância. Nos termos do *Projeto*, para realizar este processo, o Eu teria que ser capaz de ligar a Q livre, o que, todavia, geraria aumento de tensão e desprazer que precisaria então ser suportado pelo Eu. Interessa mais para os objetivos desta seção abordar outras formas de lidar com o desprazer que o Eu possa utilizar em momento mais iniciais da vida, formas que, talvez, possam ser pensadas como mais automáticas ou rudimentares.

Parece ser possível vislumbrar a projeção, mecanismo já abordado inicialmente, como uma outra ação utilizada pelo Eu para lidar com o desprazer. Este mecanismo consistiria na expulsão para fora do Eu daquilo que fosse desprazeroso. Entretanto, algumas indicações precisam ser mencionadas sobre a projeção, pois como apontam Laplanche e Pontalis (2001, p. 374), tal termo “tem hoje uma utilização muito extensa, quer em psicologia, quer em psicanálise; compreende diversas acepções, que são mal distinguidas uma das outras . . .”.

Sem pretender esboçar todas as possíveis definições isoladas pelos autores, abordaremos a seguir apenas algumas destas definições que, para os fins desta dissertação, podem ser ilustrativas para apontar algumas situações em que a projeção pode ser utilizada pelo Eu como mecanismo para lidar com o desprazer.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010) apresenta uma certa definição do que seria a projeção. Esta estaria relacionada diretamente com as tentativas empreitadas pelo Eu para lidar com o desprazer. Segundo o autor, há a possibilidade de se adotar uma determinada conduta diante das estimulações endógenas. Sobre estas “Haverá a tendência de tratá-las como se agissem a partir de fora e não de dentro, para poder usar contra elas os meios defensivos da proteção contra estímulos. Essa é a origem da *projeção* . . .” (Freud, 1920/2010, p. 191, em itálicos no original).

Diante de tal citação de Freud, pensa-se na projeção entrando em ação, por exemplo, no momento em que os estímulos corporais, convertidos em uma necessidade psiquicamente representada e geradora de desprazer, seria projetada para fora do Eu e tratada como de origem externa. Esta construção pode servir como acréscimo a discussão sobre as medidas defensivas utilizadas pelo Eu rudimentar diante do desprazer, tanto para estímulos endógenos quanto exógenos, que seria pautada em eliminação por via motora e desinvestimento da imagem do objeto hostil. Uma das dificuldades apontadas por Laplanche e Pontalis (2001), seria de que resta a questão de saber o que seria projetado nestas situações.

Para os autores, poderia ser tanto a fonte de um desprazer, que de interno passaria a ser externo, como no caso de uma fobia, assim como a projeção de um sentimento que por alguma razão provoca desprazer no indivíduo. Neste último caso, apenas para ilustração, pode se pensar

em uma situação em que o fato de odiar algo provoque desprazer, logo, a projeção deste sentimento seria, em um primeiro momento, uma forma de se livrar de tal desprazer. Já em um segundo momento, proporcionaria ao agente da projeção uma compreensão de que aquele objeto odiado é que agora o odeia. Aprofundar estas acepções, que se dirigem à discussões voltadas para questões psicopatológicas, fogem do interesse deste trabalho. No entanto, é possível ver em ambos os casos a projeção sendo utilizada como uma defesa contra o desprazer.

Interessa aqui o uso da projeção isolado por Laplanche e Pontalis (2001), que coloca tal mecanismo em contraposição com a introjeção, em uma certa dinâmica que corresponde ao desenvolvimento do indivíduo, no sentido exposto no primeiro capítulo desta discussão. Segundo os autores, nesta situação a projeção poderia ser pensada como um mecanismo que acaba por promover a purificação do Eu, de maneira muito semelhante com o que viu-se sobre o Eu-de-prazer purificado, em que o que é desprazeroso que seria expulso, e o prazeroso mantido.

Vale acrescentar, no entanto, que em fases iniciais de desenvolvimento do Eu o que está em jogo é a própria constituição deste. Logo, ao expulsar algo de seu seio por meio da projeção, é como se o Eu pretendesse não se constituir tomando tal elemento como referência. Nas palavras dos autores: “Aqui, poderíamos dizer esquematicamente que a projeção não se define como ‘não querer conhecer’, mas como ‘não querer ser’ (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 378).

Levando em conta esta passagem dos autores e o que estudou-se até aqui, parece ser possível encontrar algum elemento indicativo de como o desprazer possui influência no desenvolvimento do Eu. Enquanto esta instância for incapaz de lidar com o desprazer, de ligar a energia em livre circulação que tal sensação denota, reações defensivas de cunho primário serão adotadas. Com estas, persistiria uma desadaptação à realidade – seja pela alucinação negativa de imagens de objetos potencialmente hostis, seja pela projeção de elementos desprazerosos -, que resultaria na delimitação das fronteiras do eu de maneira irreal, ou seja, na deformação dessas fronteiras, ideia já vista anteriormente com Freud (1930/2010).

Com tais descrições ainda não parece ser possível demonstrar com clareza o seguinte: a projeção seria uma defesa utilizada pelo Eu em casos em que a defesa primária – desinvestimento - falha ou não é suficiente; ou se em casos que tal defesa apresentou alguma efetividade, ainda que incompleta, a projeção seria uma espécie de defesa complementar. De fato, não cabe aqui responder de maneira detalhada tais questões. Cabe aqui, neste momento, refletir sobre como aplicar brevemente estas novas compreensões aos estágios de desenvolvimento do Eu pensados por Freud (1925/2011, 1930/2010), o Eu-realidade inicial e o Eu-de-prazer purificado.

Como já foi dito, o Eu-realidade inicial seria aquele que toma a si mesmo como prazeroso, e o mundo externo lhe seria indiferente. Tal estágio do Eu, tem-se indicação em Freud (1930/2010), pode ser compreendido como um estágio em que algo como uma diferenciação entre o mundo externo e interno ainda não existiria. Aqui, considerando-se a defesa primária, aventa-se a possibilidade de uma predominância de processos primários que culminariam na alucinação negativa de todos objetos hostis, objetos que promovam desprazer. Parece não interessar, neste momento, a fonte do desprazer, já que tal indiferenciação se impõe. Toda imagem que remetesse ao desprazer seria desinvestida, restando somente imagens que remontam ao prazer, as quais seriam tomadas pelo Eu rudimentar como fazendo parte de si, mesmo que na realidade não façam.

Seguindo por esta linha de pensamento, algo como uma projeção primitiva que fundaria a diferenciação entre o Eu e o não-Eu talvez possa ser hipotetizada. No entanto, ela só faria sentido em um momento no qual o Eu já possuísse alguma capacidade inibitória. Isto, pois, se toda imagem desprazerosa fosse alucinada negativamente, não haveria como esta ser projetada, antes disso ela deixaria de ser levada em conta. Parece se tornar condição de possibilidade para a projeção que algo desprazeroso seja ao menos inicialmente reconhecido pelo Eu para que então possa ser colocado para fora. Mais ao final desta seção, talvez seja possível retomar esta questão, e procurar desenvolver alguma resposta mais satisfatória.

Sem então, por ora, procurar definir a gênese da projeção, tem-se no resultado de tal mecanismo um dado já conhecido. O Eu se tornaria purificado, seria um Eu que equivale ao que é prazeroso, ao mesmo tempo em que o mundo externo, agora, seria o lar de tudo que é desprazeroso, o estágio do Eu-de-prazer purificado (Freud, 1915/2010).

Diante dos conhecimentos obtidos, existem motivos para pensar na projeção presente neste estágio do Eu como uma ação de cunho primário, no sentido de que ela não corresponde, sobretudo, às indicações da realidade. Tudo parece indicar que elementos desprazerosos ainda não podem ser aceitos no âmago do Eu. Aqui, ainda impera um princípio de prazer, que rege o Eu e o leva a se desvencilhar, a ignorar e se manter distante de tudo o que for promotor de desprazer e, por outro lado, a manter em si tudo que foi associada com a promoção de prazer.

Desta forma, enquanto mecanismo que lida de maneira automática com o desprazer, a projeção caracteriza-se por si mesma como uma defesa de cunho primário, que precisaria ser, posteriormente, ao menos regulada pelo Eu. Se o Eu for capaz de realizar tal regulação, um passo no sentido da realidade será dado. Contudo, restará ainda a necessidade de suplementar igualmente a tendência imposta pelo princípio do prazer ao mecanismo da introjeção, afinal,

por meio da ação deste, deveria ser possível introjetar elementos desprazerosos, em um momento em que tal mecanismo seja regulado por um funcionamento secundário.

A apreciação do desprazer, ou melhor, das reações que este provoca no Eu, parece levar a compreensão de gradações no desenvolvimento deste. Paulatinamente, fazendo uso de mecanismos mais ou menos adaptados à realidade, e levando em conta o quanto de desprazer pode suportar, o Eu tornar-se-ia capaz de operar com o desprazer, levando este em conta, como diria Ferenczi (1926/2011). Ao se dominar e suportar o desprazer, o Eu pode contar com mais elementos da realidade para elaborar uma economia do prazer, como encarar desprazeres que, caso ignorados, no futuro podem se converter em um desprazer ainda maior.

Em prosseguimento a esta discussão, passa-se a algumas observações que podem ser realizadas sobre os dois polos de objetos que até então foram considerados. Os objetos hostis, relativos à vivência de dor, e os objetos desiderativos, relativos à vivência de satisfação.

Pretende-se por meio disto, esclarecer que, em primeiro lugar, os objetos denominados hostis e desiderativos adquirem tais características individualizadas apenas no interior das descrições das vivências de dor e de satisfação tomadas separadamente; e, em segundo lugar, que um único objeto real pode ser figurado de maneira hostil e desiderativa no aparelho psíquico. Portanto, pode-se dizer que os objetos não possuem um caráter desiderativo ou hostil dado a priori. Para o indivíduo, tais características seriam atribuídas por meio das vivências primordiais. Encontra-se em Gabbi Jr. a noção de que as vivências primordiais de dor e de satisfação:

têm como consequência ignorar todo objeto hostil e transformar todo objeto em objeto desiderativo. A ordem entre os dois tipos de objeto é conceitual. Se a primeira conduta fosse tomar todo objeto como objeto desiderativo, não seria preciso supor a ignorância tencionada em relação aos objetos hostis . . . (Gabbi, 2003, p. 60).

Tal afirmação, além de apontar para um certo caráter primário em tomar inicialmente todo objeto como hostil, já que num primeiro momento todo objeto, enquanto eliciador de estímulos, provoca desprazer, denota, igualmente, que todo objeto pode ser transformado em objeto desiderativo. Para que tal mudança ocorra, basta que o objeto seja apresentado no momento em que existe uma tensão provocada pela necessidade e, é claro, que tal objeto seja capaz de promover a resolução de tal tensão, acarretando prazer ao indivíduo.

De todo modo, não se pode ignorar o fato de que, em um momento inicial da vida, com um Eu ainda muito primitivo, uma imagem de objeto hostil será sempre alucinada negativamente e deixará de ser levada em consideração. Por outro lado, e devido a isto, nesta

fase inicial do desenvolvimento, toda imagem de objeto que persiste no aparelho, ao menos inicialmente, seria uma imagem de objeto desiderativo.

Estas ideias se alinham com a predominância da tendência à eliminação da tensão que imprime sobre a imagem do objeto hostil – que promove desprazer – a ação de uma defesa primária. De certa maneira, pode-se dizer que enquanto a imagem de objeto desiderativo não for alucinada num momento de tensão e incorrer em decepção seguida de desprazer, tal imagem não chamará atenção do Eu para que venha a sofrer alguma espécie de inibição.

Sobre esta questão algo mais será dito logo à frente, ainda nesta seção. Por ora, é possível encontrar em Freud (1895/2003), a possibilidade de que um mesmo objeto real seja tomado como objeto de ambas as vivências. Para o autor, tal objeto real seria, de maneira exemplar, outro ser humano, um adulto que seria “ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação e, além disso, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar” (Freud, 1895/2003, p. 207). Este último elemento, o caráter auxiliar do outro enquanto ser humano, Gabbi Jr. (2003) indica que parece se referir ao papel de cuidador que o adulto vem a desempenhar para o bebê, como provedor e interlocutor especial, capaz de promover a ação específica que o lactante necessita, por meio da compreensão de indicações rudimentares, como o choro.

Sobre a possibilidade de o outro constituir tanto uma imagem de objeto hostil quanto de satisfação, uma explicação pode ser encontrada. Ao se levar em conta que apesar de um objeto ser um só na realidade concreta, enquanto imagem de objeto formada no aparelho psíquico, ele pode surgir tendo como referência tanto a vivência de dor quanto a vivência de satisfação. Isto implicaria na possibilidade de duas imagens de objeto, uma desiderativa e uma hostil, cada uma delas ligadas à uma das vivências. (Freud, 1895/2003; Gabbi, 2003).

Tais considerações sobre as imagens de objeto parecem tornar mais clara a compreensão de mecanismos como a projeção e a introjeção. Enquanto pautadas por processos primários, a primeira atuaria diretamente nas imagens de objetos hostis, já a segunda, sobre as imagens de objetos desiderativos. O resultado seria a conhecida projeção das imagens de objetos hostis e a introjeção de objetos desiderativos.

Como apontado acima, no entanto, somente quando o Eu possuísse algum grau de recurso inibitório seria possível que ambos mecanismos funcionassem pautados em processos secundários. Nesta forma de funcionamento mais madura se poderia pensar em uma modalidade já secundária de projeção de imagens de objetos desiderativos que de fato não pertencem ao Eu. Da mesma forma, uma modalidade secundária de introjeção de imagens de objetos hostis que outrora foram projetados, agora seriam reconhecidos como pertencentes ao Eu.

Contudo, após os desenvolvimentos feitos neste capítulo, parece ser possível ao menos pensar em um modo de funcionamento da projeção que ocorra diante de algum grau de funcionamento secundário do aparelho. Tal ideia surge do fato de que uma imagem de objeto hostil só poderia ser projetada caso fosse mantida no aparelho, isto é, não fosse alvo de uma defesa primária que acarretasse no desinvestimento e alucinação negativa da mesma.

Tal questão foi levantada acima, agora algo mais pode ser dito sobre ela. Seria necessário ao Eu suportar o desprazer promovido por uma imagem de objeto hostil que, em submissão à realidade, se admite como real, para que em seguida, negando-se novamente as indicações da realidade, tal objeto fosse projetado. Aqui, supondo-se tratar de uma imagem que diz respeito, de fato, ao Eu, mas que por proporcionar desprazer, esta seria projetada deste e referida como pertencente ao exterior<sup>28</sup>.

Todas estas considerações, das realizadas no primeiro capítulo até as que aqui foram expostas, podem indicar uma espécie de relativização na compreensão do desenvolvimento do Eu, e igualmente do processo inibitório promovido por este. Deve-se pensar em gradações de tal desenvolvimento, nas quais ocorreriam avanços em direção à realidade, mas não plenos, pois igualmente defesas como a projeção entrariam em cena promovendo uma purificação do Eu que de forma alguma corresponderia à realidade.

Em relação a isto, é possível notar que a noção de afirmação do desprazer, pensada por Ferenczi, pode auxiliar na compreensão deste desenvolvimento gradual, que aceita novos níveis de desprazer diante de alguma compensação, como a possibilidade de se evitar um desprazer futuro ainda maior. Retomando os estágios de desenvolvimento do Eu repensados pelo autor em *Desprazer* (Ferenczi, 1926/2011), poder-se reencontrar a hipótese de uma espécie de divisão representacional do objeto, aventada acima, e ainda destacar algumas novas indicações sobre o desenvolvimento do Eu no sentido da realidade.

O autor leva em consideração em tal obra um cenário em que um bebê se vê obrigado a ficar sem o seio, objeto de desejo tomado como exemplo aqui, por um longo período de tempo. Como resultado desta ausência do objeto desejado, ocorre que quando tal objeto é reencontrado, apesar de promover prazer, ele apresentaria ao mesmo tempo um caráter ambíguo, não mais seria tido apenas como objeto desejado. Nas palavras do autor:

Quando, após ter esperado e chorado por muito tempo, a criança reencontra o seio materno, este não mais suscita nela o efeito de uma coisa indiferente que está sempre a postos quando se tem necessidade dele e cuja existência, por

---

<sup>28</sup> Como visto acima, uma das acepções atribuídas à projeção por Freud (1920/2010) diz respeito a tal mecanismo possibilitar que o indivíduo lide com estímulos de ordem interna como se fossem de origem externa.

consequente, não é preciso reconhecer; o seio materno passa agora a ser um *objeto de amor e de ódio*; de ódio porque foi obrigado a passar sem ele durante certo tempo; de amor porque depois dessa privação ele lhe propiciou uma satisfação ainda mais intensa; . . . (Ferenczi, 1926/2011, p. 435, itálicos no original).

Com esta citação do autor, nota-se também em seus termos a possibilidade de que um objeto outrora desejado, por ter promovido satisfação, possa adquirir igualmente uma imagem representacional de objeto hostil. Talvez seja possível dizer que, ao alucinar o objeto desejado sem que este esteja presente na realidade concreta, tal imagem de objeto é tomada como real, mas ao invés de levar à satisfação, como ocorreu outrora, todo o processo resulta em desprazer, já que a tensão interna aumentada – e que, portanto, já promove a sensação de desprazer - não é satisfeita.

Esta situação apresenta, em casos mais graves, um caráter negativo de grande conta, ao se levar em conta o estado de desamparo inicial do bebê humano. Em situações em que um adulto não atue de forma a efetivar a ação específica capaz de promover a satisfação das necessidades do bebê, este se encontrará diante de uma tensão interna muito elevada, da qual só poderá se defender pelo caminho da alteração interna que, neste caso, dar-se-ia de forma exagerada e ineficaz. Mais adiante neste trabalho, em específico no quarto capítulo, será abordado algumas consequências de uma situação de abandono como esta. Ressalta-se, apenas, que nesse cenário o que se encontra é o caráter pleno do abandono do lactante, muito dependente do adulto que dele deveria cuidar.

De todo modo, a citação acima de Ferenczi parece indicar algo como um avanço em direção à realidade decorrente da ausência do objeto desejado por um determinado período de tempo. A falta do objeto desejado acabaria por obrigar a criança a observar determinadas condições da realidade, como, por exemplo, a de que o objeto não se submete irrevogavelmente aos seus desejos.

Retomando o texto de *Desenvolvimento* (Ferenczi, 1913/2011), parece ser possível situar este momento de desenvolvimento do Eu no sentido da realidade. Seria próximo do início da fase de onipotência com a ajuda de gestos mágicos e, igualmente, a fase de onipotência com palavras mágicas, quando algumas condições se impõe para o surgimento do objeto. Em tais fases, como apontado pelo autor, a criança conseguiria manter a crença em sua onipotência, mas mediante o uso de gestos e palavras específicas que levem o objeto desejado a se apresentar. Longe de adquirir uma concepção plenamente objetiva, o objeto, de todo modo, é rudimentarmente visto como algo distinto do Eu.

Parece seguir nesta direção a passagem em que Ferenczi (1926/2011, p. 435) diz que o objeto não mais suscita no bebê “o efeito de uma coisa indiferente que está sempre a postos quando se tem necessidade dele e cuja existência, por conseguinte, não é preciso reconhecer . . .”. Ao ser ausente, e com isto não submetido de maneira completa e imediata aos desejos do infante, o objeto obriga este último a reconhecer seu caráter externo.

Não custa afirmar, no entanto, que o objeto real precisa se apresentar novamente em algum momento não muito distante no tempo para que a imagem desiderativa deste seja mantida viva e o desprazer decorrente da necessidade, remediado. Caso contrário, recair-se-ia na situação de abandono mencionada acima, em que a criança se vê obrigada a recorrer a medidas de alteração interna exageradas para lidar com o desprazer.

Encontra-se em *Mal-estar*, de Freud, ideia semelhante, em que uma ausência momentânea de um objeto desejado atuaria na direção de promover uma apreciação inicial de algumas condições impostas pela realidade. Em passagem a qual já se referiu, o autor aponta que deve impressionar o bebê o fato de que algumas:

fontes de excitação . . . – entre elas a mais desejada, o peito materno – furtam-se temporariamente a ele, e são trazidas apenas por um grito requisitando ajuda. É assim que ao Eu se contrapõe inicialmente um ‘objeto’, como algo que se acha fora e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer (Freud, 1930/2010, p. 18).

Desta forma, a ausência momentânea de um objeto converter-se-ia em condição para que o mesmo possa, inicialmente e de maneira ainda rudimentar, ser percebido como externo, como algo que é não-Eu. Dado as indicações obtidas, caracterizar-se-ia assim um avanço no desenvolvimento do Eu, pois a criança passa a levar em conta determinadas demandas por parte da realidade. Dentre elas, justamente o fato de que alguns objetos não respondem imediatamente ao seu desejo, como no estado da onipotência por gestos e palavras mágicas, mencionada acima (Ferenczi, 1913/2011).

De todo modo, a própria indicação de Freud (1895/2003) de que o bebê percebe a necessidade de uma ação específica - como parece ilustrar o uso destes gestos ou palavras determinadas, que levam o objeto a aparecer - remonta a já esboçada condição de que modificações externas se fazem necessárias para que um estímulo endógeno seja satisfeito. A criança, neste momento, parece compreender, ainda que de maneira inicial, rudimentar, que alterações unicamente voltadas para o mundo interno não bastam para satisfazer as necessidades que atormentam desde dentro. Algo específico precisa ser feito para que a satisfação ocorra.

É oportuno indicar que parece existir neste avanço em direção à realidade, efetuado pelo Eu, a presença de uma afirmação diante do desprazer, ainda que inicial, distante da objetividade científica pretendida por Ferenczi (1926/2011). O fato de que o Eu comece a levar em consideração as demandas da realidade externa, as indicações provenientes desta de que alguns objetos não estão sob seu domínio total, ocorreria, sobretudo, devido a compreensão de que seria ainda pior ignorar estes dados da realidade. Segundo indicação do autor:

devemos suspeitar da existência de uma compensação logo a partir do primeiro aparecimento de uma afirmação do desprazer; . . . Se o reconhecimento do meio ambiente hostil representa um desprazer, o seu não reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer; o menos desagradável torna-se, portanto, relativamente agradável e pode ser afirmado como tal (Ferenczi, 1926/2011, p. 434).

Esta passagem de Ferenczi parece indicar o papel fundamental que o desprazer desempenha no desenvolvimento do Eu, o qual já foi apontado diversas vezes ao longo desta seção. Não custa reafirmar, no entanto, que muito além de um caráter que inicialmente pode parecer unicamente de empecilho, o desprazer atua sobretudo como uma espécie de guia para o sentido da realidade. De toda forma, não poderiam ser mais complicadas as mudanças que o Eu precisa efetuar em seu próprio funcionamento e delimitação para atender tais exigências da realidade.

Ao abrir mão de uma parte prazerosa, mas que não lhe pertence, o Eu aproxima-se um pouco mais de um funcionamento pautado pelo princípio da realidade. O mesmo vale quando o Eu torna-se capaz de suportar o desprazer decorrente da introjeção de um elemento desprazeroso outrora projetado. Desta forma, e retomando novamente o conceito ferencziano, ao conseguir paulatinamente inibir as tendências primárias à projeção e à introjeção e maneja-las de modo mais equilibrado, o Eu passaria a contar com a realidade. Podendo então trabalhar com esta, tomá-la em consideração e assim realizar decisões que ao mesmo tempo em que respeitam as demandas da realidade, podem promover prazer. (Ferenczi, 1926/2011).

Aqui parece ser o caso de retomar a noção de juízo de realidade (Freud, 1925/2011). Na mesma medida em que há uma crescente capacidade de ligar e suportar o desprazer, o Eu cada vez mais opera segundo processos psíquicos secundários, levando em consideração dados da realidade. Pode se ver na afirmação perante o desprazer que o Eu desempenha uma condição de possibilidade para a mudança de um parâmetro judicativo pautado em prazer e desprazer para um que considere a existência ou não de um objeto na realidade.

Enfim, não se pode ignorar o caráter disruptivo que o desprazer, pensado aqui enquanto excesso de tensão interna no aparelho, apresenta, sobretudo nas considerações sobre o trauma. No próximo capítulo planeja-se esboçar algumas relações sobre estes dois elementos, desprazer e trauma, levando em conta, sobretudo, as apreciações que Freud nos proporciona sobre tais conceitos. Mais especificamente, na primeira seção a seguir pretende-se considerar o trauma em aspectos que remetem para o caráter econômico e dinâmico deste. Já na segunda seção, será adequado apresentar algumas ilustrações elaboradas por Ferenczi (1933/2011) sobre algumas situações traumáticas e as consequências destas. Dentre elas, a progressão traumática.

### CAPÍTULO 3

#### CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRAUMA EM FREUD E EM FERENCZI

Neste capítulo pretende-se expor algumas considerações sobre o conceito de trauma em psicanálise. Tal exposição, é preciso dizer, terá um caráter majoritariamente indicativo, com o objetivo principal constituindo-se, aqui, por apenas fomentar a discussão deste trabalho com alguns apontamentos e reflexões sobre tal conceito, tomando como base alguns textos de Freud e de Ferenczi.

Uma apreciação longa e aprofundada sobre o trauma, sem dúvida, teria muito a oferecer. Contudo, uma investigação de tal porte extrapola os limites desta pesquisa. Isto, pois, como pode ser observado, o conceito de trauma aparece cedo na obra de Freud, e continua sendo alvo de importantes considerações até bem próximo da morte do autor. Apenas à guisa de exemplo de tamanha persistência de tal temática na obra do pensador – o que pode inclusive apontar para a importância do mesmo – é possível listar de maneira sumária algumas aparições de tal noção.

O trauma é discutido de maneira considerável na obra *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1893/2016), onde ocupa importante papel na etiologia da histeria. No mesmo sentido, e na mesma época, em *Projeto* (Freud, 1895/2003) o autor esboça uma concepção geral sobre o funcionamento neuropsíquico que servirá de base para explicar o trauma como uma violência sexual sofrida em idade anterior a da puberdade, violência esta que posteriormente estaria relacionada com a formação de sintomas histéricos. Aqui, vale anotar, o trauma já é pensado em termos econômicos e dinâmicos, e tem importante papel na etiologia das patologias<sup>29</sup>.

Anos depois, em *Além do princípio do prazer*, de 1920, o trauma surge sendo pensado por Freud (1920/2010) em termos biológicos, considerando-se ideias como a de quantidades de estímulos e barreiras de proteção. Em *Moisés e o monoteísmo: três ensaios* (Freud, 1939/2018), escrito entre 1934 e 1938, mas publicado após a morte de Freud, em 1939, o trauma é novamente retomado em consideração, e exerce em tal obra importante papel nas reflexões histórico-culturais lá tratadas pelo autor.

Algo mais pode ser ainda acrescentado sobre tal riqueza da noção de trauma em psicanálise. Trata-se da ideia de um aparente abandono, por parte de Freud, de uma determinada concepção do trauma, formada com base em suas observações clínicas dos sintomas histéricos. Estas apontavam para o trauma sofrido pelas pacientes na infância, como

---

<sup>29</sup> Para maiores considerações sobre a concepção do trauma neste momento na obra de Freud, conferir Levin (1980).

sendo majoritariamente de caráter sexual. Tal concepção, formada à época de *Projeto e Estudos sobre a histeria*, teria sido abandonada por Freud, ao passo que este começaria a dar prioridade para outros fatores da vida psíquica, como a fantasia e a pulsão sexual, para a explicação etiológica das patologias que investigava. Contudo, pode-se apontar, por meio de autores como Monzani (2014), que tal abandono seria apenas aparente e parcial, sendo que a importância do trauma teria persistido na teoria psicanalítica ao longo dos anos, inclusive em importantes obras de Freud, como mencionado acima.

De todo modo, segundo autores como Bokanowski (2000), o que Ferenczi teria efetuado, em determinado momento de sua obra, seria uma retomada do trauma como peça fundamental na investigação e na compreensão do sofrimento dos pacientes que atendia. Tal retomada, como será abordado, teria sido expressa em uma comunicação de 1932, a qual será tomada como guia para a exposição da segunda seção deste capítulo.

Diante destas informações, uma leitura cronológica das obras de Freud em busca de definições, hipóteses e considerações sobre o trauma seria, sem dúvida, enriquecedora, podendo proporcionar discussões sobre as variações e aplicações que tal conceito apresentou ao longo dos anos na obra do autor. Contudo, como já aventado, uma empreitada de tal envergadura escapa dos objetivos deste trabalho. Resta, então, dentro do que nos cabe, isolar, do amplo campo de discussão sobre o trauma, considerações que permitam o avanço das discussões e reflexões às quais têm-se como objetivo abordar neste trabalho. Para tanto, a divisão deste capítulo em duas seções parece ser frutífera.

A primeira seção tem como objetivo apresentar o trauma por meio de considerações que majoritariamente, em metapsicologia, poderiam ser consideradas como de cunho econômico e dinâmico. Isto equivale dizer, de uma maneira geral, que trataremos de ideias que consideram a hipótese de que no aparelho psíquico esteja presente uma energia que por ele circula, que pode aumentar, diminuir, ser investida, desinvestida, ser ligada ou descarregada, por meio dos processos psíquicos (Laplanche & Pontalis, 2001)<sup>30</sup>.

Como o leitor pode observar, tal forma de pensar os processos psíquicos vem sendo abordado, ainda que sem ser diretamente mencionado, em nosso trabalho. As hipóteses esboçadas por Freud em *Projeto* bebem de tal concepção, sendo que, em tal obra, a Q é tomada

---

<sup>30</sup> Como apresentado já na introdução deste trabalho, a metapsicologia pode ser compreendida, conforme Laplanche e Pontalis (2001) como uma síntese das considerações tópicas, dinâmicas e econômicas sobre determinados processos psíquicos. Desta forma, resta enfatizar que, apesar de nossa exposição prezar por apontamentos, que, como dito, podem ser considerados como de um ponto de vista econômico e dinâmico, estes estão intrinsecamente interligados com o outro ponto de vista necessários a uma apreciação metapsicológica de fenômenos psíquicos. Tal exposição, que preza por determinados pontos de vista, tem, portanto, caráter didático e expositivo.

como designadora de uma energia que passa por processos como os supracitados. Igualmente, as vivências de satisfação e de dor levam, em suas descrições, esta forma de considerar os eventos que se desenrolariam no aparelho.

Uma exposição sobre o trauma que leve em conta considerações econômicas e dinâmicas precisaria buscar descrever então as variações quantitativas que estão em jogo em tal fenômeno. Como será demonstrado, a consideração de um acúmulo de tensão interna no aparelho, e que demanda algum trabalho deste, desempenhará importante papel em tal discussão. Na mesma medida, a retomada das noções de energia livre e energia ligada, abordadas nos capítulos anteriores, será também de grande relevância.

A segunda seção, por sua vez, terá como intuito esboçar um quadro geral das ideias de Ferenczi acerca do trauma, mais especificamente, de algumas formas pelas quais este ocorreria, e quais suas possíveis consequências. Foi por meio de sua prática clínica que o pensador acabou por deparar-se com certas figurações de situações traumáticas e os efeitos destas nos pacientes. Atendendo estes pacientes, que, a época, eram tidos como pacientes difíceis - pois os moldes técnicos padronizados da psicanálise não eram eficientes em trazer-lhes melhoras duradouras - o autor reencontra e repensa questões antigas referentes a noção de trauma em psicanálise. Mais especificamente, como abordado, tratar-se-ia de uma retomada de uma concepção do trauma como violência sexual que resulta em nefastas consequências para um psiquismo infantil (Ferenczi, 1929/2011, 1930/2011a, 1931/2011, 1933/2011).

Sobre este segundo momento, é necessário fazer ainda algumas justificativas. Considerando-se que, assim como Freud, Ferenczi acaba por apresentar amplas considerações sobre o trauma, seus efeitos e seu tratamento, também uma opção mais restrita de exposição precisou ser por adotada para a segunda seção deste capítulo. Optou-se então por tomar como guia de nossa discussão, em tal seção, o texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, de 1933, com o objetivo específico de proporcionar, por meio de tal texto, um panorama geral e introdutório das concepções ferenczianas sobre o trauma.

Apresentado como conferência por Ferenczi no XII Congresso Internacional de Psicanálise, em Wiesbaden, no ano de 1932, transcrito e publicado em 1933, é digno notar, tal texto possui um subtítulo: *A linguagem da ternura e da paixão*.<sup>31</sup> Em tal obra encontram-se ilustrações, feitas por Ferenczi (1933/2011), de casos em que crianças são traumatizadas após

---

<sup>31</sup> É importante notar, ainda, que tal apresentação possuiria, inicialmente, outro título, que fora alterado por Ferenczi antes do congresso. Sabemos disso pois a edição brasileira das obras de Ferenczi, editadas pela Martins Fontes, mantém a nota de rodapé da tradução francesa, na qual se baseia, onde aparece indicado como título original desta exposição “As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança” (Ferenczi, 1933/2011, p. 111).

sofrerem determinados tipos de abusos, ao serem vítimas de excessos de diversas ordens, e também, por serem abandonadas em momentos de grande necessidade. Igualmente observa-se o autor descrever algumas consequências para tais atos de violência, dentre estas, destaca-se a progressão traumática, que poderá ser apresentada ao leitor de maneira mais atrelada ao texto em que figura de maneira direta.

Vale dizer também que tal texto de Ferenczi, fruto da exposição realizada pelo autor em 1932, contém, de maneira sintetizada, boa parte das conclusões obtidas pelo autor ao longo dos anos. Como aponta Dean-Gomes (2019, p.406), ao que tange a obra de Ferenczi, *Confusão de língua entre os adultos e a criança* pode ser visto como o “testamento público de suas derradeiras descobertas clínico-teóricas”.

Ainda, como poderá ser observado, o cenário traumático mais específico que será tomado em consideração nas partes finais desta dissertação será o do abandono sofrido por uma criança pequena. Apesar de tal situação traumática não figurar diretamente no texto de *Confusão*, aponta-se que muitos dos elementos que possibilitam ao abandono relegar graves consequências para o psiquismo infantil são de fato considerados em tal texto de Ferenczi. Destaca-se, em especial, a importância que o autor confere para a dinâmica da relação estabelecida entre a criança e os adultos com que esta se relaciona.

### **3.1 Proposições para uma reflexão sobre o trauma em Freud**

Conforme as discussões realizadas nos capítulos anteriores, observou-se que diante de um aumento de tensão interna no aparelho psíquico, seria demandado, por parte deste, alguma espécie de ação ou trabalho para lidar com tal aumento. As fontes causadoras de tal aumento de tensão podem ser tanto de origem externa quanto interna. Para as de fonte externa, uma barreira contra estímulos é hipotetizada, tendo como função reduzir a força e o consequente impacto de tais estímulos no aparelho. Como visto no primeiro capítulo, já em *Projeto*, Freud (1895/2003) considera tal hipótese de uma barreira de proteção, que em tal obra seria constituída pelos órgãos dos sentidos.

Já para as de origem interna, entende-se que algo como uma barreira não se apresentaria, resultando que tais estímulos atingiriam o aparelho psíquico de maneira mais direta. Como visto também no primeiro capítulo, com base em *Projeto*, a fonte destas seria o próprio corpo, e por meio de um processo de somação, elas seriam capazes de se fazerem representar no aparelho

psíquico. Vale anotar, a partir do momento no qual, com tal processo de somação, os estímulos internos vençam a resistência das barreiras de contato, todo aumento da tensão endógena incorrerá de maneira direta à um aumento na tensão interna.<sup>32</sup>

Como foi também abordado anteriormente, existem princípios de funcionamento psíquico que se relacionam com a ideia de uma variação na quantidade de tensão interna do aparelho. Vale lembrar, em relação a isto, que o princípio de prazer teria como seus motes uma busca por prazer e por uma evitação do desprazer. Como a flutuação da tensão interna atua como elemento indicativo para as sensações de prazer e desprazer, a princípio, a diminuição da tensão seria sentida como prazerosa. Já o aumento de tal tensão, seria sentido como desprazeroso, e, sempre que algo assim ocorre, imediatamente, sob a égide de tal princípio, entrariam em curso ações para a diminuição do nível da tensão.

Outra ideia que interessa aqui retomar é o de uma tendência à constância. Esta tendência prezaria para que uma determinada quantidade de tensão interna fosse mantida, dentro de um nível adequado, para um bom funcionamento do aparelho psíquico. Desta forma, uma tendência à constância não se colocaria como diametralmente oposta ao princípio de prazer, já que tendências para a obtenção de prazer e evitação do desprazer poderiam continuar a ocorrer sem maiores problemas, dentro do nível constante pretendido.

Pode-se pensar em ao menos uma mudança significativa que ocorreria com o aparelho diante da vigência de uma tendência que buscasse manter – e retornar - a um nível constante de tensão, para o que aqui interessa discutir. Diante das flutuações do nível de tensão, ter-se-ia como meta justamente o reequilíbrio desta dentro de um nível ótimo, pretendido por tal tendência.

De maneira simples, partindo-se de um nível considerado como ótimo de tensão, uma variação desta quantidade para mais poderia resultar em sensação de desprazer. O prazer, por sua vez, seria obtido com a redução do nível de tensão, cuja tendência seria a de reencontrar o nível anterior ao aumento, ou algo próximo ao nível constante. Isto parece estar em consonância

---

<sup>32</sup> Como pode-se concluir à luz das exposições e discussões realizadas nos capítulos anteriores, em psicanálise, as fronteiras entre o interno e o externo, tornam-se um tanto quanto borradas. Por exemplo, neste capítulo muito irá se dizer de estímulos cuja fonte é interna ou externa. Ideias assim aplicam-se de maneira didática, pois, como visto, para a criança pequena, as delimitações entre o que faz parte dela e o que é externo, entre o Eu e o não-Eu, seriam inicialmente inexistentes, e se constituiriam apenas ao longo do tempo, em meio às experiências do infante tanto com suas próprias necessidades quanto com os objetos – ainda não percebidos como tais – que permeiam o mundo externo. Também os mecanismos de introjeção e projeção, apresentados anteriormente, apontam para este constante fluxo aberto entre o que se denomina como dentro e como fora. O próprio aparelho psíquico poderia tentar lidar, inicialmente, com toda estimulação como se esta fosse de origem externa, por meio de uma projeção mais primitiva (Freud, 1920/2010). É somente com a ineficácia na tentativa para com os estímulos cuja fonte é o próprio corpo, que ganha peso – e de certa forma impõe-se - uma demarcação das barreiras entre o mundo subjetivo e o objetivo (Ferenczi, 1913/2011; 1926/2011).

com a ideia apresentada anteriormente, de que o desprazer pode ser lido como condição para o prazer, que seria normalmente obtido mediante tal redução no nível de tensão interna.

Diante da retomada de todas estas considerações, compreende-se que a sensação de desprazer seria decorrente de um aumento do nível de tensão interna constante no aparelho. Contudo, Freud (1905/2016), já em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, aponta para algumas dificuldades desta forma de compreender-se o desprazer, baseada em um critério estritamente econômico. Tais dificuldades derivam, por exemplo, da observação de que a excitação sexual incorreria em um aumento de tensão que não seria necessariamente desprazeroso. Também em *O problema econômico do masoquismo*<sup>33</sup>, encontra-se uma citação em que se afirma o mesmo ponto:

Prazer e desprazer, portanto, não podem ser referidos ao aumento ou diminuição de uma quantidade que chamamos de tensão devida a estímulos, embora claramente tenham muito a ver com isso. Parece que não dependem desse fator quantitativo, mas de uma característica dele que só podemos designar como qualitativo. Estaríamos bem mais adiantados na psicologia, se soubéssemos indicar qual é esse traço qualitativo. Talvez seja o ritmo, o transcurso temporal das mudanças, elevações e quedas da quantidade de estímulos; não o sabemos. (Freud, 1924/2011, p. 186-7).

Diante de tal passagem, uma aproximação à noção de trauma por meio da consideração do desprazer como um aumento do nível de tensão do aparelho, parece demandar uma abordagem mais demorada. Mais especificamente, seria preciso refletir sobre o aspecto qualitativo desta alteração, que, como observa-se na citação acima, teria algo a ver com o ritmo ou o transcurso temporal no qual a variação quantitativa ocorreria. Tal exploração, por sua vez, parece apontar novamente para além dos limites deste trabalho e, de fato, talvez seja possível encontrar um caminho mais adequado para considerar-se o trauma de maneira mais cabível a nossos objetivos.

Tal caminho parece apresentar-se sobre a possibilidade de considerar o trauma por meio das ideias, já estudadas, de uma barreira que funciona como defesa contra estímulos, e das modalidades de estado em que se encontraria a energia, livre ou ligada. Acredita-se que uma abordagem centrada em tais pontos, apesar de deixar muita coisa de lado, pode ser mais adequada para os objetivos desta seção. Portanto, a seguir retomam-se algumas considerações sobre o desenvolvimento do Eu que ocorreria de maneira normal, sem grandes complicações. Atenta-se, dentro deste quadro de normalidade, para como tal instância lidaria com a energia

---

<sup>33</sup> Daqui para a frente abreviado por *Masoquismo*.

livre que circula pelo aparelho. Após isto, então, estes mesmos processos serão considerados em uma situação que pode ser chamada de traumática.

Nos capítulos anteriores viu-se algumas ideias referentes a estes estados em que a energia pode ser encontrada. De acordo com o texto de *Projeto* (Freud, 1895/2003), a energia em estado livre seria aquela que seguiria caminhos mais facilitados de maneira automática. Seria função do Eu promover a ligação de tal energia, impedindo que esta escoasse por tais caminhos sem que antes se observasse a realidade em busca de indicativos de que uma obtenção de prazer pudesse ocorrer. Tal processo de ligação, que tem o caráter de uma inibição, é feito pelo Eu diante da disponibilidade energética deste de investir determinados caminhos adjacentes às trilhas facilitadas pelos quais a energia livre passaria.

Observou-se, na segunda seção do primeiro capítulo que, mediante o ganho de experiência por parte do Eu e por meio de mecanismos como o de introjeção, atuando sobre traços de objetos importantes, ocorreria um enriquecimento e crescimento de tal instância. Algo assim daria ao Eu um maior alcance e capacidade de ligação de energia. Logo, quanto mais energeticamente investido e mais enriquecido pelos traços de imagens de objetos, maior seria a capacidade deste de promover inibições, transformando a energia em estado livre para um estado secundário.

Tais indicações oferecem a possibilidade de pensar-se em um cenário de normalidade no desenvolvimento, no qual o Eu, mediante a energia livre presente no aparelho – independentemente de sua fonte – realiza, de acordo com suas capacidades, tais processos de ligação. Aqui, pode-se sublinhar o fator quantitativo presente, já que se a quantidade de energia livre estiver em nível mais ou menos parelho às capacidades do Eu, este será capaz, mediante seu julgamento pautado na realidade, de promover a ligação da energia.

Ainda em tal cenário de estimulação normal, viu-se que Freud (1895/2003) supõe a presença de uma barreira constituída pelos órgãos do sentido que se imporia contra os estímulos vindos de fora. Tal barreira teria não só a função de barrar, mas também de amortecer a intensidade de tais estímulos que chegariam ao aparelho psíquico. Desta forma, com o nível reduzido dos estímulos, se facilitaria – ou, ao menos, seria possível - o trabalho do Eu de ligar a energia livre afluyente.

A noção de tal barreira contra estímulos, como apontado acima, parece ser um elemento importante para pensar-se o trauma. Isto porque, se em um cenário normal, ela é capaz de amenizar a carga de estímulos que chega ao aparelho, pode se pensar que quando tal barreira falha, ter-se-ia um cenário traumático. Algo em tal sentido pode ser observado na seguinte passagem de *Além*, onde a ideia de uma barreira contra estímulos é retomada pelo autor:

Às excitações externas que são fortes o suficiente para romper a proteção nós denominamos *traumáticas*. Acho que o conceito de trauma exige essa referência a uma defesa contra estímulos que normalmente é eficaz. Um evento como o trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa. (Freud, 1920/2010, p. 192, *itálicos no original*).

Para dizer de outra maneira, com base na citação acima, um trauma pode ser pensado como um evento no qual uma defesa que normalmente funciona, falha, é ultrapassada. No exemplo em questão, o estímulo de origem externa é forte o suficiente para romper a barreira de proteção e, com isso, atingir o aparelho psíquico em intensidade maior do que a que normalmente ocorre. Isto, por sua vez, gera um grande desequilíbrio energético no aparelho, que precisa então encontrar formas de se reequilibrar.

Um conceito presente na obra freudiana, que pode ser, em uma das suas acepções, apontado como uma mobilização psíquica defensiva contra tal excesso de estimulação, é o de contra-investimento<sup>34</sup>. O seguinte pode ser dito sobre tal conceito, conforme Laplanche e Pontalis (2001, p. 101, *entre parênteses no original, destaque em itálico nosso*):

Por fim, Freud apela para a noção de contra-investimento no quadro de uma relação do organismo com o meio para explicar reações de defesa contra uma irrupção de energia externa que invade o para-excitações<sup>35</sup> (dor, traumatismo). *O organismo mobiliza então energia interna à custa das suas atividades que se encontram, por isso mesmo, empobrecidas, para criar uma espécie de barreira que previna ou limite o afluxo de excitações externas.*

Nota-se então que uma das formas de se defender da estimulação traumática, encontra-se na possibilidade de mobilizar uma grande quantidade de energia, retirada de outras atividades do aparelho, e dispô-la para o trabalho de ligação. Seria então dado início a uma tentativa de inibir, ou, na medida do possível, reduzir os efeitos da energia em estado livre no aparelho<sup>36</sup>.

<sup>34</sup> Adotamos neste trabalho o uso do termo contra-investimento, com hífen, apenas por ser o modelo apresentado no *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (2001).

<sup>35</sup> Para-excitações é a tradução para português adotada na edição consultada de *Vocabulário de Psicanálise* (Laplanche & Pontalis, 2001) para o conceito que, neste trabalho, apresenta-se como barreira de proteção contra estímulos. A palavra usada por Freud originalmente em alemão é *Reizschutz*, que, na versão brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, da Companhia das Letras, é traduzido por proteção contra estímulos.

<sup>36</sup> A concepção apresentada sobre energia livre e ligada nesta passagem remete-se a que foi desenvolvida no primeiro e segundo capítulo desta dissertação. Lá, como viu-se, a energia livre seria caracterizada como aquela que está presente em processos psíquicos primários, não pautados pela realidade e nem mediados pelo Eu. Já a energia ligada, seria então por sua vez um que está em um funcionamento secundário, regulado pelos intuídos do Eu que observa as demandas da realidade. Um aprofundamento sobre tais estados de energia e algumas das possíveis consequências que a energia livre pode efetuar no aparelho psíquico, será desenvolvido no quarto capítulo deste trabalho, após algumas considerações sobre a pulsão de morte e a fragmentação que lhe darão base teórica.

Ao que tudo indica, se tal energia, pode ser retirada de um lugar e deliberadamente direcionada a outro, tratar-se-ia de uma energia em estado ligado, ou seja, sob o domínio do Eu. Tal observação é importante pois aponta para a ideia anteriormente esboçada, de que quanto mais o Eu estiver investido, enriquecido, em termos de energia, mas também de experiências, melhor capacitado ele estará para ligar energia livre. Ainda que sem remeter-se diretamente ao Eu, Freud ilustra o potencial defensivo de um contra-investimento, pensando-o como uma reserva de energia de um sistema altamente investido<sup>37</sup>:

Desse comportamento, então, inferimos que um sistema altamente investido é capaz de acolher a nova energia que para ele afluí e transformá-la em investimento parado, ou seja, ‘ligá-la’ psiquicamente. Quanto mais alto o investimento parado, tanto maior a sua força ligadora; de maneira contrária, *quanto mais baixo for o investimento do sistema, tanto menos estará capacitado para receber a energia afluyente, tanto mais violentas serão as consequências de uma tal ruptura da proteção.* (Freud, 1920/2010, p. 193, destaques em itálico nosso).

Não custa relembrar, à luz desta citação, que, como visto no primeiro capítulo, ao discutir-se o desenvolvimento do Eu, viu-se que este se daria paulatinamente. Logo, seria com o passar do tempo, com o enriquecimento do Eu por meio da experiência, que este se tornaria cada vez mais capaz de bancar a transformação de energia livre em energia ligada. Desta forma, parece ser possível melhor compreender a ideia exposta acima, de que quanto menor for o nível de investimento, menor será a capacidade de ligação de energia livre presente no aparelho.

Tal ideia tem importante consequência, ao considerar-se o Eu, por exemplo, de uma criança pequena. Em tal caso, a instância se encontraria em fases iniciais de desenvolvimento, ainda pouco investido e possuindo poucas referências ideais de imagens mentais ou de objetos auxiliares para os quais poderia recorrer em caso de necessidade. É possível dizer, então, de maneira mais direta, que a criança pequena estaria mais sujeita a sofrer as consequências de um excesso de estimulação traumática.

Apresenta-se ainda um interessante conceito, o de sinal de angústia, introduzido por Freud (1926/2014) em *Inibição, sintoma e angústia*<sup>38</sup>. Por meio de tal conceito, o autor apresenta a ideia de que, caso seja possível ao indivíduo, de alguma forma, antever-se a um

---

<sup>37</sup> Aqui, pode apontar-se uma certa concepção de Ferenczi sobre a ideia de um contra-investimento. Para o autor, o contra-investimento seria, de maneira semelhante à compreensão freudiana, uma certa quantidade de energia que poderia ser usada, às custas da retirada de energia de outros locais, para intuítos protetivos. Destaca-se, contudo, que para o autor húngaro este contra-investimento, constituiria também “uma fonte de energia em proveito da cura e da regeneração.” (Ferenczi, 1924/2011, p. 354). Tal ideia, apenas aventada nesta nota de rodapé, será retomada e melhor desenvolvida na terceira seção do quinto capítulo.

<sup>38</sup> Daqui para frente, abreviado por *Inibição*.

trauma ou mesmo a algum evento ameaçador, torna-se possível disponibilizar, de antemão, alguma quantidade de energia a ser utilizada no processo de ligação de estímulos resultantes de tais eventos.

O que aqui interessa destacar da concepção de tal conceito, é a possibilidade de que, existindo condições adequadas, o indivíduo pode melhor se preparar, reservando com antecedência uma quantidade de energia a ser utilizada no processo de ligação da energia livre afluyente. Entretanto, encontra-se, na leitura negativa deste cenário, a hipótese de que seriam as situações repentinas, inesperadas, onde ocorre grande afluxo de estimulação, que possuiriam o maior potencial traumático para o aparelho psíquico. De fato, como poderá ser observado na seção seguinte, a ilustração, feita por Ferenczi (1933/2011) de algumas situações traumáticas, possuem a característica de um evento que ocorre de maneira inesperada para a criança.

Antes disto, contudo, é preciso refletir, ainda, por meio de considerações econômicas tais quais as que foram até aqui desenvolvidas, a possibilidade de um trauma cuja fonte de estimulação seja interna. Aqui, especifica-se de saída que o caráter interno a que se remete, diz respeito a fonte da estimulação, que no caso em questão, é o próprio corpo. Desta fonte, em termos visto no primeiro capítulo, com a leitura de *Projeto*, supõe-se que dela emanam de maneira constante estímulos que se representam psiquicamente como necessidades para o indivíduo.

Vale dizer, ao considerar-se tal fonte interna de estímulos, como aqui se faz, fala-se então de necessidades corporais, como aventado logo acima. Como visto, seria por meio de um processo de somação que tais estímulos adquiririam quantidade e força suficiente para romper a barreira postulada entre o somático e o psíquico, e se fariam representar psiquicamente (Freud, 1895/2003).

De maneira mais específica, o cenário traumático que será aqui considerado diz respeito ao de uma criança que é abandonada por um objeto do qual necessita para obter a satisfação de suas necessidades. Para a caracterização adequada de tal cenário, é necessário antes, retomar-se ideias referentes ao desamparo no qual o bebê humano encontra-se, e, portanto, da necessidade deste de contar com um ambiente permeado de pessoas que auxiliem na satisfação de suas demandas.

Tais ideias, abordadas no primeiro capítulo, podem ser encontradas no texto de *Projeto* (1895/2003), e, com base neste, entende-se que a criança muito pequena depende inteiramente dos adultos ao seu redor para que possa ter suas necessidades atendidas. Quando tal situação não ocorre, o infante pode enveredar pelo caminho de uma tentativa de satisfação alucinatória de desejo, alucinando positivamente o objeto quando este, na realidade, continua ausente. Tal

tentativa, todavia, resulta apenas em decepção, já que sem a presença real do objeto, a fonte interna de estimulação não pode ser apaziguada.

Em situações adequadas, por meio de gestos como o choro ou o grito, a criança expressaria de alguma forma a pressão desprazerosa que tais necessidades lhe impõem. Esta expressão corporal da criança, por si só não é capaz de apaziguar a fonte de estimulação interna, que, diferentemente daqueles estímulos oriundos de fonte externa, não pode ser resolvida por meio de uma mera reação muscular automática, como a fuga, por exemplo.

Interessa, lembrar ainda que, vindo do interior do corpo, tais estímulos atingem a criança de maneira direta. Isto porque para os estímulos cuja fonte é originalmente interna, o aparelho psíquico não conta com uma barreira especial contra estímulos, como no caso dos provenientes do mundo externo. Dentro dos termos do *Projeto*, pode se dizer que a partir do ponto em que o limite do somático-psíquico é transposto, os estímulos gerados pelas necessidades corporais atingem de maneira contínua o aparelho psíquico, causando, então, o desequilíbrio energético deste.

Sem a efetivação de uma ação específica (Freud, 1895/2003), que venha saciar a fonte interna geradora da necessidade, o corpo mantém-se de maneira contínua emitindo estímulos. No caso da ausência do objeto capaz de aplacar tal fonte, pode-se supor, então, que tal emissão contínua de estímulos tenderá por causar um desequilíbrio energético no aparelho psíquico.

A ideia de desamparo, retomada com destaque em *Inibição*, vem enfatizar a importância que Freud (1926/2014) observa nesta situação infantil de dependência de outrem para que possa ter satisfeitas suas necessidades. De maneira um pouco mais específica, parece ficar patente para o autor a dependência desenvolvida pela criança para com a sua mãe – ou quem quer desempenhe funções maternas –, já que esta é quem majoritariamente irá figurar nas experiências de satisfação das necessidades do bebê.

Tamanha dependência do objeto é alinhada, ainda, à ideia de que em um período precoce da vida, uma ausência do objeto, ainda que breve, poderia ser sentida pela criança como um indicativo de que tal objeto estaria perdido para sempre. Como já abordado nos capítulos anteriores, em fases mais primitivas da vida, o infante ainda não possuiria uma compreensão mais objetiva e mediada por processos secundários tanto da realidade externa quanto dos objetos que nela habitam e a constituem. Torna-se necessário para o bebê, diante da ausência da mãe, “repetidas experiências contrárias, consoladoras, até que ele aprenda que a mãe sempre costuma reaparecer.” (Freud, 1926/2014, p. 120).

Tal situação de ausência materna tem, de todo modo, o caráter de uma vivência que toda criança enfrenta, sem que necessariamente resulte para esta em alguma consequência grave. A

partir disto, considera-se então que diante de tal cenário, algumas formas de defesa sejam executadas pela criança, como tentativa de lidar com o crescente nível de tensão diante da ausência do objeto.

De fato, em *Além*, encontra-se em uma célebre passagem, Freud refletindo, por meio de um jogo infantil que observou e denominou de *fort/da*<sup>39</sup>, sobre como uma criança pequena tenta lidar com a tensão gerada pela ausência materna. Em sua versão completa, este jogo seria executado pela criança com um carretel ao qual uma corda estava amarrada. O carretel era arremessado para dentro de um berço, momento ao qual acompanhava-se a expressão pela criança da interjeição equivalente a *fort*. Em seguida, o brinquedo era puxado de volta pelo cordão, acompanhado então pela interjeição *da*.

O autor apresenta algumas hipóteses sobre o movimento psíquico que estaria por trás de tal jogo. Dentre estas, destaca-se aqui a que diz que, na repetição expressa simbolicamente no jogo, a criança estaria tentando, com o auxílio de uma repetição ativa da situação de ausência materna, dominar a tensão gerada por esta. Ao equivaler o carretel à mãe, a criança poderia fazer com que esta desaparecesse – ao jogar o carretel para dentro do berço -, revivendo uma situação desprazerosa, porém de maneira ativa. Em complemento a isto, ao puxar o carretel de volta, a criança criaria uma situação em que a mãe, enquanto objeto desejado, retorna para ela.

Parece ser possível pensar que por meio de tal repetição a criança estaria tentando executar a ligação, o controle da energia livre que a incomoda. A compreensão desta ideia parece poder ser auxiliada, mesmo reforçada, com a consideração da noção de sinal de angústia (Freud, 1926/2014). Tal sinal teria como função alertar e preparar o sujeito para uma possível situação de perigo, mediante uma reprodução atenuada da situação anteriormente traumática. Desta forma, ou seja, por meio de um sinal de angústia, o Eu poderia acionar as defesas disponíveis e se antecipar à ocorrência de uma futura situação traumática, disponibilizando para tal uma certa quantidade de energia, que o deixaria em melhores condições de lidar o excesso de estímulos que ocorrerá. Assim, tal ideia relaciona-se, como se pode notar, com a de contra-investimento, apresentada acima, que diz sobre a possibilidade de mobilizar uma reserva de energia com o intuito de inibir o fluxo da energia em estado livre. (Laplanche & Pontalis, 2001).

Contudo, a situação do abandono, ao qual agora retorna-se, aponta para a necessidade de considerar-se um cenário em que o objeto fica ausente por um período de tempo que é longo demais. Diante disto, uma defesa como a pensada no cenário do jogo infantil possivelmente não seria suficiente para manejar o aumento no nível de tensão, já que, como visto, a fonte desta

---

<sup>39</sup> Expressões em alemão que podem ser traduzidas por *foi embora*, e *está aqui*, respectivamente. Vale dizer, Freud (1920/2010) observou a realização de tal jogo em seu próprio neto.

seria o próprio corpo, e somente uma ação específica seria capaz de aplacá-la. Ou seja, o objeto precisaria retornar em algum momento para dar fim ao aumento de tensão. Tal cenário de ausência do objeto, em um momento em que uma necessidade se impõe à criança, pode ter seu caráter traumático observado na seguinte citação de Freud: “Devido à sua incompreensão, a situação em que ele sente falta da mãe não é, para ele [o bebê], uma situação de perigo, mas sim traumática – ou melhor, é traumática se nesse instante ele tem uma necessidade que a mãe deveria satisfazer;” (Freud, 1926/2014, p. 120-1, entre colchetes, esclarecimentos nossos).

Diante destas considerações sobre o potencial traumático que excitações de origem interna podem desempenhar em situações de desamparo prolongado ou mesmo abandono, parece ser possível pensar que a excitação de fonte interna, que aflui diretamente para o aparelho psíquico, irá resultar na mesma situação econômica problemática, pensada mais acima sobre o potencial traumático dos estímulos de fonte externa. Ocorrerá um aumento significativo da quantidade de energia livre no aparelho, e caberá então ao Eu, dentro de suas possibilidades - limitadas, no caso de uma criança muito pequena devida a precocidade deste -, tentar ligar a energia livre que assola o aparelho.

Diante da incapacidade de inibir toda, ou ao menos uma quantidade suficiente da energia livre em circulação, esta se expressaria em processos psíquicos que possuem todo o caráter de automatismo, ao qual tipicamente se atrelou a tal estado de energia. Contudo, com as exposições a serem realizadas no quarto capítulo deste trabalho, será possível pensar, por meio de outros termos, as vicissitudes que uma energia não-ligada pode assumir no aparelho psíquico. Em tal momento, acredita-se, mais alguma luz poderá ser jogada sobre os fenômenos econômicos e dinâmicos relacionados ao trauma e suas consequências.

Por fim, como apontado, na próxima seção serão expostas algumas situações traumáticas e igualmente algumas consequências destas descritas por Ferenczi (1933/2011), especialmente no texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. Tal exposição terá de todo modo um caráter introdutório, tentando proporcionar, assim, mais algumas informações sobre o trauma, no concernente tanto as situações nas quais este normalmente se configura, quando no que se passaria com a criança que deles é vitimada. Vale ressaltar, ainda, que ao longo dos próximos capítulos deste trabalho, o trauma permanecerá como pano fundo desta discussão, sendo que, mesmo indiretamente, este terá abordado, em termos metapsicológicos, algumas de suas consequências para o aparelho psíquico.

### 3.2 Cenas traumáticas e suas consequências para o psiquismo infantil em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* de Ferenczi

A cena traumática, pensada como exemplar por Ferenczi (1933/2011) em *Confusão de língua entre os adultos e a criança*<sup>40</sup>, possuiria dois atores principais, uma criança e um adulto, que poderiam ser ou não parentes entre si<sup>41</sup>. A criança apresentaria fantasias lúdicas que se expressariam, por exemplo, em desempenhar um papel de cuidadora, de mãe do adulto que participa do jogo. Para o autor, estas fantasias poderiam mesmo adquirir aspectos eróticos, mas de forma alguma transgrediriam o limiar da linguagem que é própria da criança neste momento<sup>42</sup>.

Os adultos, por sua vez, interpretariam estas fantasias por meio da linguagem que lhes seria própria, uma que já possui elementos de sexualidade genital. Em casos normais, tal situação permaneceria em um patamar lúdico, fantasístico. Por outro lado, caso os adultos estejam sob efeito de substâncias tóxicas ou diante de alguma outra situação capaz de perturbar seu autodomínio, eles poderiam confundir “as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências” (Ferenczi, 1933/2011, p. 116).

Neste sentido, o autor apresenta em sua exploração, ainda que superficialmente, algumas questões cruciais que ocorreriam do lado do abusador e que supostamente levariam a cometer um abuso. De todo modo, interessa neste momento a descrição feita em seguida por Ferenczi, onde ele aponta, com muita sensibilidade, diga-se de passagem, os sentimentos, o comportamento e um pouco da dinâmica interna que se desenrolaria na criança durante a cena de abuso. Nas palavras do autor:

Seu primeiro movimento [da criança] seria a recusa, o ódio, a repugnância, uma resistência violenta: ‘Não, não, eu não quero, está me machucando, deixe-me!’ Isto, ou algo muito semelhante, seria a reação imediata se esta não fosse inibida por um medo intenso. As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos

---

<sup>40</sup> Daqui para a frente abreviado por *Confusão*.

<sup>41</sup> Acrescentamos que Ferenczi pensa inclusive em cenas de abuso sexual ocorrendo entre meninas que acabaram de sair da primeira infância, mas também envolvendo mulheres maduras e adolescentes. Contudo, para nosso estudo a criança ainda muito nova é levada em consideração.

<sup>42</sup> A saber, uma linguagem de ternura, em contraposição com a linguagem do adulto, que seria a da paixão. Estes termos, que podemos inferir pela indicação anterior de qual era o título original desta apresentação de Ferenczi (1933/2011) e o subtítulo que nela persistiu, possuem um valor especial dentro do quadro que o autor busca expor.

que as emudece, podendo até fazê-las perder a consciência (Ferenczi, 1933/2011, p. 117, esclarecimentos nossos entre colchetes).

Por meio desta citação, o autor parece indicar que existiria na criança um intuito inicial de opor-se ao abusador de alguma forma, mas que tal intuito seria rapidamente impedido pelo medo paralisante, que por sua vez, parece ser fruto da imaturidade e impotência psíquica e física da criança. Aqui se pode ver frutos da compreensão adquirida ao longo dos anos pelo autor sobre as situações de desigualdade e também de gritante dissimetria entre duas pessoas, que poderia ocorrer, por exemplo, tanto na prática psicanalítica, como na relação da criança com os adultos (Ferenczi, 1928/2011, 1931/2011).

De todo modo, este medo paralisante torna-se elemento fundamental na compreensão da situação em que a criança se encontra, pois, durante o abuso, quando o medo atingisse seu ponto máximo, este obrigaria a criança a submeter-se completamente aos desejos e vontade do abusador. Ocorreria mesmo do infante tentar adivinhar as vontades e desejos deste, como forma de se proteger da violência que lhe atinge.

O autor parece ver em tal reação da criança justamente uma forma de defesa realizada diante da situação traumática. Ele reflete, ainda, sobre a dinâmica psíquica que estaria em jogo em tal situação, e diz de uma introjeção do agressor. Algo assim parece estranho, já que como foi visto nos capítulos anteriores deste trabalho, uma introjeção de um objeto hostil comporta grande dificuldades para o Eu. Contudo, Ferenczi (1933/2011, p. 117) encontra a seguinte explicação para que uma introjeção assim aconteça:

Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico; mas o que é intrapsíquico vai ser submetido . . . ao processo primário, ou seja, o que é intrapsíquico pode, segundo o princípio de prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória, positiva ou negativa.

Pode questionar-se, a luz do que até aqui se estudou, que algo como uma introjeção de um objeto agressor em tal cenário demande maiores explicações. De fato, como visto, a introjeção de um objeto hostil, conjugando-se termos do *Projeto* (Freud, 1895/2003) e de *Desprazer* (Ferenczi, 1924/2011), seria uma difícil tarefa a ser executada pelo Eu. Por ora, tal questão não será abordada, pois logo à frente, após a apresentação de duas ideias presentes na obra de Ferenczi, tal situação poderá ser melhor discutida.

De todo modo, dando continuidade nesta exposição, Ferenczi aponta que com a introjeção do agressor, a criança acabaria por introjetar igualmente o sentimento de culpa deste,

o que teria como resultado uma modificação significativa na criança. Isto porque os jogos que ela outrora realizava de maneira lúdica agora se tornam não apenas merecedores de punição, mas, também, porque mesmo se “a criança se recupera de tal agressão, ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão, a bem dizer já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos está desfeita” (Ferenczi, 1933/2011, p. 117).

Sobre o sentimento de culpa a que refere-se o autor neste momento, tem-se indicação no *Pós-escrito de Confusão* que o “sentimento de culpabilidade” (Ferenczi, 1933/2011, p. 121), característico da linguagem da paixão adulta, tem como resultado, ao ser introjetado pela criança, na transformação do objeto de amor em objeto hostil, Igualmente, uma transformação da afeição em ódio ocorreria, sendo que seria mesmo este último que quando surge inesperadamente “assusta e traumatiza uma criança amada por um adulto” (p. 121).

De toda forma, cabe notar que tal estado de confusão em que a criança se encontraria tende a ser agravado, conforme diz Ferenczi (1933/2011), pelo fato de que comumente se observa o adulto abusador ser consumido pelo remorso, tornando-se atormentado e irritado, algo que levaria a criança a sentir-se ainda mais culpada. Do mesmo modo, o autor aponta que é comum ver o abusador agir de maneira a tentar negar que algo tenha ocorrido, dizendo para si mesmo que a criança nada entendeu do que lhe ocorreu e eventualmente esquecerá tudo aquilo.

De maneira conjunta a tudo isto, Ferenczi aponta ainda que é comum em casos de abuso deste tipo que a criança não se sinta confiante, depois do ocorrido, para recorrer a um outro adulto numa tentativa de encontrar ajuda. Caso o faça, diz o autor, seria igualmente comum que tais tentativas fossem tratadas, por parte do adulto, como disparates, e assim ignoradas. Em tais situações, a criança abusada converter-se-ia como que em um autômato, que obedeceria maquinalmente a tudo que fosse demandado dela. Na sequência do texto, o autor dá indicações de como compreender esta espécie de submissão por parte da criança:

O que importa, de um ponto de vista científico, nesta observação, é a hipótese de que *a personalidade ainda fracamente desenvolvida reage ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e a introjeção daquele que a ameaça e agride* (Ferenczi, 1933/2011, p. 118, itálicos no original).

Sem dúvida, vários pontos poderiam ser destacados desta citação, dentre eles a identificação como forma alternativa de reação ao desprazer. Esta, contudo, será objeto de análise mais aprofundada no quinto capítulo deste trabalho, onde será abordado, inclusive,

como tal mecanismo pode servir como forma de adaptação a uma situação desprazerosa. Por enquanto, o que se destaca desta passagem, e que servirá para dar prosseguimento na discussão desta seção, é a indicação de Ferenczi do que possibilita que a criança, em um estágio ainda muito inicial de desenvolvimento, reaja justamente por outro modo que não a defesa perante uma ameaça externa. Ou seja, que ela se identifique e/ou<sup>43</sup> introjete a figura do agressor.

Por ora, acredita-se que tal situação possa ser melhor refletida lançando mão de duas ideias encontradas na obra de Ferenczi, sendo que elas serão retomadas discutidas de maneira mais profunda no quinto capítulo deste trabalho. Trata-se então de duas formas de adaptação pensadas pelo autor húngaro: a adaptação aloplásticas e a adaptação autoplástica. Estas, como espera-se demonstrar, dizem respeito as capacidades e possibilidades da criança de lidar de uma ou outra forma com uma situação estressante. De maneira inicial, pode citar-se a seguinte passagem de Ferenczi (1924/2011, p. 355, n. 57) sobre a adaptação autoplásticas a aloplástica. “A adaptação pode ser autoplástica ou aloplástica; no primeiro caso, é a própria organização do corpo que se adapta às novas circunstâncias, no segundo, o organismo esforça-se por modificar o mundo externo de modo a tornar inútil a adaptação corporal. ”

Em *Fenômenos de materialização histórica*, Ferenczi (1919/2011, p. 50) se refere a autoplastia como uma forma de adaptação que “ainda não se faz modificando o mundo exterior mas o próprio corpo”, em um sentido que parece indicar que a criança, devido a sua imaturidade, tanto física quanto psíquica, não consegue realizar ações capazes de modificar diretamente o ambiente externo. Tal forma de adaptação pode ser remetida aos estudos já observados nos capítulos anteriores desta pesquisa sobre os estados iniciais do desenvolvimento do Eu, nos quais, devido a prematuridade desta instância, viu-se que a criança estaria incapacitada de promover alterações específicas na realidade e dependeria de adultos para realizar isto por ela.

Em uma nota chamada *Adaptação autoplástica e aloplástica*, datada de 10 de setembro de 1930, há indicação de Ferenczi (1930/2011b) para se compreender uma adaptação aloplástica, em oposição à autoplástica. A aloplastia, seria, então, aquela forma de adaptação que promove uma mudança no mundo externo, permitindo ao Eu que se mantenha incólume em sua organização. Indica também o autor que uma condição prévia para que tal adaptação ocorra é “um sentido de realidade altamente desenvolvido”. (Ferenczi, 1930/2011b, p. 272). Logo, pode compreender-se que processos aloplásticos só se tornariam possíveis mediante a atuação de um Eu capaz de inibir processos psíquicos primários. Ou seja, trata-se de reações de um Eu que não seria tão imaturo quanto o considerado na cena traumática que aqui se estuda.

---

<sup>43</sup> Sobre o uso de e/ou adotado neste trabalho em relação aos termos identificação e introjeção, conferir justificativa no início do quinto capítulo desta dissertação.

Neste sentido, Ferenczi busca indicar que no caso da criança abusada, tanto pelo medo paralisante, apresentado acima, quanto pelo próprio estado de imaturidade infantil, somente uma resposta pela via de alteração interna seria capaz de promover uma adaptação diante do afluxo repentino e poderoso de estímulos decorrentes do trauma. A adaptação autoplástica que ocorreria nesta situação teria como objetivo permitir, por parte da criança, alguma resposta capaz de encarar o excesso de estímulos que a ameaça, ainda que às custas de alterar a sua própria organização interna.

A partir destas considerações, ainda que breves, é possível vislumbrar uma espécie de gradiente em que seria possível compreender formas de adaptação por parte de um indivíduo diante de uma situação que o perturba. Tomando como base para tal gradiente diferentes níveis de desenvolvimento do Eu, de um lado extremo estariam as reações adaptativas aloplásticas, mediadas por um Eu capaz de promover regulações adequadas às demandas da realidade. No outro extremo do gradiente, estariam as reações adaptativas autoplásticas, em que o Eu seria ainda incapaz de promover tais ações voltadas à realidade, e acabaria por ter que alterar a si mesmo como forma de adaptação às condições externas.

Sem sombra de dúvida, pode imaginar-se posições intermediárias neste gradiente, onde se encontraria algo como um estágio no qual o Eu seria capaz de efetuar alguma forma de inibição, e as adaptações ocorreriam entre variações autoplásticas e aloplásticas. Algo assim pode ser suposto nos estágios de desenvolvimento do Eu pensados por Ferenczi (1913/2011), em que demandas externas dariam ensejo para modificações na criança, em direção a buscar uma melhor adaptação às condições do meio. Talvez seja possível ver este tipo de movimento no uso dos gestos ou palavras mágicas, por parte do infante, para promover o aparecimento dos objetos dos quais se necessita.

De todo modo, no que consta às discussões elaboradas nesta seção, e, ao que parece, igualmente às apresentadas em *Confusão*, o cenário levado em conta é o de uma criança pequena, cujo Eu ainda seria incapaz de promover adaptações ao menos majoritariamente aloplásticas. Como resultado disto, pode apontar-se que, diante de um trauma, como o abuso sexual tomado como exemplo, a criança pequena, devido ao seu estado de imaturidade inicial, acaba por reagir de maneira autoplástica ao evento, moldando-se diante das imposições do agressor (Ferenczi, 1933/2011).

Logo, por meio desta noção de adaptação, pode pensar-se em uma explicação inicial sobre como e porque a criança pequena reagiria ao abuso identificando-se e/ou introjetando a figura do adulto agressor. Poderia ser, aqui, o caso de uma adaptação que ocorre por meio de uma alteração da própria constituição interna do infante. Ainda, por esta forma de adaptação

ocorrer como resultado do acontecimento traumático, a criança acabaria por fixar-se nesta forma de reação, tornando-se incapaz de reagir de maneira aloplástica, de impor-se diante do desprazer e buscar alterações da realidade externa.

Diante destas reflexões, fazemos aqui duas ressalvas importantes. A primeira, diz respeito a tal modo de adaptação autoplástico, ser aqui apenas introduzido. Ao longo do trabalho, de maneira oportuna, outras considerações sobre a autoplastia serão apresentadas, permitindo que, em um momento mais avançado desta discussão, no quinto capítulo, a adaptação autoplástica por meio de uma identificação e/ou introjeção possa ser apresentada de maneira estritamente relacionada com a progressão traumática. A segunda ressalva diz respeito a possibilidade de se observar, ainda em relação a autoplastia, dois resultados adaptativos, sendo um deles regressivo e o outro, progressivo. Esta ideia será melhor apresentada na terceira seção do quarto capítulo, e retomada na terceira seção do quinto capítulo.

Feitas tais ressalvas, podemos retornar ao texto de *Confusão*, e lá observar uma segunda situação apontada pelo autor que possuiria também potencial traumático. Seriam as punições passionais impostas por adultos, encolerizados e mesmo enlouquecidos, às brincadeiras inocentes que as crianças realizam. Tais brincadeiras se converteriam, diante das punições, em pequenos delitos, ainda que estes tenham somente adquirido uma culpabilidade devido justamente a reação exagerada dos adultos. Para o autor (Ferenczi, 1933/2011, p. 118), estas “medidas punitivas insuportáveis, têm um efeito de fixação”, no mesmo sentido exposto acima acerca da fixação em uma forma de adaptação autoplástica por parte da criança.

Além do abuso sexual e das punições passionais, Ferenczi (1933/2011) indica ainda algo que denomina como terrorismo do sofrimento como uma terceira forma de se fixar uma criança na situação de um autômato cuja única forma de reação seria pela autoplastia. Nesta forma de terrorismo, que de todo modo se caracteriza por uma forma de abuso, as crianças “são obrigadas a resolver toda espécie de conflitos familiares, e carregam sobre seus frágeis ombros o fardo de todos os outros membros da família” (p. 120).

O exemplo pensado pelo autor para esta situação traumática seria o de uma mãe continuamente queixosa de seus padecimentos, os mais diversos que estes possam ser. Uma mãe assim poderia transformar seu filho pequeno em seu cuidador, subvertendo a posição materna da relação. Tal situação parece ser fruto da compreensão que Ferenczi (1928/2011) construiu ao longo dos anos das características que permeiam as relações entre pais e filhos, elementos que aborda em textos como *A adaptação da família à criança*, de 1928.

Em tal obra, apenas para melhor ilustrar o ponto em questão, o autor aponta que não só uma criança recém-nascida precisa se adaptar às condições cada vez mais complexas que a

realidade lhe impõe, como nas subsequentes fases de desenvolvimento do Eu. Na mesma medida, a família que recebe tal criança precisa igualmente realizar adaptações que se dirijam ao encontro das necessidades do infante, tornando assim possível a adaptação desta sem que maiores consequências advenham (Ferenczi, 1928/2011).

Estas indicações iniciais sobre o cuidado e o trabalho que a família precisa ter em relação as dificuldades que uma criança muito nova encontra para se adaptar às demandas crescentes da realidade, parecem, de todo modo, indicar justamente o potencial traumático que o terrorismo do sofrimento possui. Conforme as palavras do autor, em *Confusão* (Ferenczi, 1933/2011, p. 120), a mãe que de tal forma aterroriza seu filho, o faz “sem levar em conta os interesses próprios da criança”.

Parece ser possível compreender a passagem acima sob a luz dos métodos adaptativos mencionados anteriormente, já que, se em um momento inicial da vida da criança se faz necessário que a realidade externa se adapte as necessidades da mesma, justamente a falha deste ambiente em auxiliar na satisfação das necessidades da criança se torna traumático. Desta forma, por meio dos indícios até aqui observados, a criança é que se adaptaria ao meio, já que este torna-se intrusivo e obriga a criança pequena a recorrer à métodos adaptativos mais primitivos.

Por fim, apresenta-se de formar preliminar a caracterização que Ferenczi oferece sobre a progressão traumática em *Confusão*. Tal consequência traumática é descrita pelo autor como um segundo mecanismo visto em ação durante a identificação com o agressor resultante de um trauma infantil:

É mais estranho ver funcionando, no decorrer da identificação, um segundo mecanismo sobre o qual eu, pelo menos, não sabia grande coisa. Refiro-me à eclosão surpreendente e súbita, como ao toque de uma varinha mágica, de faculdades novas que surgem em resultado de um choque. Isso faz pensar nos truques de prestidigitação dos faquires que, a partir de uma semente, fazem crescer, aparentemente diante de nossos olhos, uma planta completa, com caule folhas e flores. Uma aflição extrema e, sobretudo, a angústia da morte, parecem ter o poder de despertar e ativar de súbito disposições latentes, ainda não investidas, e que aguardavam tranquilamente sua maturação. A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela (Ferenczi, 1933/2011, p. 119).

A partir desta citação de Ferenczi, é possível melhor delimitar o quadro no qual esta dissertação irá considerar a progressão traumática: esta seria resultado de um mecanismo que estaria em ação em meio a determinadas situações traumáticas, tendo como consequência a

prematuração de determinadas características do indivíduo. Espera-se que ao final deste trabalho seja possível refletir sobre a possibilidade de que tal mecanismo, por sua vez, acabe sendo adaptativo para o indivíduo, no sentido de possibilitar à este determinadas capacidades que o protejam diante de um ambiente traumatizante<sup>44</sup>.

Esclarecemos desde já que para os fins deste trabalho, optou-se, com o intuito de tentar desenvolver uma reflexão mais clara sobre a progressão traumática, apresentar, no quarto capítulo, algumas considerações sobre uma das possíveis consequências do trauma infantil. Trata-se da possibilidade de uma clivagem do Eu como defesa diante de um trauma, algo que aparece, em Ferenczi (1931/2011), com a denominação de uma autoclivagem narcísica. Esta, por sua vez, é relacionada pelo autor à um trauma por abandono, sobre o qual já se apresentou algumas ideias, as quais retornaremos logo mais, especificamente na terceira seção do quarto capítulo.

Acredita-se que neste cenário de clivagem psíquica descrito por Ferenczi será possível pensar em duas partes clivadas, uma que passaria por processos mais regressivos, e outra, em oposição, por processos que poder-se-iam denominar de progressivos. Sendo assim, espera-se justificar a divisão da discussão mais específica sobre a progressão traumática nos dois capítulos finais desta dissertação, considerando-se em um primeiro momento a situação mais geral de uma clivagem do Eu como consequência de um trauma, e em um segundo momento, o fenômeno específico de progressão que ocorreria com uma destas partes, e os mecanismos que estariam envolvidos neste processo progressivo.

Ressalta-se, contudo, que parece ser possível questionar sobre a proximidade e mesmo a relação entre os fenômenos derivados do trauma observados por Ferenczi e aqui ressaltados, a autoclivagem narcísica e a progressão traumática. Por exemplo, em *Análise* o autor (Ferenczi, 1931/2011) fala de uma parte do Eu que adquire caráter maternal devido ao trauma por abandono sem, contudo, utilizar termos que falem diretamente de uma progressão traumática para explicar tal caracterização. Já em *Confusão*, o que se observa é a menção direta a algo como uma progressão derivada do trauma sem, contudo, a utilização expressa do termo que remete ao fenômeno da autoclivagem narcísica, apresentado inclusive dois anos antes pelo autor.

---

<sup>44</sup> De todo modo, ressalta-se desde já que Ferenczi não deixa de apontar o caráter patológico que tal progressão possui. Algo assim indica de que esta, mesmo possuindo um valor protetivo, como aventado acima, não deixa de ser fruto de uma violência que provoca as mais sinistras consequências para o desenvolvimento inicial de uma criança. A isto, uma última citação das palavras do autor alude, de forma aforística: “Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere. . . .” (Ferenczi, 1933/2011, p. 119).

De todo modo, em defesa da opção aqui adotada – de pensar a progressão traumática como um fenômeno que ocorreria à uma das partes clivadas do Eu -, reforça-se que ao que consta do caráter específico deste trabalho, pretende-se refletir em sentido metapsicológico os fenômenos psíquicos possivelmente envolvidos em tais processos. Tais fenômenos, como indicado até aqui, parecem envolver, dentre outras coisas, uma clivagem do Eu e uma progressão que ocorreria a uma das partes resultantes de tal clivagem.

Ainda em acréscimo a esta questão, apesar de possuir caráter meramente indicativo, pode apontar-se uma interessante semelhança de ordem textual, presente nos dois textos supracitados. Ferenczi recorre, após a apresentação da autoclivagem, em *Análise*, e após a apresentação da progressão traumática, em *Confusão*, ao sonho do bebê sábio (Ferenczi, 1923/2011) para auxiliar na ilustração de ambos fenômenos. Ao que parece, este sonho típico, cujo conteúdo seria sobre um bebê ou uma criança pequena que começaria a falar e a comportar-se como um adulto sábio e erudito, serviria como ilustração simbólica tanto da progressão traumática quanto do desenvolvimento do caráter maternal na autoclivagem narcísica.

Após tais ressalvas, esperamos ter justificado, ainda que minimante, as razões que levaram à adoção de tal caminho para a realização das discussões remanescentes deste trabalho. Neste sentido, o quarto e quinto capítulos possuem como objetivo realizar, respectivamente, a apreciação do fenômeno da autoclivagem narcísica e da progressão traumática.

## CAPÍTULO 4

### PULSÃO DE VIDA E PULSÃO DE MORTE, PROGRESSÃO E REGRESSÃO: IMPLICAÇÕES NO TRAUMA POR ABANDONO E NA CLIVAGEM PSÍQUICA

Após a exposição pautada em *Confusão*, realizada na seção acima, temos agora a oportunidade de expor considerações de cunho metapsicológico sobre algumas das consequências geradas pelo trauma no aparelho psíquico infantil. Em particular, destaca-se a possibilidade de uma clivagem do Eu como reação ao trauma, e que será abordada diretamente na terceira seção deste capítulo. Como já aventado no final do capítulo anterior, a clivagem do Eu possui grande importância para a discussão da progressão traumática, já que esta será pensada como um fenômeno específico que ocorreria com uma das partes clivadas do Eu.

Antes, contudo, torna-se necessário a apresentação de algumas bases teóricas para uma melhor fundamentação teórica sobre a clivagem do Eu, especialmente enquanto reação à um trauma. Como forma de realizar este objetivo, este capítulo é dividido em três seções principais.

A primeira delas, a modelo dos outros deste trabalho, tem como intuito fornecer as bases teóricas fundamentais para as discussões que se propõem realizar. Recorrendo-se a Freud, de início, será buscado em algumas obras do autor, especialmente em *Além do princípio do prazer*, materiais relativos às noções de pulsão de morte, pulsão de vida e regressão. Estas, por sua vez, alinhadas à preceitos de caráter econômico e dinâmico, já abordados anteriormente, podem lançar alguma luz sobre os intrincados processos em jogo no aparelho psíquico que é atingido pelo excesso de estímulos desregulador atribuído a um trauma.

A segunda seção, de maneira semelhante, irá apresentar algumas considerações realizadas por Ferenczi, especialmente em *Thalassa*, que desenharam um panorama geral e introdutório das ideias desenvolvidas pelo autor húngaro em relação às noções de pulsão de morte, pulsão de vida e regressão. Como tópico específico dentro desta seção, serão apresentadas algumas ideias inovadoras de Ferenczi sobre possíveis efeitos da pulsão de morte em crianças recém-nascidas não adequadamente acolhidas por suas famílias.

Tal leitura ferencziana abrirá caminho para a exploração, na terceira seção, das consequências de um excesso de estimulação traumática gerado pelo abandono no psiquismo de uma criança pequena. Dentre tais consequências, pretende-se destacar um tipo de clivagem ou divisão no Eu infantil que o autor denomina autoclivagem narcísica. Este fenômeno, como será visto, é apresentado por Ferenczi na figura de uma criança que, diante de uma vivência traumática, divide a si mesma em duas instâncias psíquicas, uma brutalmente ferida, e outra

que tudo sabe, mas nada sente. Esta última, por sua vez, assumiria um papel de cuidadora em relação a outra parte clivada e ao próprio indivíduo.

Ainda em tal seção, apesar da discussão a ser apresentada tratar mais dos efeitos da pulsão de morte, busca-se ressaltar, tanto quanto possível, o papel igualmente fundamental dos processos de fusão relacionados a pulsão de vida em meio as consequências derivadas de uma vivência traumática. Esta inter-relação entre a pulsão de morte e a pulsão de vida, acredita-se, pode ser utilizada para se pensar o movimento de complementariedade entre regressão e progressão presente em Ferenczi, como aventado acima. A expectativa é a de que, por mais hipotéticos e fragmentários que possam ser considerados, os conhecimentos assim estabelecidos sirvam como elo de ligação para a discussão do quinto e último capítulo, no qual ensaia-se uma aproximação metapsicológica ao fenômeno da progressão traumática.

#### 4.1 Alguns elementos sobre a regressão, a pulsão de morte e a pulsão de vida em Freud

Em seu verbete sobre a pulsão<sup>45</sup> de morte, no *Vocabulário de psicanálise*, Laplanche e Pontalis apontam logo de saída as dificuldades envolvidas na aceitação, tanto dos psicanalistas à época de Freud, quanto posteriormente, da ideia de uma pulsão de morte:

A noção de pulsão de morte, introduzida por Freud em *Além do princípio do prazer* (*Jenseits des Lustprinzips*, 1920) e constantemente reafirmada até o fim de sua obra, não conseguiu impor-se aos discípulos e à posterioridade de Freud da mesma maneira que a maioria das suas contribuições conceituais; continua sendo uma das noções mais controvertidas. (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 407, entre parênteses e itálicos no original).

Tendo em mente tal aviso, e conforme já dito, neste momento deste trabalho serão apresentadas apenas breves colocações sobre a noção de pulsão de morte, realçando, nesta, elementos que auxiliem em discussões futuras. Neste sentido, os autores franceses podem

---

<sup>45</sup> De maneira geral e introdutória, pulsão em psicanálise pode ser apresentada como um conceito complexo, constituído por quatro elementos: uma fonte, uma finalidade, um objeto e uma pressão. A fonte seria o próprio corpo, residência das estimulações; a finalidade seria sempre a satisfação da pulsão; o objeto é um elemento de grande variabilidade, por meio do qual se obteria a satisfação; a pressão pode ser compreendida como o elemento próprio da pulsão, que pressiona em uma determinada direção (Freud, 1915/2010). Logo mais, em uma citação de Freud, veremos ele definir a pulsão como algo “*presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior*, que este ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas . . . .” Tal definição, vale anotar, será de importante consideração em nossas discussões futuras, tanto em Freud quanto em Ferenczi, sobre as ideias de regressão e pulsão de morte.

ajudar novamente. Segundo eles, “o que Freud explicitamente destaca pela expressão ‘pulsão de morte’ é o que há de mais fundamental na noção de pulsão, o retorno a um estado anterior e, em última análise, o retorno ao estado absoluto do anorgânico.” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 412).

De fato, parece ser esta uma das conclusões extraídas por Freud em *Além*. Após diversas reflexões, envolvendo situações traumáticas e uma certa tendência à repetição, observa-se o seguinte:

Aqui se nos impõe a ideia de que viemos a deparar com uma característica geral dos instintos<sup>46</sup>, talvez de toda a vida orgânica, que até agora não foi claramente reconhecida ou, pelo menos, explicitamente enfatizada. *Um instinto seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior*, que este ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica. (Freud, 1920/2010, p. 201-2, itálicos no original).

Após estes apontamentos, talvez seja possível melhor compreender a definição dada por Laplanche e Pontalis, citada logo acima. Se o que há de mais fundamental em toda pulsão é justamente seu caráter que busca restaurar um estado anterior, então, em última instância, a pulsão buscaria retornar à um estado inorgânico. Parece, de tal forma, ser plausível considerar que tal pulsão busque a morte, já que, e igualmente, ela tem por objetivo final alcançar um estado inorgânico, anterior àquele de criação da vida, para Freud (1920/2010).

Destaca-se este caráter regressivo apontado como mote das pulsões. Em nota acrescentada em 1914 ao texto de *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2017) apresenta três formas de regressão: uma regressão tópica, estritamente ligada à ideia da primeira tópica do aparelho psíquico freudiano, apresentada justamente no texto de 1900; uma regressão temporal, em que se retorna a formações psíquicas mais antigas, mais primitivas, como uma regressão de uma modalidade predominantemente secundária de funcionamento psíquico para uma predominantemente primária; e, por fim, uma regressão formal, caracterizada pela substituição de formas mais desenvolvidas de figuração e expressão por formas mais arcaicas.

---

<sup>46</sup> Um apontamento acerca das traduções utilizadas se faz novamente necessário. Na edição das Obras Completas de Sigmund Freud consultadas, publicadas pela editora Companhia das Letras, sobre a coordenação de tradução de Paulo César de Souza, o termo alemão *Trieb* foi traduzido por “instinto”. Neste sentido, em traduções diretas de Freud, partindo desta edição, pedimos ao leitor que onde encontrar “instinto”, leia “pulsão”, e ainda, que compreenda por esta o sentido por nós apresentado na nota de rodapé 41, logo acima. Optamos, por mera conveniência, utilizar esta terminologia em nosso trabalho, sem, contudo, ignorar as discussões referentes à tal tradução, apresentadas, sobretudo, em *As palavras de Freud*, de Paulo César de Souza (Souza, 2010).

Mesmo com esta distinção de três possíveis formas de regressão, Freud (1900/2017, p. 576) aponta que “os três tipos de regressão são no fundo um só e coincidem na maioria dos casos (...)” O que, de fato, parece adequado, afinal, uma regressão temporal poderia também corresponder à uma regressão formal, como seria, por exemplo, uma regressão no aparelho psíquico já mais maduro, onde processos psíquicos secundários teriam primazia, para um estado que temporalmente corresponderia à uma fase mais primitiva, e, portanto, anterior, em que processos psíquicos primários teriam o predomínio. Igualmente, dentro da teoria do aparelho psíquico desenvolvido em 1900, existiria também uma correlação entre a regressão tópica de uma instância psíquica à outra, em que tanto o aspecto formal quanto o temporal poderiam ser encontrados em fases mais primitivas.

Apesar destes apontamentos, o que se observa em *Além é* Freud (1920/2010) refletindo sobre a regressão a partir de considerações biológicas. Como visto na citação mais acima, o caráter regressivo seria comum a toda vida orgânica, sendo que todo organismo vivo buscaria regressar para o mencionado estado inorgânico. A regressão, quando pensada neste ponto extremo de seu direcionamento, demonstra a razão de se postular algo como uma pulsão de morte, como já aventado. Freud, de maneira clara, aponta que “só podemos dizer que o *objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes do vivente.” (Freud, 1920/2010, p. 204, itálicos no original).

Pode-se observar que não só a ideia de regressão, mas igualmente em muitas das explorações freudianas executadas em *Além*, encontram-se considerações de ordem biológica, constantemente levadas em conta para as discussões propostas. Sem adentrarmos tais questões, vale aqui apontar que torna-se necessário, conforme as suposições acerca de uma pulsão de morte, postular, por outro lado, uma pulsão que seria capaz de assegurar que a vida se sobressaísse, mesmo diante desta tendência regressiva geral. De tal forma, Freud (1920/2010) concebe a noção de pulsão de vida – muitas vezes denominada por Eros -, agrupando nesta as pulsões de caráter sexual e as pulsões de auto conservação do Eu.

Sobre a pulsão de vida e a pulsão de morte, Freud (1920/2010) diz que a de vida é mais facilmente identificada, encontrada sob as formas acima referidas de pulsões de caráter sexual e de autopreservação do Eu. Já a pulsão de morte, imporá uma maior dificuldade para ser isolada, mas, em resumo, estaria relacionada com a agressividade e a destrutividade, que podem, em muitos casos, estar presentes mesmo nas pulsões sexuais e de auto conservação.

Com isto, Freud aponta para dois elementos que são de grande interesse neste dissertação: em primeiro lugar, a ideia de que, por um lado, a pulsão de morte seria pensada em relação a movimentos de destruição, de desligamento e separação, enquanto que a pulsão de

vida seria relacionada a ideia de ligação e união; em segundo lugar, a ideia de uma fusão entre estas duas pulsões, com elementos de ambas tomando ação em nossas vidas, como, por exemplo, a força de destruição sendo utilizada para garantir a autopreservação. Abordaremos, respectivamente, estes dois pontos a seguir.

Três anos depois da publicação de *Além*, Freud retoma, no capítulo IV de *O Eu e o Id* (1923/2011), suas explorações sobre a dualidade pulsional de vida e morte. Neste capítulo, temos uma passagem que se mostra ilustrativa sobre a concepção da pulsão de morte, por um lado, como uma pulsão que visa a separação, a desunião, e a pulsão de vida, por outro lado, representando o contrário disto, a busca por união e integração:

A cada uma dessas duas espécies de instintos estaria associado um processo fisiológico especial (assimilação e desassimilação [anabolismo e catabolismo]), em cada fragmento de substância viva estariam ativas as duas, mas em mistura desigual, de modo que uma substância poderia assumir a principal representação de Eros. (Freud, 1923/2011, p. 51).

Os processos referidos por Freud no campo da biologia exploram justamente esta concepção de união e desunião. O processo de anabolismo seria aquele correspondente à formação de moléculas mais complexas a partir de moléculas mais simples, e o catabolismo, o da degradação de moléculas mais complexas em moléculas mais simples. Esta compreensão dos processos biológicos é transposta para os processos psíquicos, onde a pulsão de vida, por meio da ligação característica das pulsões sexuais, buscam pela ligação, e as pulsão de morte, como resultado da ação da destrutividade, levaria a desagregação, a separação.

Tal modelo biológico desempenha ainda grande papel nas especulações de Freud sobre o início da vida orgânica, levando-se em conta as duas pulsões. Para o autor, em organismos simples, primitivos, a pulsão de morte teria predominância, sendo que disto resultaria que tais organismos com muita facilidade retornariam ao estado inorgânico, objetivo final de tal pulsão. Este objetivo seria postergado unicamente pela ação da pulsão de vida, que buscariam estabelecer formações celulares cada vez mais complexas, o que por sua vez permitiria o direcionamento da pulsão de morte para o exterior. “Devido a ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar o instinto de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio de um órgão especial.” (Freud, 1923/2011, p. 51).

Vale ressaltar que tal órgão especial, neste caso, seria a musculatura e, apesar desta ação direcionada que tem como principal potencialidade colocar a pulsão de morte em favor de vida – como, por exemplo, na autopreservação diante de uma ameaça -, a morte, por fim, vence,

fazendo com a que a vida possa ser concebida como um mero desvio de tal intuito primordial. De todo modo, estas considerações biológicas, quando transpostas para o campo psíquico, parecem ser suficientes para igualmente indicar um caráter disjuntivo presente na pulsão de morte e o caráter de união, presente na pulsão de vida, tal como Freud aponta (1920/2010). Ainda em relação a isto, tem-se indicação da existência de um estado fusional entre as duas pulsões.

Um estado fusional seria aquele no qual a pulsão de morte seriam inibidas e desviadas, pelo trabalho da pulsão de vida, para fora do organismo. Em tal estado fusional das pulsões, se tomado de maneira ideal, seria difícil identificar a ação da pulsão de morte, já que esta estaria sobre o jugo da pulsão de vida, sendo a primeira utilizada para os intuítos da segunda. Para Freud, parece ser mesmo indispensável considerar a constante presença da pulsão de morte nos processos aparentemente direcionados pela ação da pulsão de vida, assim como o oposto seria plenamente possível:

No âmbito de ideias da psicanálise, podemos supor apenas que ocorre entre as duas espécies de instinto uma extensa mescla e amálgama, variável em suas proporções, de maneira que não devemos contar com puros instintos de morte e de vida, mas apenas com misturas deles em graus diversos. (Freud, 1924/2011, p. 192).

Contudo a fusão entre as duas espécies de pulsões não é necessariamente completa, pode ser pensada em graus. Ao que parece, é possível pensar tanto em gradações desta fusão, como uma em que ela seria incompleta, até um estado de total disjunção das pulsões. “Havendo admitido a concepção de uma mescla [ou junção] das duas espécies de instintos, impõe-se-nos a possibilidade de uma – mais ou menos completa – *disjunção* desses instintos.” (Freud, 1923/2011, p. 51, entre colchetes e itálico no original).

Sobre este aspecto da defusão ou disjunção dos instintos, interessa aventar a possibilidade de que tal fenômeno ocorra em meio a uma regressão. Para compreender tal possibilidade, antes se faz necessário averiguar como ocorreria a fusão pulsional. Esta poderia ser melhor observada dentro do desenvolvimento sexual humano. Conforme ocorresse a passagem progressiva de uma fase sexual para outra – por exemplo, da fase sádico anal para a genital -, igualmente ocorreria um acréscimo na união das duas pulsões, sendo que isto se daria

caracteristicamente pela colocação da agressividade, típica da pulsão de morte, a serviço das ligações eróticas comandadas pela pulsão de vida. (Freud, 1920/2010; 1923/2011).<sup>47</sup>

Neste sentido, a pulsão de vida teria um trabalho como de amansar e direcionar a pulsão de morte, tingindo-a com seus objetivos de união e ligação. Na disjunção das pulsões, portanto, pode se pensar, em sentido inverso deste, no qual as pulsões – aqui, especialmente a de morte – voltariam a possuir como que interesses e ações próprias e independentes.

Um pouco mais adiante no texto de *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) considera a possibilidade de uma disjunção pulsional também no cenário de um abandono de um investimento objetual e do conseqüente retorno de tal investimento para o Eu. Tal discussão surge em consideração à formação do Super-Eu no âmbito de tal texto. Esta instância do Eu surgiria com o declínio do Complexo de Édipo, ou seja, com o abandono dos investimentos objetuais feitos nas figuras paternas, investimentos estes que se tornam impossibilitados pela censura e pelas normas sociais.

Ao trazer para esta discussão o conceito de Super-Eu, pretende-se apenas apresentar a hipótese de que, em meio a um processo identificatório, como este que estabeleceria alguns traços das figuras parentais no interior de uma parte do Eu da criança, ocorreria também uma des fusão pulsional. Freud (1923/2011, p. 68) aponta para tal ideia na seguinte passagem: “O Super-Eu nasceu de uma identificação com o modelo do pai. Toda identificação assim tem o caráter de uma dessexualização<sup>48</sup> ou mesmo sublimação. Parece que também ocorre, numa tal transformação, uma disjunção instintual.”

Dando continuidade, diante destes cenários de des fusão pulsional, é possível indicar ainda que na concepção freudiana, a pulsão de morte, separada da de vida, pode ser direcionada para o exterior, como é o caso do sadismo. Este pode ser caracterizado, dentre outras coisas, pelo direcionamento da pulsão de morte para a imagem de um objeto ambivalente. Contudo, Freud (1924/2011, p. 193) alerta: “Não ficaremos surpresos de ouvir que, em determinadas circunstâncias, o sadismo ou instinto de destruição voltado para fora, projetado, pode ser novamente introjetado, voltado para dentro, desse modo regredindo à sua situação anterior”.

Com esta citação, Freud ilustra a possibilidade de que os efeitos destrutivos da pulsão de morte, que em casos ideias é direcionada para fora, possam tomar o curso inverso e recaiam sobre o próprio indivíduo. Neste cenário, o que se poderia inferir é que se faria necessário,

---

<sup>47</sup> Tal ideia pode ser diretamente observada na seguinte citação de Freud (1923/2011, p.52): “a essência de uma regressão libidinal, da fase genital à sádico anal, por exemplo, baseia-se numa disjunção instintual, e, inversamente o avanço da fase inicial à definitiva tem por condição um acréscimo de componentes eróticos.”

<sup>48</sup> Sobre tal conceito, conferir maiores desenvolvimentos na segunda seção do quinto capítulo, que trata da identificação com um objeto perdido.

novamente, promover alguma ação contra a pulsão de morte, para que seus efeitos disruptivos não se exprimissem no indivíduo. Supõe-se que caberia a pulsão de vida executar o mesmo trabalho de amansamento que normalmente realiza, inibindo então os efeitos destrutivos da pulsão de morte.

Em tal sentido, parece ser possível entrever que em *Além* Eros desempenharia um papel semelhante aquele descrito sobre o Eu em situações tipicamente normais: o de ligação e inibição de alguma energia. Algumas diferenças sobre tal aproximação impõem-se desde já: Em *Projeto*, fala-se de uma energia livre, em um estado descrito como primário, que por meio de ligações elaboradas pelo Eu, seria transformada em energia ligada, energia em processo secundário, tendo como importante fator, ainda, a consideração pela realidade para que se permita ou não a descarga de tal energia. Em *Além*, o que se discute é um processo de ligação, promovido por Eros, que resulta na fusão deste com a pulsão de morte inibindo os efeitos desta contra o próprio indivíduo e, também, redirecionando a força desta para seus próprios intuitos.

Ainda, questiona-se o seguinte: neste quadro da dualidade pulsional, o Eu estaria, e, caso estivesse, como estaria envolvido neste processo de ligação e inibição concernente à pulsão de vida e a pulsão de morte?

Mesmo diante de tais diferenças e de tal questão – a qual não ser respondida aqui –, acredita ser interessante para esta discussão apresentar, como possibilidade de reflexão, a semelhança entre os processos de ligação, pensados por Freud. Talvez o processo de ligação pensado nos termos de *Projeto* possa auxiliar na compreensão da ligação entre a pulsão de vida e a pulsão de morte como algo que possibilita o uso da força agressiva desta última para os avanços em termos de união e complexidade da primeira (Polizelli, 2017).

De todo modo, espera-se poder ilustrar algo mais sobre tal questão ao estudar-se a inter-relação entre regressão e progressão para Ferenczi. Portanto, na seção seguinte, serão expostas algumas observações que Ferenczi desenvolveu a respeito da pulsão de morte e da regressão. Em subseção, constam as reflexões do autor sobre as crianças mal acolhidas (Ferenczi, 1929/2011), que darão oportunidade tanto para uma breve retomada e aplicação do conceito de pulsão de morte quanto funcionará, também, como introdução à exposição sobre o fenômeno da autoclivagem narcísica.

#### **4.2 Entrelaçamentos entre pulsão de vida e pulsão de morte, entre progressão e regressão em Ferenczi**

Um texto que, acredita-se, funciona como um bom ponto de partida para as discussões desta seção é *Thalassa*. Publicado em 1924, mas gestado longamente durante anos, tal obra apresenta em seu conteúdo elementos que nos remetem às ideias presentes em *Além*, de Freud. Temas referentes a filogenética e a tendência regressiva presente nos seres orgânicos são apenas alguns dos pontos semelhantes abordados em ambos os textos (Figueiredo, 1999)<sup>49</sup>. Seguindo este viés em que a psicanálise e os conhecimentos oriundos das ciências naturais são colocados em trabalho conjunto, Ferenczi propõe em sua obra a concepção de algo como uma nova disciplina científica, a qual denominou bioanálise.

De maneira muito breve, a bioanálise poderia ser caracterizada como “uma nova ciência *bioanalítica*, a qual transfere sistematicamente os conhecimentos e métodos da psicanálise para as ciências naturais” (Ferenczi, 1924/2011, p. 346, itálicos no original). No entanto, parece que a compreensão desta nova ciência pensada pelo autor pode ser apreendida de maneira mais profunda ao se estudar todo o texto de *Thalassa*. Em tal obra, Ferenczi parece tentar executar justamente esta aplicação de conhecimentos psicanalíticos a fenômenos observados no campo das ciências naturais, especialmente atrelados com a filogênese humana.

Como não nos cabe percorrer ponto a ponto o extenso conteúdo de *Thalassa* em busca de uma definição da bioanálise, será ressaltado apenas um determinado fenômeno trabalhado por Ferenczi – que de todo modo, parece ser central em tal obra – para introduzir o leitor ao cerne das questões presentes em sua proposta. O fenômeno em questão é a tendência, presente em todo ser humano e em ação desde o nascimento deste, de buscar retornar ao útero materno. (Ferenczi, 1924/2011).

O capítulo três de *Thalassa*, intitulado *O desenvolvimento do sentido de realidade erótica e seus estágios*, não à toa remete a outro texto sobre o desenvolvimento do sentido da realidade, só que do Eu, publicado em 1913 por Ferenczi (1913/2011). O autor aponta que desde aquela época foi levado à hipótese de uma tendência regressiva ao estado intrauterino presente em todo ser humano. De fato, em *Desenvolvimento*, já na parte final do texto e como complemento da ideia então desenvolvida, de um desejo, por parte do feto, de permanecer no interior do útero, encontra-se a seguinte nota de rodapé:

---

<sup>49</sup> Em seu livro *Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi*, Luiz Cláudio Figueiredo (1999) tece uma intrincada análise entre os textos de *Além do princípio do prazer* e *Thalassa*, apontando, dentre outras coisas, que a semelhança entre os dois textos não é mera coincidência. Tanto Freud quanto Ferenczi haviam trocado ao longo dos anos, ideias e considerações acerca das interpenetrações entre psicanálise e biologia, como atesta a correspondência entre os dois mestres.

Se seguirmos este raciocínio até o fim, será preciso considerar a existência de uma tendência para a inércia ou para a regressão, dominando a própria vida orgânica; *a tendência para a evolução, para a adaptação, etc. dependeria, pelo contrário, unicamente de estímulos externos.* (Ferenczi, 1913/2011, p. 60, n. 23, destaques em itálicos nosso).

Pode surpreender encontrar, em uma nota de rodapé datada de 1913, ideias que estariam presentes e mais profundamente desenvolvidas em considerações posteriores não só de Ferenczi, em 1924, mas também de Freud, especialmente em 1920, como já visto.

De todo modo, levando em conta os conteúdos até aqui estudados, parece ser possível destacar nesta nota de rodapé os seguintes pontos: a presença da ideia de uma tendência regressiva atuante na vida orgânica e que de certo modo a dirigiria, se relacionando possivelmente com a ideia de inércia; a compreensão de que estímulos externos seriam necessários para efetuar ações contrárias a esta tendência regressiva e promover adaptações e evoluções.

Sobre o primeiro ponto, o que Ferenczi acrescenta no mencionado terceiro capítulo de *Thalassa* é a observação de que uma parte do indivíduo nunca consegue abandonar esta tendência regressiva. Mesmo nos casos em que o Eu conseguiu alcançar o estágio final de seu desenvolvimento no sentido da realidade, abandonando a tendência regressiva e encontrando um substituto para a mesma na realidade, uma parte do indivíduo continua buscando satisfazer tal tendência regressiva: “no sono e nos sonhos, na vida sexual e na vida da fantasia, permanece agarrado o esforço para satisfazer aquele desejo primordial<sup>50</sup>” (Ferenczi, 1924/1968, p. 20, tradução nossa).

Não cabe, aqui, abordar todos estes fenômenos mencionados por Ferenczi, utilizados como ilustrações da permanência da tendência regressiva na vida orgânica. Contudo, como já observado na segunda seção do primeiro capítulo, o sono, em especial o primeiro experimentado pelo bebê na vida extrauterina, se apresenta justamente como um estado em que o recém-nascido se vê novamente na situação de onipotência incondicional experimentada no útero materno. Já a vida sexual, irá, por sua vez, constituir a linha de investigação que levará Ferenczi a desenvolver alguns de seus argumentos mais marcantes de *Thalassa*, apontando, por exemplo, que no coito se experimenta o retorno ao útero materno por três vias: uma alucinatória, uma simbólica e uma real<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Em inglês, na versão consultada: “*in sleep and in dreams, in the sex life and the life of fantasy, the striving towards the fulfilment of that primordial wish is still clung to.*”

<sup>51</sup> Conforme o autor, pela via alucinatória o corpo todo a experimentar a sensação de retorno ao útero materno; pela via simbólica, a sensação de retorno ao corpo materno se daria e estaria localizada no órgão genital, tomado

Sobre o segundo ponto mencionado acima, segundo o qual, diante da tendência regressiva, uma evolução ou adaptação só ocorreria por meio de estímulos externos, encontra-se um caminho aparentemente frutífero para algumas investigações sobre a progressão traumática. Nestes termos, a leitura de Ferenczi permite refletir sobre a possibilidade de que uma progressão - seja ela expressada no sentido de uma evolução ou de uma adaptação do organismo ao meio - seria derivada, mesmo possibilitada, pela regressão sempre atuante no indivíduo. Na citação a seguir, alguns elementos podem ser expandidos como forma de enriquecer e ilustrar este ponto:

De acordo com as nossas conclusões extraídas de um estudo do ‘sentido da realidade’ e com os estudos aprofundados de Freud sobre a vida pulsional, partimos, a fim de examinar a evolução da genitalidade, do fato de que só uma excitação exterior, privação ou catástrofe, pode ter forçado o ser vivo a mudar seus modos de funcionamento e sua organização. . . . Sustentamos que esses seres se adaptaram, por certo, à nova situação, mas com a intenção secreta de restabelecer a antiga situação de quietude nesse novo meio o mais rápida e repetidamente possível. (Ferenczi, 1924/2011, p. 351).

Em primeiro lugar, destaca-se novamente a ênfase dada aos estímulos de ordem externa como motivadores necessários para a adaptação e evolução do ser vivo. Contudo, ao mencionar as catástrofes e dificuldades impostas desde fora, Ferenczi parece se referir a estímulos que fogem de uma ordem de grandeza palatável ao organismo, e que se inserem no campo do que considerou-se no terceiro capítulo deste trabalho, por meio de termos quantitativos, como traumático. Ainda em relação a este ponto, nota-se a menção de que em decorrência destes eventos, a mudança ocorrida é na própria estrutura e organização do indivíduo, e não de uma efetiva mudança no meio estimulante. Logo, diz-se de formas de adaptações autoplásticas, tipicamente descritas como formas de reações primitivas.

Tal forma de adaptação, como já visto na segunda seção do terceiro capítulo, consiste na alteração interna do ser vivo, executada em casos nos quais uma ação com vistas a alteração externa da situação não pode ser executada por qualquer razão. Em *Thalassa* (Ferenczi, 1924/2011), este mecanismo de adaptação possui importante papel na argumentação filogenética desenvolvida por Ferenczi. Ela ilustra uma ferramenta presente nos antepassados

---

como símbolo em sua atividade sexual; já a experiência real de retorno seria experimentada unicamente pelas células germinativas (Ferenczi, 1924/1968).

dos seres vivos e que persistiria até hoje como possibilidade de reação diante de situações de extrema necessidade.<sup>52</sup>

Além disso, a autoplastia aparece relacionada com o mecanismo de regressão, como nota-se na parte final da citação acima, algo que pode ter duas acepções aqui: uma, de afirmar que no indivíduo que assim precisou se adaptar, persiste um intuito de retornar ao estado anterior de quietude que foi abandonado; e outra, talvez menos clara, mas aparentemente possível, de indicar que a própria autoplastia pode se apresentar como saída regressiva – em termos funcionais do aparelho psíquico – diante de determinados eventos catastróficos.

Contudo, é interessante notar que em *Thalassa*, Ferenczi (1924/2001) considera que a autoplastia poderia apresentar também uma característica “progressiva (desenvolvimento de novos órgãos)” (p. 355, n. 57, entre parênteses no original). Dado o cenário filogenético levado em conta pelo autor em nessa obra, a compreensão de que a autoplastia poderia levar ao desenvolvimento de novos órgãos parece ter relação com ideias referentes à adaptação que os seres vivos precisam executar diante de significativas mudanças no ambiente circundante. Por exemplo, na passagem dos seres aquáticos para um meio aéreo, as imposições de um ambiente novo demandariam uma alteração nos órgãos relacionados ao sistema respiratório.

Utilizando tal concepção em sentido bioanalítico, talvez seja possível considerar que a formação de novas habilidades, por parte de uma criança pequena, por exemplo, seriam formas de adaptação autoplástica que renderiam algum progresso para o infante, em termos de melhor adaptação ao ambiente. Por exemplo, o desenvolvimento e o uso de sinais gestuais e depois verbais, como visto em *Desenvolvimento* (Ferenczi, 1913/2011), talvez possam ser considerados como uma forma de adaptação mais adequada, resultante de um desenvolvimento das capacidades internas do infante.

Ainda sobre esta questão, vale dizer que em *Thalassa* Ferenczi apresenta a hipótese de que determinadas experiências catastróficas muito antigas, cujas marcas se fazem presentes nos seres humanos devido a herança filogenética, seriam revividas por meio de experiências paralelas, vividas, por sua vez, de maneira ontogenética. Por exemplo, conforme tabela apresentada pelo autor (Ferenczi, 1924/2011, p. 335), o paralelo ontogenético da catastrófica secagem dos oceanos – que, supostamente, teria demandado o desenvolvimento dos órgãos que permitiriam uma respiração e adaptação ao meio terrestre – seria o do nascimento do bebê humano. Neste último caso, a adaptação seria facilitada ao recém-nascido tanto pelo fato de

---

<sup>52</sup> Vale lembrar, os argumentos de Ferenczi (1924/2011) presentes em *Thalassa* tomam como base a já mencionada bioanálise, ou seja, utilizam-se da inter-relação entre ideias dos campos da biologia e da psicanálise, em uma tentativa de aplicabilidade de uma a outra.

seus pulmões já estarem prontos para entrarem em ação, quanto pela recepção adequada e calorosa da família, que reestabeleceria, na medida do possível, a situação ideal do útero materno.

De todo modo, ressalta-se que esta possibilidade de uma adaptação autoplástica que poderia resultar no desenvolvimento de certas habilidades será retomada de maneira mais específica na terceira seção do quinto capítulo. Lá, ela será relacionada com a discussão apresentada sobre a progressão traumática e dos mecanismos psíquicos que a ela estariam relacionados.

Retomando a discussão desta seção, nota-se que ambas formas de adaptação autoplástica apontam para a noção de que a tendência regressiva persiste no indivíduo, mesmo após a adaptação deste as novas condições ambientais. Isto porque, assim que uma adaptação ocorra, tão logo quanto possível o organismo buscaria dar expressão ao desejo de retornar para o estado anterior, abandonado a força. Curiosamente, tal noção pode ser reencontrada de maneira muito semelhante no texto de *Desprazer* (Ferenczi, 1924/2011, p. 440, itálicos no original), onde o autor, ao falar do indivíduo que tanto se vê obrigado a abandonar objetos prazerosos – privações -, quanto a aceitar desprazeres impostos – catástrofes –, o faz somente “sob protesto, de certo modo, com a reserva mental de uma *restitutio in integrum*<sup>53</sup>.”

De maneira geral, parece ser possível dizer que o que se obtém com esta concepção ferencziana seria algo como um movimento em quatro passos: uma situação original de quietude que seria perturbada, conforme Ferenczi, pela ação de estímulos externos; a perturbação gerando um desequilíbrio de tal estado inicial; a adaptação e a evolução diante das novas condições impostas desde fora; a conservação, mesmo na nova situação a qual adaptou-se, de uma tendência à retornar ao estado anterior de quietude abandonado contra a vontade do indivíduo<sup>54</sup>.

Parece ser necessário expandir, ainda que de forma sucinta, o estudo acerca das concepções relacionadas à perturbação e adaptação à tal perturbação, pois elas, acredita-se, apontam para a ligação inseparável entre regressão e adaptação, desenhada em *Thalassa*. Tal ligação, por sua vez, parece ser cada vez mais uma chave indispensável na compreensão da progressão traumática. Portanto, apresenta-se mais uma citação do autor:

Acreditamos, pois, que o *desejo* de restabelecer uma posição de equilíbrio abandonada por necessidade nunca se extingue por completo, mas tem apenas

---

<sup>53</sup> Expressão em latim que remete a uma restauração à condição original.

<sup>54</sup> Tal concepção, vale lembrar, em muito se assemelha com a definição daquilo que seria o mais fundamental da pulsão – a regressão -, dada por Freud (1920/2010) e por nós citada na página 83 deste trabalho.

de diminuir sua atividade por momentos, porque a *censura biológica* instituída pelos interesses atuais do ego opõe-se à sua realização. Assim, também na biologia encontramos essa modificação do princípio de prazer que, também nesse caso, pode chamar-se princípio de realidade, e podemos fazer a mesma constatação que de quando nos referimos à vida psíquica: essa mesma força que incita à regressão, se uma instância de censura a impede de se exprimir diretamente torna-se progressiva, ou seja, avança no sentido da adaptação e de uma complexidade maior. (Ferenczi, 1924/2011, p. 352, *itálicos no original*).

Nota-se, nesta citação, a sucinta explicação que o autor fornece sobre como ocorreriam os processos de adaptação em conformidade com o aqui denominado desejo de regressão. O Eu seria o responsável por frear a tendência regressiva em determinados momentos, dando, assim, atenção para os seus interesses atuais, relacionados com as demandas da realidade, do ambiente. Como se sabe, dentre outras coisas, é de fato tarefa do Eu atentar-se para tais demandas e, por meio de mecanismos de inibição, paralisar processos automáticos que buscam satisfação, esperando encontrar momentos mais adequados na realidade externa para satisfazer tais desejos.

Vale lembrar que, nos termos de *Projeto* (Freud, 1895/2033), tal capacidade do Eu em inibir processos automáticos constitui-se paulatinamente, em meio ao desenvolvimento do mesmo e do enriquecimento de suas relações com o mundo externo. Seria por meio do aprendizado adquirido com algumas experiências, como as de ausência de um objeto, de adequação às demandas sociais impostas desde fora, que o Eu, apoiando-se em traços objetivos que torna parte de si, encontraria suporte para promover a mudança do estado da energia de livre para ligada.

Acredita-se, contudo, que é possível pensar esta dinâmica de regressão e adaptação para Ferenczi também em termos de pulsão de vida e de morte, e, mais especificamente, na possibilidade de uma fusão e desfusão destas. Para tanto, faz-se necessária uma exposição mais pontual sobre estas ideias para o autor.

Entretanto, antes de dar início à tais considerações, uma ressalva precisa ser feita. Ao que parece, o conceito de pulsão de morte possui, em Ferenczi, algumas flutuações na forma como o autor o concebe, podendo se encontrar mesmo a possibilidade de uma negação do uso de tal termo por parte do autor húngaro. Este tema incita interessantes discussões, que podem ser vistas, à guisa de exemplo, no livro do autor espanhol José Jiménez Avello, *La isla de sueños de Sándor Ferenczi: nada más que pulsión de vida*, publicado em 2006 e também no artigo escrito em conjunto por Eugênio C. Dal Molin, Nelson Coelho Jr. e Renata U. Cromberg: *A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica*, de 2019.

Com isto em mente, nota-se que extrapolaria os limites deste trabalho apresentar e esmiuçar os pontos de discussão em torno das compreensões que Ferenczi construiu sobre a pulsão de morte ao longo de sua obra. Opta-se, então, por continuar este trabalho utilizando os termos já conhecidos e apresentados, com base principalmente em Freud (1920/2010), e, de tal forma, avançar com as discussões que aqui cabem.

Feitas tais ressalvas, pode-se agora passar a discussão de algumas considerações de Ferenczi acerca da pulsão de morte e da pulsão de vida, e da fusão e desfusão destas. A seguinte citação de *Thalassa* parece ser um bom ponto de partida:

O primeiro efeito de todo choque exógeno será despertar a tendência à autotomia que dormita no organismo (pulsão de morte); os elementos orgânicos não vão perder a ocasião que lhes é oferecida de morrer. Mas, se a perturbação é violenta demais, portanto traumática, e não acompanha o ritmo progressivo segundo o qual o mecanismo foi outrora estruturado, produz-se uma ‘desintrinsicção’ (Freud) imperfeita das pulsões do organismo, e os elementos desse começo de decomposição passam a ser os materiais da evolução ulterior. (Ferenczi, 1924/2011, p. 352).

Desta citação destaca-se a aparente entrada em ação de um movimento regressivo, ainda que não diretamente mencionado, diante de um choque, e como este pode resultar no começo de um movimento progressivo. Tal complexo processo envolveria a ação da pulsão de morte e também da de vida, assim como, da desfusão pulsional entre ambas. Vejamos se, com a exploração e o acréscimo de algumas noções a tal citação, pode obter-se como resultado um maior esclarecimento do processo que transforma a regressão em progressão, e qual o papel desempenhado pela pulsão de morte e de vida em tal cenário.

Para tal exploração, considera-se o seguinte cenário: partindo de um estado ideal em que a pulsão de vida e a pulsão de morte encontram-se em um ponto de equilíbrio adequado, com uma anulando a outra, com alguma vantagem para a pulsão de vida (Freud, 1920/2010), um choque seria capaz de despertar a ação da pulsão de morte. Esta, por sua vez, livre das amarras de Eros, poderia dar curso a expressão de seus efeitos no aparelho psíquico<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> Aqui, uma ponderação precisar ser expressa. No caso em questão, Ferenczi (1924/2011) considera um choque cujo efeito é o de permitir que a pulsão de morte - pensada na citação, ao que parece, em termos de autotomia orgânica, de partes do organismo deixarem-se morrer – se expresse. Seria somente no caso de um choque, cuja força fosse excessiva, ou seja, traumática, que algo como uma desfusão pulsional imperfeita ocorreria. Cabe questionar, então, o que do choque poderia permitir a expressão livre dos efeitos da pulsão de morte. De maneira apenas especulativa, talvez possa ser dito que isto tenha algo em relação com a possível compreensão da pulsão de morte como uma energia livre sempre presente no organismo e que, diante do excesso de estímulo do trauma, tal quantidade de energia livre no interior do aparelho aumentaria, permitindo que está impusesse seus desígnios já que a pulsão de vida, economicamente falando, ficaria em desvantagem.

Pensa-se, então, que com tal movimento regressivo buscando efetivar-se, o aparelho regrediria também em suas formas de lidar com a tensão interna (Freud, 1900/2017). Uma destas formas, anteriores cronologicamente, como sabemos, consiste em recorrer a adaptações autoplásticas (Ferenczi, 1930/2011b). Assim, talvez fique mais claro a entrada em ação de um mecanismo como a autotomia, que poderia ser pensada em algum nível de relação com a ação da pulsão de morte desinibida no aparelho<sup>56</sup>. Tem-se, assim, uma indicação inicial dos efeitos da pulsão de morte, considerados por Ferenczi (1924/2011) em *Thalassa*: a expressão da tendência regressiva.

Continuando a observação da citação acima, nota-se, contudo, que em um cenário traumático, o autor fala de uma defusão imperfeita entre as duas pulsões. Seria tal imperfeição que permitiria a retomada, a partir da destruição iniciada, de um movimento de reconstrução.

Parece ser possível pensar que, se a defusão entre as pulsões é imperfeita<sup>57</sup>, então Eros, em algum grau, mantêm-se unida à pulsão de morte. Considerando que os efeitos regressivos observados no aparelho psíquico seriam expressão do objetivo final destas pulsões, talvez seja possível dizer, em termos quantitativos, que esta teria sido diminuída, enfraquecida, por meio de sua satisfação. Se algo assim for correto, poder-se-ia, em mesma medida, considerar que Eros, então retomando a vantagem econômica, conseguiria imprimir sua vontade, ligando-se mais ainda à pulsão de morte e, também, utilizando a força desta para fins adaptativos.

Para dizer, ainda de uma maneira mais sucinta, em termos econômicos, após a pulsão de morte ter sua quantidade presente no aparelho psíquico diminuída, devido a utilização desta em determinados processos regressivos, parece tornar-se possível para a pulsão de vida, agora com certa vantagem econômica, exercer suas tarefas, dentre elas, o de amansamento da pulsão de morte.

Aqui, como se pode notar, considera-se a ação de Eros de maneira relativa aquela atribuída ao Eu nos capítulos anteriores, tomando-se como base o texto de *Projeto*. Pensa-se, com base em tal obra, em uma transformação, executada pelo Eu, no estado da energia de livre para ligado, inibindo, ainda que momentaneamente, a ação irrestrita desta. Apontou-se, no final da seção anterior, algumas dificuldades em aproximar a ideia de ligação que diz respeito ao Eu, com a de inibição, promovida por Eros para com a pulsão de morte.

---

<sup>56</sup> De todo modo, na seção seguinte, em que a autoclivagem narcísica será abordada, maiores discussões serão realizadas, considerando tais ideias e as noções de clivagem e fragmentação.

<sup>57</sup> Sobre o quanto uma defusão pulsional poderia ser completa ou não, citamos a seguinte passagem para consideração: “parece mais plausível admitir que, de um modo geral, não existe desintração total entre pulsão de morte e de vida, que mesmo a matéria tida como ‘morta’, logo, inorgânica, contém um ‘germe da vida’ . . .” (Ferenczi, 1924/2011, p. 356).

Contudo, apontou-se também que tal aproximação parece ser capaz de ajudar na compreensão de tais processos. Em ambos os casos, parece que se trata da tentativa de inibição da ação de uma energia em processo primário, ou seja, que não considera as imposições da realidade. Tanto o Eu quanto o Eros – como viu-se agora em Ferenczi – parecem ser os responsáveis por executar este processo de adequação à realidade, inibindo as ações da energia livre<sup>58</sup>.

Desta forma, parece ser possível ver, tal como em Freud (1920/2010) uma certa complementaridade na ação da pulsão de vida e da pulsão de morte. Igualmente, interessa apontar que talvez seja possível ver igual complementaridade nos movimentos de regressão e progressão, pensados por Ferenczi (1924/2011), mesmo dentro de um enquadre específico que considere, por exemplo, a adaptação autoplástica. Tecendo uma breve relação desta com o exposto acima sobre Eros, parece ser possível indicar que uma autoplastia que seja progressiva, ou seja, adaptativa, seria guiada por intuítos igualmente progressivos de Eros. Este, buscando uma maior complexidade para o organismo, poderia impulsionar movimentos de reconstrução e progressão em termos adaptativos aproveitando-se mesmo de certas vantagens legadas pelo movimento regressivo expressado pela pulsão de morte<sup>59</sup>.

Vale anotar, há uma passagem de Ferenczi que parece ilustrar e amarrar as ideias relativas as ações destas pulsões dentro de um quadro geral que considera, novamente, a regressão como parte de um movimento que poderia, por sua vez, voltar-se para uma direção progressiva:

também se pode imaginar que o grau de complexidade já alcançado (pelo organismo) atue num sentido regressivo sobre os produtos da decomposição ou, pelo menos, contribua para que os organismos tenham menos pressa em morrer e se reconstruam a partir dos seus próprios restos, utilizando até mesmo a força inversa produzida pela destruição parcial a fim de dar prosseguimento ao seu desenvolvimento. Seja como for, a concepção bioanalítica dos processos de evolução vê em toda parte *desejos* que agem no sentido de *restabelecer estados de vida ou de morte anteriores*. Ferenczi (1924/2011, p. 353, itálicos no original).

Tal passagem não parece, contudo, ferir uma das ideias principais em torno da regressão, apresentada em *Thalassa*, a de que um organismo busca reencontrar, tão logo quanto possível,

---

<sup>58</sup> Sobre a possibilidade de ver na pulsão de vida algo como uma adequação às demandas da realidade, além das citações de Ferenczi (1913/2011; 1924/2011), também em Freud tais ideias podem ser encontradas. Estas, contudo, são apresentadas e desenvolvidas na segunda seção do quinto capítulo.

<sup>59</sup> Na seção seguinte, será melhor detalhado como uma certa expressão da tendência regressiva, motivada pela pulsão de morte, poderia auxiliar no processo de reconstrução e adaptação realizado por Eros.

o estado de equilíbrio anterior que foi obrigado a abandonar devido a poderosas forças externas. Tal busca aparenta ser tão urgente, que dos destroços ainda frescos da decomposição se inicia o processo de reconstrução e adaptação às novas condições, pretendendo-se encontrar, nestas, a possibilidade de regressão ao estado anterior.

Diante disto, não se pode deixar de notar a complexidade que as noções de regressão e progressão podem adquirir sobre a pena de Ferenczi, especialmente em *Thalassa*. Contudo, não cabe, aqui, aprofundar mais esta discussão, mas apenas ressaltar o tom dialético que Ferenczi dá para o par regressão-progressão. Tal par, ao que parece, deixa entrever uma espécie de elasticidade promovida pelos seus movimentos, e podem figurar como modelo explicativo de processos típicos de adaptação às demandas da realidade. Algo assim parece ser ressaltado por Dean-Gomes<sup>60</sup>:

Nesse sentido, Ferenczi parece propor certa circularidade nas noções de regressão ou progressão, nas quais as direções seriam mais diversas do que o destino; partiríamos sempre de um mesmo ponto e a ele retornaríamos, podendo, ou não, nos afastar cada vez mais do ponto de partida e reencontrá-lo somente após o percurso de toda a circunferência. E, ao longo de toda uma vida, poderíamos oscilar na direção que tomamos, de maneiras mais ou menos favoráveis à saúde psíquica do indivíduo. (Dean-Gomes, 2019, p. 296).

De todo modo, por meio de um estudo das considerações elaboradas por Ferenczi a respeito da criança pequena e do ambiente que à recebe, pode-se encontrar mais algumas considerações do autor a respeito da pulsão de morte e, especialmente, dos efeitos desta no psiquismo infantil. Portanto, abre-se aqui uma subseção, na qual tal exposição será desenvolvida, e, após esta, será possível dar início ao estudo mais detalhado do fenômeno da autoclivagem narcísica, na terceira seção deste capítulo.

#### 4.2.1 O ambiente, a criança mal acolhida e a pulsão de morte

Neste momento, o objetivo de nossa exposição é a de apresentar algumas ideias relativas ao bom ou mal acolhimento, por parte da família, da criança recém-nascida. Tais considerações

---

<sup>60</sup> Também é possível encontrar elementos para a composição desta chave de leitura, onde progressão e regressão se apresentam como elementos contínuos um do outro, em Gurfinkel (2017), especialmente no capítulo três de tal livro, dedicado à análise da obra de Ferenczi.

irão, mais à frente, aventar sobre as consequências de tal relação para a pulsão de morte atuante na criança, algo que, sem dúvidas, apresenta importantes consequências para o infante.

Antes de dar início a tal exposição, é necessário ter em mente a condição de extrema dependência a que uma criança pequena encontra-se, pois, como visto já no primeiro capítulo deste trabalho, o infante depende dos adultos ao seu redor para satisfazer suas necessidades. Isto faz com que os objetos – sejam eles percebidos como tais ou não – adquiram extrema importância para a vida da criança. Esta importância, que é mesmo de ordem vital, do ambiente para com a criança, são abordados nos textos de Ferenczi *A adaptação da família à criança*, de 1928<sup>61</sup>, e *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, de 1929 (Ferenczi, 1929/2011).

No primeiro destes textos, como o leitor pode deduzir pelo título do mesmo, Ferenczi (1928/2011) propõe uma discussão que gira em torno dos esforços que a família que acaba de receber uma criança recém-nascida precisa executar para cuidar da mesma. Tal problemática se mostrou inovadora, já que, como aponta o autor, os psicanalistas em geral, naquela época, se ocupavam “unicamente da adaptação da criança à família, *não da família à criança*.” (Ferenczi, 1928/2011, p. 1, itálicos no original).

Neste texto, o autor pensa em alguns momentos fulcrais do desenvolvimento infantil, que, devido à falta de adaptação da família à criança, poderiam gerar efeitos considerados traumáticos. Em primeiro lugar, ele considera o nascimento, mas para este, segundo o autor, a criança estaria fisiologicamente apta a enfrentar sem grandes consequências. Igualmente, a família, na grande maioria dos casos, estaria também capacitada a se adaptar às necessidades da criança recém-nascida, promovendo um ambiente que a permitiria retornar ao estado de onipotência recentemente abandonado. “o bebê é deitado no quente, protegido ao máximo das excitações ópticas e acústicas incômodas; eles fazem a criança esquecer efetivamente o que se passou, como se nada tivesse acontecido.” (Ferenczi, 1928/2011, p. 5).

Aqui, uma breve relação entre este texto de 1928 e o texto *Desenvolvimento*, de 1913, pode ser observada. Ferenczi parece manter em mente as fases do desenvolvimento no sentido da realidade, especialmente aquela mais primitiva, de onipotência incondicional, ao qual a criança tende a retornar logo após o nascimento. Como visto, tal sensação é possível à criança, devido aos prestativos cuidados do ambiente. Sem dúvida, grandes dificuldades podem assolar a criança caso tal cuidado não seja oferecido. Como será visto logo mais, é justamente deste

---

<sup>61</sup> Tal texto é fruto de uma exposição realizada por Ferenczi em 13 de junho de 1927. Contudo, a edição em português consultada de tal obra, o volume IV das Obras Completas de Sándor Ferenczi, publicados pela editora Martins Fontes, marca, na parte final do livro, p. 326, que tal texto seria datado de 1928. Diante disto, adotou-se, para citar *O problema da adaptação da família à criança*, o modelo (1928/2011).

ponto, no qual um cuidado falha ou inexistente, que as discussões do autor sobre a criança mal acolhida partem.

Existiriam ainda outros momentos de grande mudança na vida da criança em que “o instinto dos pais parece com muita frequência falhar” (Ferenczi, 1928/2011, p. 5). Tais momentos, em que falhas ocorreriam, poderiam ser considerados traumáticos. Seriam eles: o desmame, o treinamento de asseio pessoal, a supressão dos maus hábitos e a passagem para a vida adulta.

Fugiria ao escopo deste trabalho esmiuçar os apontamentos que Ferenczi tece sobre cada uma destas passagens exemplares na vida das crianças. Interessa, contudo, compreender algumas consequências extraídas de tais discussões.

Em primeiro lugar, destaca-se que o autor considera tais passagens como fenômenos não necessariamente traumáticos e presentes de forma comum e não patológica na vida de todas as pessoas; em segundo lugar, que tais fenômenos, por outro lado, podem sim adquirir efeitos traumáticos na vida das crianças, o que ocorreria justamente nos casos em que a família não se adaptou às peculiares necessidades do infante para lidar com tais momentos de mudança.

Enfatiza-se aqui a compreensão do autor de que a família desempenha um papel fundamental como auxílio para a criança em sua adaptação ao mundo circundante. Aqui, o fato já estudado e acima mencionado, de que o bebê humano recém-nascido se encontra em estado de total dependência, ganha ainda mais importância. A família é necessária não apenas para a satisfação das necessidades mais básicas do infante, mas também para que sirvam como objetos auxiliares no processo de adaptação deste às demandas cada vez mais complexas da realidade.

Ainda que apenas de forma indicativa, pode-se retomar a ideia freudiana apresentada no primeiro capítulo, ao estudar-se o *Projeto*, de que os adultos, para a criança, se configurariam como primeiro objeto de amor, primeiro objeto de ódio e único objeto auxiliar. Tal ideia, se atrelada como as formas já vistas pelas quais o Eu se expande, cresce e se fortalece, junto com a menção de que este é a instância responsável pela adaptação à realidade, talvez permita melhor ilustrar como o ambiente pode atuar de maneira a auxiliar e amparar à criança em sua adaptação.<sup>62</sup>

Tal reflexão, de todo modo, talvez possa servir igualmente em apontar à gravidade da situação em que a criança se vê sem tais elementos auxiliares em sua luta contra às demandas externas. Restaria a ela, então, recorrer a outros mecanismos, talvez mais primitivos, para adaptar-se à realidade.

---

<sup>62</sup> Na primeira seção do quinto capítulo deste trabalho, diante de um estudo mais aprofundado sobre a identificação e a introjeção, será possível retomar e melhor refletir sobre este ponto.

Isto pois, como já abordado nos dois primeiros capítulos deste trabalho, observa-se que a criança pequena não possui muitos recursos defensivos. Seu Eu, ainda primitivo, possui poucas alternativas para lidar com o desprazer, recorrendo, em alguns casos, a defesas autoplásticas, que, como visto, consistem em uma modificação do próprio organismo em detrimento de imposições externas. Tal forma de defesa, pode-se concluir, tem como consequência uma perda em algum nível para o próprio indivíduo.

Tal perda parece ser considerada nesta citação em que Ferenczi, partindo de dados de ordem biológica, tece um exemplo aforístico de como eventos, supostamente anódinos, ocorridos em fases primitivas, onde as defesas do bebê ainda são poucas e limitadas, podem resultar em consequências graves no desenvolvimento infantil:

Num dos estágios precoces do desenvolvimento embrionário, uma simples picada de alfinete, um leve ferimento, pode impedir a formação de toda uma parte do corpo. Um outro exemplo: num quarto onde existe uma única vela, a mão colocada perto da fonte luminosa pode obscurecer a metade do quarto. O mesmo ocorre com a criança se, no começo de sua vida, lhe for infligido um dano, ainda que mínimo: isso pode projetar uma sombra sobre toda a sua vida. (Ferenczi, 1928/2011, p. 5-6).

Diante da importância de tais observações, torna-se necessário tentar ao menos compreender o que, além dos dados relativos a dependência e imaturidade da criança, poderia estar em jogo para que tão graves consequências ocorressem diante de uma desadaptação ambiental. Observando o texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, encontra-se uma indicação para tal investigação. Segundo a leitura realizada deste texto, parece ser possível notar que a recepção da família à criança se faz necessária para que esta, no início de sua vida, não sucumba a uma certa tendência regressiva que lhe habita.

Retomando a dualidade pulsional apresentada na obra *Além*, de Freud (1920/2010), Ferenczi vai se utilizar de tal ideia para pensar os casos, observados em sua prática clínica, em que os pacientes adultos, foram, quando crianças “*hóspedes não bem-vindos na família*” (Ferenczi, 1929/2011, p. 57, itálicos no original). Estes pacientes, devido a uma indisposição, por parte do ambiente, não encontrariam suficiente estimulação para coibir a ação da pulsão de morte, e, diante de tal cenário, estariam à mercê dos efeitos regressivos de tal pulsão.

Ferenczi aponta para a ideia, equivocada, segundo ele, de pensar-se a eficácia da pulsão de vida e da pulsão de morte, conforme a idade das pessoas. Ao contrário do que se poderia imaginar, logo após o nascimento, o que provavelmente teria mais força na criança seria a tendência regressiva, expressada pela ação da pulsão de morte. “O bebê, ao contrário do adulto,

ainda se encontra muito mais perto do não ser individual<sup>63</sup>, ao qual não foi afastado pela experiência da vida.” (Ferenczi, 1929/2011, p. 58).

Diante de tal cenário, segundo o autor, seria somente por meio de um “prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidado” (Ferenczi, 1929/2011, p. 58) por parte da família, que a criança poderia ser como que imunizada contra esta tendência regressiva. Tal afirmação, à luz da dualidade pulsional considerada pelo autor, aponta para que tais demonstrações de cuidado sejam vistas como capazes de promover a ação inibidora de Eros contra as ações da pulsão de morte.

Antes ainda de finalizar esta subseção, retoma-se a ideia de uma criança que é abandonada pelo objeto da qual necessita, para tentar-se propor uma reflexão. Ao que parece, nos termos aqui vistos, quando se considera tal cenário de abandono, diz-se de um ambiente que, por quaisquer razões que sejam, não está atento e disponível para atender as necessidades do infante conforme as necessidades deste. Logo, o que ocorreria seria a situação em que, devido a tal ausência o objeto, ou, nos termos de Ferenczi, na ausência de amor, ternura e cuidado, a pulsão de morte teria ocasião para expressar-se mais livremente na criança.

Vale ressaltar que Ferenczi (1929/2011, p. 59), ao final do texto aponta para a tarefa, ainda à ser resolvida, de identificar as sutis diferenças sintomatológicas apresentadas pelos pacientes que foram mal recebidas desde o começo, e aqueles a que se dispensou algum amor inicial, mas que depois foram “postas de lado”.

Destaca-se tal passagem pois acredita-se que ela aponta justamente para uma situação que neste trabalho, até aqui, caracterizou-se como traumática: o do desaparecimento de um objeto que se fez presente por algum tempo para a criança e depois lhe faltou. Além das considerações econômicas sobre tal situação, esboçadas na primeira seção do terceiro capítulo, apresentou-se aqui, com Ferenczi, uma leitura em outros termos que, acredita-se, pode complementar a compreensão da gravidade da situação de um abandono.

Na próxima seção, será considerada uma das possíveis consequências de tal ação da pulsão de morte no psiquismo infantil de uma criança abandonada de tal maneira, por meio do estudo do fenômeno denominado por Ferenczi (1931/2011) de autoclivagem narcísica.

---

<sup>63</sup> Vale lembrar, em *Thalassa*, Ferenczi (1924/2011) considera que a tendência regressiva, expressada pela pulsão de morte, teria como meta reencontrar o estado intrauterino. Logo, para um bebê recém-nascido, tal estado estaria, cronologicamente falando, muito próximo.

### 4.3 A autoclivagem-narcísica: a clivagem do Eu como forma de defesa patológica diante do trauma por abandono

Para investigar de maneira mais profunda o fenômeno da autoclivagem narcísica, será necessário, em dados momentos, retomar e sintetizar conhecimentos adquiridos anteriormente. Dentre estes, os relacionados ao trauma, a pulsão de morte e a pulsão de vida destacam-se. Isto porque, a clivagem psíquica, suposta como presente em um indivíduo que sofreu um trauma, estaria de alguma forma relacionada com a desfusão pulsional e os efeitos da pulsão de morte e de vida libertadas em tal processo.

Neste sentido, se na segunda seção deste capítulo viu-se algumas considerações de Ferenczi sobre os processos de regressão e desfusão pulsional em situações típicas de adaptação, agora, com o estudo da autoclivagem narcísica, será possível abordar tais processos em uma situação de abandono traumático.

Sem muitas delongas, é possível iniciar esta seção com uma síntese introdutória do que Ferenczi descreveu como um fenômeno de autoclivagem narcísica. Esta consistiria em uma forma de reação a um sofrimento muito grande, um trauma, por parte da criança ainda pequena, cujo Eu é ainda frágil e dispõe de poucos recursos para defender sua integridade:

Sobretudo, gostaria de sublinhar aqui a luz projetada por essa observação, e outras semelhantes, sobre a gênese da autoclivagem narcísica. Tudo se passa verdadeiramente como se, sob a pressão de um perigo iminente, um fragmento de nós mesmos se cindisse sob a forma de instância autoperceptiva que quer acudir em ajuda, e isso, talvez, desde os primeiros anos da infância. (Ferenczi, 1931/2011, p. 89).

O autor aborda, em *Análise de crianças com adultos*<sup>64</sup>, de 1931, de maneira mais específica, a situação em que o infante percebe-se abandonado por um objeto amado e do qual necessita como produtora de tal clivagem. Contudo, não só ocorreria uma clivagem psíquica no indivíduo, mas também se iniciaria o desenrolar de um cenário no qual uma das partes oriundas de tal processo assumiria o papel de um dos progenitores: “*Tem-se nitidamente a impressão de que o abandono acarreta uma clivagem da personalidade. Uma parte da sua própria pessoa começa a desempenhar o papel da mãe ou do pai com a outra parte, e assim torna o abandono nulo e sem efeito, por assim dizer.*” (Ferenczi, 1931/2011, p. 87, destaques em itálicos nosso).

---

<sup>64</sup> Daqui para frente, abreviado por *Análise*.

Alguns dos textos em que encontram-se passagens de Ferenczi com referência direta a autoclivagem narcísica são: o já citado *Análise* (1931/2011); e os fragmentos intitulados *O nascimento do intelecto* (1931/2002a), *Relaxamento e educação* (Ferenczi, 1931/2002b) e *Sobre a revisão de Interpretação dos Sonhos*<sup>65</sup> (1931/2002c). Em todos estes textos, o que o autor expõe é a formação de uma relação entre duas partes clivadas do psiquismo do indivíduo. Uma destas partes seria composta por inteligência sem afeto, e assumiria o papel de cuidadora em relação a outra parte, que se encontraria brutalmente ferida ou quase morta.

Algo semelhante apresenta-se na sequência do texto de *Análise*, com o relato do autor de algumas pequenas histórias, tipicamente contadas por seus pacientes. O tema central destas envolveria dois animais, com um destes ativamente atacando o outro, o qual, por sua vez, se defenderia apenas de maneira passiva, esquivando-se dos ataques. Segundo Ferenczi (1931/2011, p.88), tais histórias poderiam ser interpretadas em duas direções: “por um lado, exprime a resistência passiva que o paciente opõe às agressões do mundo externo e, por outro, representa a clivagem da pessoa numa parte sensível, brutalmente destruída, e uma outra que, de certo modo, sabe tudo mas nada sente.”

Pode-se destacar a oposição das características denotadas por Ferenczi para as duas partes surgidas da clivagem. A primeira, a parte ferida, sensível, na qual a dor e o sofrimento são incomensuráveis e dominantes, e a outra, na qual as sensações não se fariam sentir, onde somente uma qualidade de pensamento, de sabedoria se faria presente. Tem-se, assim, uma espécie de separação, onde todo o sofrimento parece ficar como que concentrado, armazenado ou localizado em uma das partes, enquanto a outra, vê-se livre de tais complicações e dedica-se a uma espécie de exercício intelectual livre de sentimento.

Nesta forma de leitura, na autoclivagem narcísica, a parte clivada que tudo sabe, mas nada sente, seria uma que adquiriu e assumiu capacidades perceptivas e cuidadoras. “Num dos meus casos, a inteligência da infeliz criança comportava-se, pois, nas fantasias que estavam sendo analisadas, como uma pessoa à parte, que tinha por tarefa levar rapidamente socorro a uma criança quase mortalmente ferida”. (Ferenczi, 1931/2011, p. 88).

É possível destacar dois elementos principais desta descrição fornecida por Ferenczi: um deles diz respeito propriamente a clivagem psíquica que ocorreria diante de um trauma – em específico, para nosso estudo, um trauma por abandono -, e, o outro, ao processo correspondente à transformação de uma parte da personalidade em um representante equivalente das figuras parentais idealizadas. Idealizadas, pois tais figuras, na realidade,

---

<sup>65</sup> Respectivamente, na versão consultada em inglês: “*The birth of intellect, Relaxation and education*” e “*On the revision of the Interpretation of Dreams*”, tradução nossa.

abandonaram a criança, não exercendo a função de cuidado assumida então por uma das partes clivadas. A discussão deste último elemento, que envolve processos de identificação e introjeção, reservaremos para o capítulo seguinte. Já ao fenômeno da clivagem, abre-se agora a possibilidade de estudá-la levando em consideração alguns dos elementos abordados anteriormente, em especial as noções de trauma e de pulsão de morte.

Contudo, antes de dar início a tal exposição, uma ressalva se faz necessária. Até onde esta pesquisa pode alcançar, a autoclivagem narcísica, ou, mais especificamente, a clivagem para Ferenczi, pode ser melhor ilustrada e explorada ao recorrer às considerações feitas por tal autor para o fenômeno da fragmentação. Acredita-se que desta forma será possível oferecer rico material para reflexão e para o avanço desta dissertação.

Pode-se questionar, com razão, qual seria o nível de semelhança e diferença entre a auto clivagem e fragmentação. De fato, uma resposta precisa, bem delimitada e devidamente pautada nas obras do autor poderiam fornecer um importante elemento para o esclarecimento de tais pontos. Contudo, tal tarefa não pode, aqui, ser realizada. Portanto, restringe-se o interesse desta seção, como aventado, a fornecer elementos que permitam algum esclarecimento sobre o processo de divisão do Eu que ocorreria em uma situação traumática.

Desta forma, então, pode-se começar apontando, em uma nota de Ferenczi (1930/2011d, p. 282), intitulada *Traumatismo e aspiração à cura*, datada de 21 de setembro de 1930, algumas reflexões acerca da fragmentação. A primeira delas consiste em dizer que “O efeito imediato de um traumatismo que não possa ser superado de imediato é a fragmentação”.

Logo em seguida, o autor questiona a si mesmo se a fragmentação seria uma mera resposta mecânica a tal trauma, ou se já seria uma forma de defesa ou adaptação a este. Ferenczi não responde a tal questão, mas talvez seja possível considerar que a fragmentação, enquanto reação a um excesso de tensão, possua a vantagem de permitir a sobrevivência do organismo. Algo assim talvez possa ser vislumbrado na lista apresentada pelo autor indicando algumas vantagens da ação de uma fragmentação para o organismo como um todo:

(a) por criar uma superfície mais estendida em direção ao mundo externo, isto é, pela possibilidade de um aumento da descarga de afeto; b) do ponto de vista fisiológico: o abandono da concentração, da percepção unificada, ao menos coloca um fim ao sofrimento simultâneo de dores múltiplas. Os fragmentos singulares sofrem por si mesmos; a unificação insuportável de todas as qualidades e quantidades dolorosas não ocorrem; c) a ausência de maior integração, a cessação da inter-relação dos fragmentos de dor permite aos

fragmentos únicos uma adaptabilidade muito maior<sup>66</sup>. (Ferenczi, 1930/2002, p. 230).

Vale dizer, o próprio Ferenczi aponta a necessidade de averiguar futuramente em livros de biologia a validade de tais asserções. De todo modo, à luz da proposta de uma bioanálise, apresentada em *Thalassa*, Ferenczi (1924/2011) parece recorrer às descrições de processos biológicos para com eles descrever, de maneira análoga, processos psíquicos. Desta forma, pode-se pensar que o mecanismo de fragmentação, permitiria ao psiquismo: aumentar a área em que uma descarga de tensão poderia ocorrer; uma interrupção no todo do sofrimento, fragmentando este em partes menores; a possibilidade, por meio de uma flexibilidade advinda da individualidade dos fragmentos, de uma maior adaptabilidade às demandas externas.

Estas considerações, como pode se observar, ponderam em termos econômicos e dinâmicos como o aparelho psíquico lidaria com um excesso de estímulo ao qual ações voltadas para a alteração do ambiente externo são impossíveis ou ineficientes, restando-lhe recorrer a alterar-se a si mesmo em resposta a tal situação. Contudo, a investigação de tal situação traumática e de como a fragmentação a ela se relaciona, pode ser aprofundada por meio da ideia de uma des fusão entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Neste momento, é possível recolocar o cenário de uma criança pequena que é abandonada, aproveitando dos conhecimentos adquiridos na subseção acima, onde estudou-se as considerações de Ferenczi (1928/2011; 1929/2011) sobre a criança mal acolhida e a pulsão de morte. Como visto, para o autor húngaro, é necessário que a criança pequena seja acolhida por sua família com uma grande oferta de amor, cuidado e carinho. Somente assim é possível que os efeitos regressivos da pulsão de morte, ainda fortes no bebê recém-nascido, sejam inibidos. Em conformidade com Freud (1920/2010), quem faria tal trabalho seria Eros, ligando-se à pulsão de morte, limitando e direcionando para seus intuitos a força desta última. Deste modo, para os intuitos desta seção, pensa-se a des fusão pulsional recorrendo-se a este quadro de abandono, no qual, com a ausência do ambiente para promover estímulos que aumentem a força de Eros, a pulsão de morte encontrar-se-ia livre para agir.

Não custa relembrar, para Ferenczi (1929/2011) resta aberta a tarefa de isolar de maneira clara as diferenças apresentadas por crianças que nunca foram bem recebidas por suas famílias

---

<sup>66</sup> Em inglês, na versão consultada: “(a) by creating a more extended surface towards the external world, i.e. by the possibility of an increased discharge of affects; (b) from the physiological angle: the giving up of concentration, of unified perception, at least puts an end to the simultaneous suffering of multiple pain. The single fragments suffer for themselves; the unbearable unification of all pain qualities and quantities does not take place; (c) the absence of higher integration, the cessation of the interrelation of pain fragments allows the single fragments a much greater adaptability.”

e aquelas que foram inicialmente bem acolhidas e depois abandonadas. Contudo, parece certo que em ambos os casos os efeitos relacionados pelo autor com a pulsão de morte poderiam ser encontrados, ainda que com sutis diferenças, e para o andar desta discussão, tal detalhamento não será estritamente necessário. Trabalha-se com a hipótese de uma criança que, ao ser abandonada, passaria por um processo de des fusão que resultaria em uma ação desinibida da pulsão de morte.

Feitas tais observações, aponta-se que a possibilidade de relacionar a fragmentação com tal ação desinibida da pulsão de morte aparenta ser um caminho de interessante reflexão. Contudo, nele recai-se novamente no uso da descrição de processos biológicos para que, por meio destes, seja possível se pensar de maneira análoga processos psíquicos. No caso em questão, trata-se de recorrer à caracterização feita por Freud (1923/2011) de uma das ações da pulsão de morte como um processo catabólico.

Tal processo catabólico, como visto, pode ser apontado como um fenômeno biológico por meio do qual organizações moleculares mais complexas são desconstruídas em moléculas mais simples, resultando de tal processo a produção de energia que pode ser imediatamente utilizada pelo organismo. De maneira análoga, este processo pode ser utilizado para pensar a ideia de um movimento regressivo expressado no aparelho psíquico pela pulsão de morte.

Freud (1920/2010) aventa em *Além* uma hipótese na qual os organismos, ao longo de seu desenvolvimento, teriam buscado pela divisão ou multiplicação celular, formar unidades cada vez mais complexas e ricas em ligações. Esta forma de organização teria como efeito um distanciamento do ponto de partida inorgânico, e, serviria, ainda, de defesa contra a tendência regressiva, expressa pela pulsão de morte, cujo objetivo seria justamente o retorno a tal ponto inicial.

Nesta direção, o processo catabólico, aplicado no âmbito psíquico, parece auxiliar a refletir sobre o próprio movimento de des fusão entre as pulsões de vida e de morte fundidas, já que este consistiria em um estado de maior complexidade do que aquele em que as pulsões se encontrariam desunidas. Igualmente, o catabolismo, se relacionando com o desenvolvimento do Eu, pode ajudar a compreender a fragmentação deste como um retorno para um estado mais simples e com menos complexidade de ligações.

Após estas reflexões mais diretas sobre a fragmentação, talvez seja possível dizer algo sobre a clivagem do Eu. Um termo cuja origem remete às ciências biológicas, e que aqui pode ser retomado para auxiliar em tal reflexão, é a autotomia (Ferenczi, 1924/2011; 1931/2011c). Como visto, tal termo diz da observação de que alguns animais, quando fortemente ameaçados

ou gravemente feridos em uma parte de seu copo, deixam tal parte desprender-se de si, como medida defensiva que auxilia na sobrevivência diante de um perigo externo.

Acredita-se que tal termo possa auxiliar a compreender por qual razão, em meio ao evento traumático, uma das partes clivadas torne-se aquela que condensa todo o dano, todo o ferimento. Seria possível que tal parte do Eu fosse abandonada em prol da sobrevivência do restante do indivíduo. Sobre tal questão, vale lembrar algumas vantagens da fragmentação isoladas por Ferenczi (1930/2011). Dentre elas, destaca-se a ideia da cessação da percepção geral da dor derivada do trauma, ao individualizar o sofrimento em um único fragmento, e, ainda, de que as conexões que causam tal percepção de sofrimento, ao serem cortadas, permitiriam à alguns fragmentos uma maior capacidade adaptativa. Indica-se, ainda, em relação a isto, uma passagem em que Ferenczi (1931/2002c, p. 241, tradução nossa) hipotetiza que a parte clivada que assumiria o papel cuidador, seria capaz de “estimar tanto a extensão do dano quanto a parte deste que o ego pode suportar, e admite à percepção apenas o quanto da forma e do conteúdo do trauma é tolerável . . . .”<sup>67</sup>

Diante de tais informações, parece que mais alguma luz recai sobre o processo de divisão do Eu, especialmente nas formas caracteristicamente apontadas por Ferenczi. Com uma das partes concentrando em si toda a dor e sofrimento, e com tal parte sendo isolada, cortada das relações totais do Eu, seria possível ao restante, ao que não foi brutalmente ferido, adaptar-se de maneira mais plástica às demandas do ambiente. Algo assim aponta para um possível uso que tendências adaptativas e progressivas poderiam fazer dos efeitos da ação livre da tendência regressiva no organismo.

Contudo, ressalta-se que tal situação de clivagem no Eu, que tem indicação de ser persistente ao longo do tempo, poderia ser aquilo que leva a criança vítima de uma vivência traumática, a adquirir o aparente caráter de adaptação mecânica e automática às imposições do ambiente. Ao que parece, a criança nesta situação poderia ficar fixada em uma forma de adaptação autoplástica, sem conseguir impor-se e modificar de maneira adequada o ambiente externo, resultando naquela caracterização de um autômato, feita por Ferenczi em *Confusão*.

Parece-nos importante enfatizar esta forma de leitura, pois, especificamente na segunda seção do capítulo seguinte, serão abordados os mecanismos psíquicos por meio do qual uma adaptação autoplástica ao meio poderia ocorrer. Trata-se da hipótese de que uma identificação e/ou introjeção com o meio externo estariam por trás de tal forma de adaptação, e, como será

---

<sup>67</sup> Em inglês, na versão consultada: “estimates both the extent of the damage and that part of it which the ego can bear, and admits to perception only as much of the form and content of the trauma as is bearable. . . .” (Ferenczi, 1931/2002c, p. 241).

igualmente abordado, seriam estes mesmos mecanismos que estariam por trás de uma progressão traumática.

Logo, ressaltamos novamente o objetivo deste trabalho, de explorar em termos da metapsicologia, o fenômeno da progressão traumática. Este método consiste em apontar e descrever os mecanismos psíquicos que aparentam estar em jogo em tal fenômeno, e espera-se, por meio disto, tentar um apresentar um quadro descritivo mais amplo sobre as motivações e processos em jogo.

De todo modo, antes de avançar para as discussões mais específicas sobre tais mecanismos no capítulo seguinte, expõe-se, ainda em tempo, algumas considerações de cunho econômico, sobre o papel da pulsão de morte na autoclivagem narcísica, levando em conta, também, a pulsão de vida.

Em tal sentido econômico, pode-se dizer que a pulsão de morte, após ter-se expressado, por exemplo, por meio da fragmentação psíquica, deixaria um caminho plenamente aberto para a atuação da pulsão de vida. Isto porque se, por meio da defusão pulsional, a pulsão de morte encontra espaço para atuar sem a influência de seu oposto complementar, algo no mesmo sentido também poderia ser pensado para a pulsão de vida. Com a pulsão de morte, em algum nível, saciada ou enfraquecida, ela poderia ter sua soma quantitativa reduzida, encontrando-se em uma situação em que estaria em menor, ou ao menos igual, carga econômica quanto a pulsão de vida. Caso algo assim ocorra, talvez fosse possível para Eros executar suas funções, dentre elas, a de fundir-se com a pulsão de morte, ligando-a, inibindo-a e mesmo direcionando a força desta para seus próprios intuitos.

Encontram-se passagens de Ferenczi que podem ilustrar a possibilidade de que a pulsão de vida aproveita-se, de algum modo, dos efeitos do trauma e da ação da pulsão de morte para iniciar um trabalho de reconstrução e adaptação à realidade assim que possível. Tal ideia pode ser observada, por exemplo, em *Desprazer*. Após abordar a possibilidade de uma autodestruição do indivíduo pelo retorno da pulsão de morte contra si mesmo, o autor apresenta justamente a hipótese de que tal destruição, em determinados casos, converta-se em potencial de desenvolvimento:

Entretanto, o mais surpreendente nessa autodestruição é o fato de que neste caso (na adaptação, o reconhecimento do mundo circundante, a formulação de um julgamento objetivo) a destruição converte-se verdadeiramente na ‘causa do devir’<sup>68</sup>. É tolerada uma destruição parcial do ego, mas somente com o

---

<sup>68</sup> A título de menção, o uso de Ferenczi do termo devir, nesta citação, é uma referência por parte do autor ao texto “*Destruction as the cause of coming into being*” [Destruição como causa do vir a ser], da autora Sabina Spielrein (1912/1994). Em tal trabalho, a autora aborda, dentre outras coisas, justamente a possibilidade de que a destruição

objetivo de construir, a partir do que restou, um ego capaz de resistência ainda maior . . . , ao passo que o Eros, liberto por ocasião do desintricamento pulsional, transforma a destruição num devir, num desenvolvimento contínuo das partes que permanecem incólumes<sup>69</sup>. (Ferenczi, 1926/2011, p. 441, entre parênteses no original).

Fica claro nesta citação que Ferenczi vê na pulsão de vida a força que entra em ação, convertendo a destruição, então em curso, em potencial de desenvolvimento. Justamente devido a desintrincação pulsional, Eros se vê liberto e pode exercer sua influência sobre os fragmentos sobreviventes ao trauma. Desta forma, as partes que se mantiveram íntegras do Eu podem experimentar um desenvolvimento contínuo em direção a uma maior resistência e adaptabilidade às intemperes do ambiente, ou, nos termos de *Thalassa*, catástrofes ambientais.

Apresenta-se, assim, em meio a discussão das ideias de clivagem e de fragmentação, uma concepção ferencziana que, aparentemente, diz muito do que pode estar em jogo na progressão traumática. Afinal, como apontado, esta diz sobre uma parte do Eu que progride, amadurece significativamente em meio a um trauma. Esta parte do Eu adquire as qualidades e comportamentos de um adulto, e adapta-se às demandas externas de maneira semelhante aos adultos, comportando-se como estes supostamente o fariam.

Como já aventado anteriormente, no final do terceiro capítulo e na abertura deste, para os fins de discussão deste trabalho, optou-se por considerar a autoclivagem narcísica, estudada nesta seção como um fenômeno de clivagem do Eu que resultaria em duas partes clivadas deste. Uma destas parte, a brutalmente ferida, seria uma que permaneceria fixada em um estado regressivo, já a outra parte, que adquire as qualidades apontadas por Ferenczi como de maturidade, passaria pelo processo de progressão. A esta última, por fim, podemos agora abordar de maneira mais específica.

No capítulo seguinte, portanto, por meio de uma discussão mais aprofundada sobre os fenômenos da identificação e/ou<sup>70</sup> introjeção será dado o momento de retomar ideias esboçadas no primeiro capítulo deste trabalho, que dizem respeito às relações objetais iniciais do

---

do próprio indivíduo possa lhe servir como motivação ou ao menos possibilite um novo avanço, uma nova forma de ser de tal indivíduo.

<sup>69</sup> Inclusive, retomando as considerações biológicas sobre o processo de catabolismo, e utilizando-as de maneira a tenta ilustrar processos psíquicos, viu-se que este, em meio ao processo de degradação de moléculas, produz energia. Tal energia, que acima mencionou-se ser empregada como movimento pelo organismo, pode, também, ser convertida em energia potencial. Esta forma de energia consiste em uma espécie de reserva energética que é utilizada, por exemplo, nos processos de anabolismo – relacionados, por Freud (1923/2011) à função de ligação da pulsão de vida – para efetivar a ação da união de moléculas simples em grupos moleculares mais complexos.

<sup>70</sup> Logo abaixo, na primeira seção do quinto capítulo, será justificado o uso de e/ou, adotado neste trabalho como indicação de uma certa dificuldade em definir claramente as diferenças e semelhanças conceituais entre identificação e introjeção.

indivíduo, e como estas o constituem. Após isto, será então possível discutir de maneira um pouco mais específica os processos que estariam em ação na situação traumática para que uma progressão pudesse ter lugar em uma das partes clivadas do Eu.

## CAPÍTULO 5

### UMA APROXIMAÇÃO METAPSICOLÓGICA AO FENÔMENO DA PROGRESSÃO TRAUMÁTICA

Este capítulo abordará de maneira mais específica os processos psíquicos que podem estar em jogo no fenômeno da progressão traumática. Como delimitou-se desde o capítulo três, tal fenômeno será pensando em um quadro de um abandono traumático no qual uma das consequências seria o da clivagem do Eu. A progressão traumática ocorreria então à uma das partes resultantes de tal clivagem e, como pretende-se aventar, tal progressão teria um caráter adaptativo e talvez até mesmo protetivo para o sujeito.

A ideia de que tal progressão teria possivelmente algum caráter adaptativo deriva dos estudos, apresentados ao longo deste trabalho, de que a criança pequena se adequaria, ainda que momentaneamente, às imposições da realidade com o apoio das imagens objetais que compõe este mesmo ambiente. Algo assim parece estar presente, seja na figura de um Eu que inibiria processos psíquicos primários, como pensado nos termos de *Projeto* (Freud, 1895/2003), seja na figura de Eros, que liberto pela defusão pulsional inicia já dos destroços de um evento traumático uma nova e mais evoluída adaptação (Ferenczi, 1926/2011).

Desta forma, será refletido sobre a possibilidade de que algo assim esteja por trás da ação da progressão traumática, especialmente ao considerar-se a importância das relações objetais para a criança muito pequena. Como forma de melhor embasar tal discussão, resta, ainda, retomar e aprofundar as discussões relativas à identificação e a introjeção, mecanismos psíquicos envolvidos tanto no desenvolvimento e expansão do Eu, quanto na forma de adaptação a determinadas demandas ambientais.

A primeira seção deste capítulo partirá, portanto, da discussão sobre a noção de identificação na obra freudiana e algumas leituras sobre este mecanismo que nos serão úteis. Apresentando-se um panorama geral de tal concepção, acredita-se que será possível fornecer uma base teórica geral para a reflexão sobre a constituição e adaptação do Eu em uma situação específica, a saber, a de adaptação e/ou introjeção de um objeto como adaptação a perda deste.

Como já se pode notar, esta possibilidade de uma identificação do Eu com um objeto perdido, abordada diretamente na segunda seção deste capítulo, resulta em um enriquecimento geral e maior adaptabilidade deste. Este mecanismo, por sua vez, terá papel fundamental para o encaminhamento final da discussão tratada nesta dissertação. Isto porque a cena traumática exemplar aqui considerada é a do abandono por parte de um objeto que é de grande importância

para a criança, sendo que diante de tal situação, uma identificação e/ou introjeção de determinados traços deste poderá ser pensada como adaptativa.

Na terceira e última seção, por meio de uma síntese dos estudos realizados, espera-se ao menos indicar um quadro relativamente claro dos processos psíquicos em ação especificamente no fenômeno da progressão traumática. Tal quadro, como já aventado, parece ser melhor indicado recorrendo-se a conceitos como o de pulsão de vida, identificação, introjeção e também as formas de adaptação do sujeito ao meio, especialmente no sentido como Ferenczi concebe a adaptação autoplástica de maneira progressiva.

### **5.1 O papel da identificação e/ou introjeção nas relações objetais e no desenvolvimento psíquico**

Nesta seção serão apresentados sumariamente alguns aspectos referentes à concepção dos fenômenos da identificação e da introjeção. Como será demonstrado, ao se considerar as obras de Freud e de Ferenczi, tais conceitos podem apresentar características que os tornam semelhantes em termos daquilo que pretendem explicar. Ambos, como será aventado, são considerados teoricamente ao se pensar a formação psíquica infantil, especialmente como esta se molda diante das relações objetais que o indivíduo estabelece e abandona.

Interessa, aqui, apresentar alguns apontamentos sobre tais ideias para que seja possível avançar com a discussão acerca da progressão traumática. Para os fins deste trabalho, não cabe realizar uma investigação aprofundada que busque delimitar com clareza ou determinar de forma rígida as equivalências e diferenças entre a identificação e a introjeção. No mesmo sentido, ultrapassa os limites desta dissertação demorar-se sobre as variações conceituais que a identificação pode receber na obra freudiana.

Esta última afirmação deriva da observação de que a identificação, em psicanálise, pode ser tema de extensiva pesquisa conceitual, e ainda mais, caso se pretenda relacioná-la, seja para assemelhar ou para diferenciar, com outros conceitos também utilizados em psicanálise. Apenas para situar o leitor em tal panorama, no *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (2001), pode-se encontrar, além do verbete dedicado ao conceito de identificação, ao menos mais três que se ligam diretamente a ele: identificação primária, incorporação e introjeção.

Diante disto, como dito, escapa de nossos limites abordar todos estes termos, apresentando suas definições e utilizações possíveis. Pretende-se demonstrar, de maneira geral,

a indicação de um cenário no qual torna-se possível pensar os processos de desenvolvimento psíquico infantil como pautados na relação com os outros, e como estes, de algum modo, formatam, moldam e enriquecem o mundo interno do bebê. É unicamente este o objetivo que busca-se cumprir com a exposição a seguir, deixando-se para aqueles que se propuserem a investigação das delimitações de tais termos, seus significados e eventuais diferenças e semelhanças.

Feitas tais ressalvas, optamos, neste trabalho, por manter o uso de e/ou em determinadas ocasiões para indicar esta dificuldade em delimitar o uso específico em cada ocasião dos termos identificação e introjeção.

Sendo assim, continuando esta discussão, destacamos dois pontos de maior importância para nosso estudo. O primeiro deles pretende apontar a predominância de mecanismos presentes no psiquismo infantil que atuam de modo a gerar uma espécie de formatação do mundo psíquico interno da criança em relação ao ambiente externo. Já o segundo ponto, corresponde a hipótese de que uma identificação pode ocorrer em situações na quais o indivíduo se vê obrigado a abandonar uma relação estabelecida com determinados objetos de amor. Este ponto, como será abordado, representa importante papel em considerações referentes à progressão traumática, e será refletido de maneira mais detalhada em seção própria, logo mais.

Feitas tais indicações, toma-se como ponto de partida para esta discussão, um trabalho de Freud, publicado em 1921, intitulado *Psicologia das massas e análise do Eu*<sup>71</sup>. Após uma série de reflexões, as quais não cabe aqui repetir, o autor chega a importante asserção de que “a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; . . .” (Freud, 1921/2011, p. 64-5). De tal afirmação, pode se considerar que a criança pequena inicia suas relações objetais com base em um mecanismo que a identifica, isto é, torna-a semelhante, aos objetos com os quais se relaciona. Tal ideia aparenta alguma semelhança com a descrição dada por Laplanche e Pontalis (2001, p. 226) para o termo identificação: “Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro.”

Talvez, como forma de tornar mais claro este ponto, seja válido retomar as ideias apontadas no primeiro capítulo desta dissertação, acerca do desenvolvimento psíquico infantil. Em tal capítulo, destacou-se em um primeiro momento a configuração de uma vivência de satisfação, na qual ocorreria, por meio de vias neuronais facilitadas, uma associação entre

---

<sup>71</sup> Daqui para a frente, abreviado por *Psicologia*.

imagens de necessidade, imagens de um objeto ou traços deste e a imagem de satisfação da necessidade (Freud, 1895/2003).

Alinhando-se esta ideia com a de um Eu-de-prazer purificado (Freud, 1915/2010; 1930/2010), e os mecanismos de projeção e introjeção, apontou-se para a possível existência de uma fase do desenvolvimento psíquico infantil em que aquilo que a criança mantém como traços de imagem de si mesma corresponde somente com aquilo que lhe é sentido como prazeroso. Tudo que é desprazeroso, segundo o julgamento desta, seria primeiro ignorado, e depois, rechaçado, formando assim um mundo externo unicamente permeado de imagens que suscitam desprazer.

Seguindo tal linha de pensamento, parece ser possível refletir que, para a criança pequena, em um primeiro momento, aquilo que constitui seu mundo psíquico interno, e também a si mesma, são traços das imagens objetais daqueles que dela cuidam. Isto porque, como já abordado, são estes os traços objetais responsáveis por promoverem a satisfação das necessidades da criança recém-nascida, e também, por existir ainda no infante a tendência de ignorar ou expulsar as imagens objetais associadas ao desprazer.

Um ponto válido a se ressaltar, consiste em levar em conta que, apesar da ausência de capacidade de discernimento por parte da criança em relação ao que seriam os objetos externos e ela própria, é preciso considerar presente, desde muito cedo, ao menos algum grau de diferenciação entre estes. Em outras palavras, alguma forma de relação propriamente objetual parece estar suposta mesmo nas relações mais primitivas, o que permite pensar em uma concomitância de formas de ligação no início da vida. Isto quer dizer que existiriam nas ligações da criança com o ambiente uma ligação de caráter mais identificatório e também uma que recairia mais nas configurações de uma relação propriamente objetual. Tal ideia aparece da seguinte forma, em *Eu e o Id* (Freud, 1923/2011, p. 35) “Bem no início, na primitiva fase oral do indivíduo, investimento objetual e identificação provavelmente não se distinguem um do outro.”

Sem aprofundar as questões referentes às fases do desenvolvimento psicosssexual, feitas por Freud (1905/2016), em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, para melhor compreender a passagem acima, a ideia de um investimento objetual em tal fase oral primitiva pode ser relacionada com a ideia de incorporação de um objeto. Tal ato, segundo a leitura de Laplanche e Pontalis (2001, p.239), teria três significações: “obter um prazer fazendo penetrar um objeto em si; destruir esse objeto; assimilar as qualidades desse objeto conservando-o dentro de si.”

Vale relembrar, diante de tal passagem, que conforme exposto no segundo capítulo deste trabalho, desde *Projeto*, Freud (1895/2003) aventa a possibilidade de que para a criança pequena, um mesmo objeto real seja o primeiro objeto de amor, o primeiro objeto de ódio e o único auxiliar. As três significações apontadas pelos autores franceses na citação acima, talvez se alinhem com esta compreensão. Por meio de uma única ação – o engolir - a criança buscaria em um mesmo objeto a satisfação de uma necessidade, a destruição do objeto odiado e também a assimilação de qualidades deste<sup>72</sup>.

Considerações adicionais sobre o fenômeno da identificação, conforme a leitura de Freud, poderão ser encontradas na seção seguinte, dedicada a investigação da identificação ocorrida em meio ao abandono de um objeto. Contudo, antes de dar início a tal exploração, uma breve retomada de algumas observações de Ferenczi sobre o fenômeno da introjeção podem também enriquecer as discussões desta seção.

Como já abordado, Ferenczi (1909/2011) pensa a introjeção como um mecanismo cujo resultado seria o da expansão do Eu. A extensão, em direção ao mundo externo, dos interesses do Eu, permitiria o enriquecimento e crescimento deste. O autor é ainda enfático, ao dizer que todo o amor desenvolvido por algum objeto, passaria por tal mecanismo, resultando mesmo na introjeção de tal objeto ao Eu:

É essa união entre os objetos amados e nós mesmos, essa fusão desses objetos com o nosso *ego*, que designamos por introjeção e – repito-o – acho que o mecanismo dinâmico de todo amor objetual e de toda transferência para um objeto é uma extensão do *ego*, uma introjeção. (Ferenczi, 1912/2011, p. 211).

Destaca-se, com referência a tal citação, a importância de tal mecanismo no processo de expansão e crescimento do Eu, algo que parece ter certa coerência com o movimento de expansão do Eu pensado já em *Projeto* (Freud, 1895/2003). Em ambos textos, o aumento do alcance, do tamanho e da força do Eu tem como base as relações prazerosas estabelecidas com os objetos e, mais especificamente, o investimento e uso dos traços de imagem destes objetos para auxiliar em tal movimento de expansão.

Inclusive, vale ressaltar, nota-se tanto em *Projeto* quanto em Ferenczi (1913/2011) que tal movimento de expansão do Eu tem como resultado uma maior adequação a realidade por parte do indivíduo. Neste sentido, Ferenczi (1909/2011) apresentou, em *Transferência e*

---

<sup>72</sup> Ainda outra passagem de *O Eu e o Id* pode ser arrolada para ilustrar a possibilidade da concomitância entre investimentos objetuais e identificação. “Também devemos considerar o investimento objetual e a identificação simultâneos, ou seja, uma alteração do caráter anterior ao abandono do objeto”, diz Freud (1923/2011, p. 37).

*introjeção*, algumas reflexões sobre o que se passaria com a criança pequena, para que esta fosse levada a obedecer às demandas externas que seriam em sua maioria, desprazerosas.

Como já visto, não seria tarefa fácil para a criança aceitar demandas que lhe são desprazerosas. Desta forma, levando em conta ideias expostas em *Desprazer* (Ferenczi, 1926/2011), observa-se que diante de um desprazer, supõe-se que algumas situações poderiam ocorrer em prol da aceitação do desprazer. Ferenczi aponta duas destas possíveis situações: uma na qual um desprazer maior do que aquele que já se impõe deveria ser previsto pela criança, caso não obedecesse; ou alguma compensação, em termos de prazer, que seria obtida por meio da aceitação do desprazer. Para o caso em estudo, a segunda opção pode ser tomada em consideração, pois o autor irá apontar que para a criança pequena, a situação de desprazer diante de tais demandas, seria alterada por meio do amor objetal e da introjeção das figuras paternas:

Mas o aparecimento do amor objetal modifica a situação por completo. Os objetos de amor são introjetados: são mentalmente integrados ao ego. A criança ama seus pais, ou seja, identifica-se com eles, sobretudo com o do mesmo sexo – o rapaz com o pai, a menina com a mãe –, vendo-se assim em todas as situações em que se encontra aquele dos pais que tiver sido objeto de identificação. Nessas condições, a obediência deixa de ser um desprazer; . . . (Ferenczi, 1909/2011, p. 114-5).

A adaptação à realidade, vista sob tal prisma, requer algum amor objetal, e, de certo modo, a introjeção das figuras parentais – tomadas como exemplo geral - para ser efetivada. Tal adaptação, ao que parece, tem para Ferenczi este marcante caráter de aceitação de algo que é desprazeroso para o indivíduo. Isto, anota-se ainda, pode ser pensado, com base no autor, em termos da dualidade pulsional de vida e de morte, dentro de um contexto de desenvolvimento normal. Em *Desprazer*, observa-se que uma aceitação da realidade desprazerosa, é impensável sem a ação de Eros, “portanto, de amor, o que é inconcebível sem introjeção, ou seja, sem identificação.” (Ferenczi, 1926/2011, p. 438-9).

Tal ideia se alinha com o exposto anteriormente, em que seria por meio da introjeção das figuras parentais que a criança pequena poderia então obedecer à determinadas regras que lhe geram desprazer. Isto, contudo, e conforme já exposto anteriormente, poderia ser visto como uma adaptação temporária, que guardaria em si um desejo de que ocorresse uma restituição ao estágio anterior (Ferenczi, 1924/2011; 1926/2011).

Este cenário pode ser pensando ainda tomando-se como ilustração uma criança que encontrar-se-ia em um estado fusional relativamente equilibrado entre pulsão de vida e pulsão de morte. Assim, algo como um objeto desprazeroso ou alguma imposição de ordem externa,

se imporia a esta, promovendo uma defusão pulsional (Ferenczi, 1924/2011). Conforme apresentado no capítulo anterior, esta defusão daria ensejo para que a corrente, aqui pensada como agressiva, da pulsão de morte, se expressasse de maneira livre e fosse satisfeita. Após isto, o outro componente, a pulsão de vida, buscaria também satisfação. “O aparecimento desse obstáculo acarretou em desintricamento de suas pulsões sobre o crescendo do componente agressivo e destrutivo; após a satisfação obtida pela vingança [contra o objeto incômodo], o outro componente pulsional, o amor, também buscaria satisfação. (Ferenczi, 1926/2011, p. 436, acréscimos entre colchetes nosso).

Esta passagem é exposta no texto para indicar algo como uma forma de adaptação que ocorreria normalmente no processo do desenvolvimento psíquico. Parece que, partindo de um estado de relativo equilíbrio tensional, uma determinada imposição da realidade quebraria tal equilíbrio, dando ensejo para que as duas pulsões expressassem suas tendências de maneira mais independente. Disto, resultaria de um lado a expressão disruptiva da pulsão de morte, da qual possíveis consequências seriam a entrada em ação de um movimento regressivo e ocorrência de uma autoclivagem narcísica, como visto no capítulo anterior. Já do lado da pulsão de vida, ocorreria a busca por ligações e unificações, voltadas para uma adaptação às demandas do ambiente, retomando assim uma tendência progressiva de adaptação às novas condições.

Nos termos vistos, parece que na concepção de Ferenczi seria por meio da introjeção – leia-se, expansão do Eu – das figuras de amor da primeira infância – os pais – que poderia ser pensada uma aceitação e adequação à realidade. Como pretende-se demonstrar na seção a seguir, na situação de perda de um objeto amado, também um movimento de introjeção poderia ocorrer, auxiliando o Eu em sua tarefa de adequação à realidade, ampliando os domínios de tal instância sobre processos psíquicos automáticos.

## **5.2 A identificação e/ou introjeção de um objeto como consequência de sua perda**

Aqui, será abordado o segundo tópico inicialmente destacado, aquele que fala da possibilidade de que uma identificação possa estar em curso durante o processo de abandono dos investimentos em um objeto amado. Recorrendo novamente ao texto de *Psicologia*, pode-se tomar, como ponto de partida, algumas considerações de Freud (1921/2011) sobre a gênese da homossexualidade masculina. O autor aponta, no âmbito do Complexo de Édipo, a presença de uma fixação prolongada do menino em sua mãe, que, em determinado momento, quando tal

figura deveria ser abandonada enquanto objeto de desejo, é, no entanto, alvo de uma identificação. Esta identificação teria como resultado uma transformação importante na personalidade do jovem, conferindo a este, características referentes ao objeto, no caso, a mãe.

Segundo o autor, o jovem assumiria então características maternas, e procuraria por objetos que possam substituí-lo - enquanto aquele que recebia atenção e cuidados de uma mãe – para devotar seu amor e carinho. Segundo o autor “A identificação com o objeto renunciado ou perdido, como substituição para o mesmo, a introjeção desse objeto no Eu, isto já não constitui de fato uma novidade para nós”. (Freud, 1921/2011, p. 66).

Talvez tal mecanismo não seja uma novidade, como afirma Freud, pois o autor já havia se deparado com algo semelhante no quadro clínico da melancolia. Não cabe neste trabalho discutir a fundo os entremeios deste fenômeno. Pretende-se, apenas de maneira geral, sublinhar que em *Luto e melancolia*, publicado em 1917, Freud, além de apontar algumas diferenças entre os dois quadros psíquicos que intitulam tal texto, destaca, no último, um processo em que o Eu, diante da necessidade de abandonar um objeto amado, identifica-se com ele:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma *real ofensa ou decepção* vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. . . . O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado. (Freud, 1917/2010, p. 180-1, itálicos no original).

Ao longo dos anos, culminando, especialmente, em algumas observações apresentadas na década de 1920, Freud parece ter percebido que a identificação com um objeto abandonado não era um fenômeno necessariamente relacionado a quadros patológicos. Ao que indica a citação a seguir, tal processo identificatório estaria comumente presente no desenvolvimento psíquico humano:

Foi-nos dado esclarecer o doloroso infortúnio da melancolia, através da suposição de que um objeto perdido é novamente estabelecido no Eu, ou seja, um investimento objetal é substituído por uma identificação. Mas ainda não reconhecíamos, então, todo o significado deste processo, e não sabíamos como ele é típico e frequente. Desde então compreendemos que tal substituição participa enormemente na configuração do Eu e contribui de modo essencial para formar o que se denomina seu *caráter*. (Freud, 1923/2011, p. 35, itálicos no original).

É interessante destacar esta compreensão freudiana na qual a identificação com um objeto abandonado não é um processo presente exclusivamente na melancolia, pois, como pretende-se demonstrar, seria um processo psíquico ao menos semelhante a este que estaria em ação na progressão traumática, sem que, contudo, esta recaísse em um quadro clínico como o da melancolia. O mecanismo psíquico propriamente dito, em ação em ambos os processos, não levaria, necessariamente, a um desfecho patológico, sendo que a determinação para tal ponto, teria que ser considerada levando-se em conta ainda outros aspectos.

De todo modo, pode ser indicado outra passagem de Freud que aponta para a recorrência e o caráter comum de tal mecanismo de identificação do Eu com um objeto perdido. Supõe-se mesmo que o caráter do Eu seria formado pela história das relações objetais estabelecidas e abandonadas por este, revelando o caráter recorrente de tal processo no desenvolvimento desta instância:

De todo modo, o processo é muito frequente, sobretudo nas primeiras fases do desenvolvimento, e pode possibilitar a concepção de que o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto. (Freud, 1923/2011, p. 36).

Dando continuidade à discussão, um acréscimo importante, relacionado a esta identificação do Eu com um objeto perdido, pode ser feito. Ele diz respeito a possibilidade de que seria por meio de tal processo que o Eu conseguiria aumentar sua influência sobre outra instância psíquica, o Id.

Apresentado de maneira direta na obra *O Eu e o Id*, o Id pode ser descrito, de forma resumida e restrita àquilo que interessa para esta dissertação, como uma instância psíquica que serviria como reservatório da energia psíquica pulsional do indivíduo. Desta forma, seria, ainda, uma instância na qual predominariam em seu funcionamento os processos primários, no qual a energia encontrar-se-ia em estado livre, não influenciada pelos intuítos do Eu, voltado por sua vez à realidade.

Dentro do contexto apresentado por Freud (1923/2011), o Eu é pensado como derivado a partir do Id, que seria cronologicamente mais velho. Neste sentido, o Eu surgiria como uma instância diferenciada a partir de uma parte do Id que inicialmente possuiria um contato mais próximo com a realidade externa. Caberia então a esta instância secundária as tarefas de atentar-se e adequar-se às demandas da realidade. Este aspecto interessa de maneira especial, pois, ainda que dito de maneira introdutória, permite pensar as relações dinâmicas entre o Eu e o Id

em termos que já nos são familiares: o Eu como aquele que deve regular uma energia em estado livre, de acordo com as limitações impostas desde fora.

Freud, em *O Eu e o Id*, aponta a identificação do Eu com um objeto abandonado como um dos meios pelos quais o Eu, neste contexto, poderia exercer sua influência sobre a energia livre advinda do Id:

Segundo outro modo de ver, essa transformação de uma escolha erótica de objeto numa alteração do Eu é também uma via pela qual o Eu pode controlar o Id e aprofundar suas relações com ele, . . . Se o Eu assume os traços do objeto, como que se oferece ele próprio ao Id como objeto de amor, procura compensá-lo de sua perda, dizendo: ‘Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto.’” (Freud, 1923/2011, p. 37).

A partir desta citação é possível discutir de maneira um pouco mais aprofundada sobre como ocorreria este processo de dominação do Id por parte do Eu. Em um primeiro momento, com base em *Projeto* (Freud, 1895/2003), pode-se pensar justamente na tarefa do Eu de promover a ligação de uma energia que esteja em estado livre. Dentro do cenário do desaparecimento de um objeto associado à obtenção de prazer, algo assim teria que ocorrer, para que não se caísse em uma situação de uma satisfação alucinatória do desejo, como apresentada no primeiro capítulo deste trabalho.

Esta forma de satisfação alucinatória, não custa lembrar, ocorre de maneira automática, sem a consideração real da presença ou ausência do objeto, algo que, invariavelmente, resulta em desprazer para o indivíduo. Cabe ao Eu então realizar a regulação deste processo, pautando-se pela observação da realidade externa. Mas, agora, nos interessa questionar: o que ocorreria caso esta averiguação da realidade apontasse para um desaparecimento real e permanente do objeto?

Diante de tal cenário, é possível considerar que o Eu, além da já mencionada ligação da energia livre, precisaria promover, de alguma forma, a mudança de objeto ao qual o investimento se estabeleceu. Já se obteve indicação de que uma das formas pelas quais o Eu poderia realizar esta mudança seria por meio de uma retração da energia investida no objeto, agora abandonado, e, depois, no redirecionamento deste investimento para si mesmo. Este redirecionamento do investimento, por sua vez, seria possível, conforme citação acima de Freud (1923/2011), por meio de uma identificação do Eu com os traços de interesse do objeto abandonado, o que possibilitaria a tal instância oferecer a si mesmo como objeto de investimento para o Id.

Contudo, como forma de acréscimo a tais ideias, é possível apresentar e recorrer aos conceitos de libido, libido objetual e libido do Eu. Estes conceitos, acredita-se, podem tornar mais claro algumas nuances dos processos em jogo em meio à identificação do Eu com um objeto perdido e sobre a mudança de direção da energia retirada do objeto.

De partida, aponta-se que o conceito de libido é de grande importância na obra de Freud, tendo passado por diversas mudanças e evoluções em sua descrição ao longo dos anos, sem, contudo, ter obtido uma definição uniforme (Laplanche & Pontalis, 2001). De toda a riqueza da discussão que a ideia de libido possibilita, cabe aqui destacar duas leituras específicas, importantes para o prosseguimento da discussão deste trabalho.

A primeira, diz respeito à possibilidade de encontrar no conceito de libido algo do âmbito quantitativo, que teria a ver com as vicissitudes econômicas e dinâmicas de uma energia relacionada com o amor. Algo assim pode ser visto em uma das possíveis definições para libido, dadas por Freud (1921/2011, p. 43): “Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa – embora atualmente não mensurável – desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra ‘amor’”. Neste sentido, para Freud, a libido poderia ser considerada como em relação a sexualidade.

A libido, de fato, teria, via de regra e por definição, um caráter sexual, no sentido do erotismo presente desde a infância (Freud, 1905/2016) que, aqui, pode ser compreendida como a energia mediante a qual ocorre uma ligação amorosa entre o sujeito e um objeto. Contudo, é possível destacar a possibilidade, aventada por Freud (1914/2010), em *Introdução ao narcisismo*, de que o próprio Eu seja tomado como objeto de amor. Algo assim interessa-nos, porque talvez possa lançar alguma luz a um certo movimento conceitual referente ao conceito da libido. Movimento este, que de maneira resumida, consiste em pensar que a libido, mesmo possuindo um caráter estritamente sexual, pode passar por um processo de dessexualização. Deste processo, resultaria ainda a possibilidade de uma distinção entre libido objetual e libido do Eu.

Tais formas de indicação da libido dizem respeito, em primeiro lugar, a uma distinção no modo de investimento ao qual a libido encontra-se sujeita. Além disto, existiria uma espécie de balança econômica entre estas formas de investimento, no sentido de que com o aumento de uma, ocorreria o decréscimo da outra. Esta ideia aparece na definição dada por Laplanche e Pontalis para libido do Eu e libido objetual, que seriam:

Expressões introduzidas por Freud para distinguir dois modos de investimento da libido: esta pode tomar como objeto a própria pessoa (libido do ego ou

narcísica), ou um objeto exterior (libido objetal). Existe, segundo Freud, um equilíbrio energético entre esses dois modos de investimento: a libido objetal diminui quando aumenta a libido do ego, e vice-versa. (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 267-8, entre parênteses no original).

Como apontado acima, a partir de *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) vê o Id como o reservatório da energia psíquica – agora podemos dizer -, da libido. De início, tal energia segue para as imagens dos objetos de maneira automática, por caminhos facilitados, de maneira como aquela descrita no primeiro capítulo deste trabalho, com base no *Projeto* (1895/2003). Desta forma, neste momento inicial a libido fluiria a partir do Id, investindo os objetos, configurando-se assim como uma libido objetal.

Seria apenas com o passar do tempo e com o concomitante fortalecimento do Eu, por meio de identificações e/ou introjeções, que esta instância tornar-se-ia capaz de inibir e interferir nestes investimentos objetais que partem do Id. Possuindo os traços de interesse dos objetos, o Eu oferece a si mesmo como objeto de investimento para a libido, que ao ser dirigida para ele, passa a configurar-se como uma libido do Eu, conforme apontado acima. Seria por este caminho que o Eu se enriqueceria em termos energéticos, conseqüentemente aumentando seu potencial de ligação e inibição de energia em processo primário, afluyente do Id.

Em meio a este redirecionamento da libido, promovido por um Eu fortificado por traços de imagem de um objeto abandonado, ocorreria a dessexualização da libido, mencionada acima. Diz-se que uma dessexualização aí ocorreria pois parte-se do princípio de que a libido, como apontado, seria de caráter sexual, assim como permaneceria o caráter da satisfação por ela encontrada idealmente nos objetos. Logo, quando o Eu promove este recolhimento e redirecionamento da libido, os objetivos visados em termos de satisfação erótica direta desta última precisam ser abandonados ou ao menos postergados, e substituídos por satisfações narcísicas. Por essa razão, diz-se que ocorreria uma dessexualização da libido:

Lembramos do outro caso, em que o Eu lida com os primeiros investimentos objetais do Id, e sem dúvida também com os posteriores, acolhendo em si a libido deles e ligando-a à mudança do Eu produzida pela identificação. A essa transformação em libido do Eu vincula-se naturalmente um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização. (Freud, 1923/2011, p. 57).

Conforme esta citação de Freud, a identificação do Eu com um objeto perdido seria então uma forma pela qual a libido objetal poderia ser dessexualizada e transformada em libido do Eu. Pode pensar-se, então, que a libido investida no Eu – ou simplesmente uma libido do Eu - é uma libido dessexualizada, no sentido de que teria sofrido modificações em sua meta. Para

os intuitos desta seção e das discussões a seguir, na terceira seção deste capítulo, interessa considerar a possibilidade de que a libido do Eu estaria, por sua vez, relacionada com os intuitos de Eros, “na medida em que contribui para a unidade – ou esforço por unidade – que caracteriza o Eu.” (Freud, 1923/2011, p.57).

Por meio da descrição de um cenário típico – não traumático - de adaptação, no qual uma criança pequena precisa lidar com a perda de um objeto, talvez seja possível desenvolver uma maior reflexão sobre o papel desempenhado por Eros no enriquecimento do Eu. Igualmente, acredita-se que por meio de tal descrição será possível compreender um pouco melhor como Ferenczi caracteriza processos adaptativos típicos, na medida em que estes implicam uma identificação e/ou introjeção de determinados traços do ambiente pela criança. O cenário elegido como exemplo aqui é o do desmame, pelo qual toda criança passa e o qual, como indicado por Ferenczi (1928/2011), não resultaria necessariamente em consequências patológicas desde que ocorresse em conjunto à uma adaptação por parte da família às idiossincrasias da criança.

Considera-se então uma criança pequena, que se encontra em um estado de relativo equilíbrio pulsional entre pulsão de vida e pulsão de morte. Como apontado por Ferenczi (1924/2011; 1929/2011), a ausência de um objeto amado e desejado poderia acarretar em um certo grau de defusão pulsional no aparelho psíquico infantil. De maneira semelhante, mas agora conforme Freud (1923/2011), é possível considerar que em tal situação a defusão pulsional ocorreria também devido à ação do Eu. Como visto, é possível considerar que esta instância tentaria realizar a retirada da libido investida no objeto agora perdido, na mesma medida em que redirecionaria o investimento para si mesmo, após identificar-se e/ou introjetar os traços desejados do objeto.

Desta forma, pode pensar-se que a defusão pulsional poderia ocorrer por pelo menos dois caminhos distintos na situação de um objeto amado que se torna ausente. Foi abordado no capítulo anterior, em especial na terceira seção, algumas das consequências desta defusão pulsional, mais especificamente, sobre as ações independentes da pulsão de morte em tal cenário. Esta pulsão poderia se expressar – no caso aqui considerado de maneira não traumática – por meio de processos regressivos que levariam, por exemplo, à uma adaptação autoplástica por parte do indivíduo<sup>73</sup>. A fragmentação psíquica, pensada também como expressão da pulsão

---

<sup>73</sup> Também o jogo do *fort/da* (Freud, 1920/2010), apresentado no terceiro capítulo deste trabalho, pode ser apontado como um modelo de situação não traumática de ausência de um objeto na qual uma tentativa de ligação de energia ocorreria.

de morte, seria um mecanismo regressivo cujos resultados auxiliariam, por sua vez, dentre outras coisas, no processo adaptativo, por meio de uma maior plasticidade das partes incólumes.

Conforme aventado, nesta situação parece ser possível supor que ocorreria um gasto ou enfraquecimento da pulsão da morte, após esta expressar-se por meio dos processos citados logo acima. Devido a isto, a pulsão de vida, por sua vez, estaria em situação avantajada para tentar ligar-se com a pulsão de morte, inibindo e redirecionando às ações desta. Neste ponto de nossa descrição, pode acrescentar-se a identificação e/ou introjeção do objeto ausente como um mecanismo psíquico que auxiliaria nesta tarefa de amansamento da pulsão de morte.

Nesta direção de reflexão, na qual a identificação e/ou introjeção com um objeto perdido auxiliaria no processo de amansamento da pulsão de morte, retoma-se a comparação, aventada no quarto capítulo, entre o processo de ligação e inibição promovido pela pulsão de vida para com a pulsão de morte, e o processo de ligação e inibição promovido pelo Eu para com a energia livre. Em consonância com tal ideia, é possível lembrar ainda a passagem acima, de Freud (1923/2011), na qual o autor aponta para a possibilidade de que Eros auxiliaria no esforço de unidade que caracteriza o Eu.

Talvez torne-se um tanto quanto complicado expor uma linha cronológica clara dos eventos aqui considerados<sup>74</sup>, mas para os fins didáticos pretendidos neste trabalho, parece ser possível pensar o seguinte: o Eu, após julgar a favor da necessidade de retirar o investimento do objeto – já que este é agora considerado perdido -, e após a pulsão de morte ter se enfraquecido, encontra por meio da identificação e/ou introjeção de traços de imagens de tal objeto, algo com o qual fortalecer-se e promover o direcionamento para si do investimento retraído. Por meio de todo este processo, ocorreria do Eu enriquecer-se e expandir-se, tornando-se ainda mais capaz de promover novos processos de inibição, conforme as demandas da realidade.

Não custa enfatizar, a regressão à estados anteriores de desenvolvimento e de adaptação do organismo, pensada enquanto expressão da pulsão de morte, possui importante papel neste processo adaptativo. Por meio de um modo de adaptação autoplástico o indivíduo seria capaz de adaptar-se as perturbações do mundo externo, alterando a sua própria estrutura em conformidade com as demandas da realidade. Parece que algo assim é o que pode ser observado

---

<sup>74</sup> Por exemplo, saber em que momento exatamente a pulsão de vida entraria em ação em auxílio dos intuitos do Eu, se isto ocorreria já em um primeiro anúncio de desfusão pulsional, mediante a ausência de um objeto, se seria em um segundo momento, após a retração e dessexualização da libido, também resultante em desfusão, ou ainda, somente em um terceiro momento, após o rebaixamento do nível da pulsão de morte expressa em processos regressivos. Em nossa discussão nesta seção, optamos por dedicar maiores esforços na tentativa de refletir sobre os processos em jogo na situação considerada, que, por não ser traumática, resultaria por fim em uma adaptação por parte do indivíduo em um patamar mais elevado e rico de organização psíquica.

na seguinte citação de Ferenczi, em *Thalassa*, em que o autor reflete sobre como uma adaptação ocorreria:

Adaptação pode consistir no desmame de objetos que promovem gratificação ou no acostumar-se com novos objetos; isto é, na transformação de um (de início sempre desprazeroso) distúrbio em uma gratificação. Isto ocorre por meio da identificação com o estímulo que está dando origem ao distúrbio, e sua introjeção; portanto de um distúrbio externo é criado como se fosse uma parte do ego (um instinto), e assim o mundo de dentro (microcosmos) se torna a imagem refletida do mundo externo e suas catástrofes. (Ferenczi, 1924/1968, p. 93, n.1, entre parênteses no original)<sup>75</sup>.

É interessante observar, ainda nesta citação de Ferenczi, a reflexão do autor sobre o problema da afirmação do desprazer em correlação com a necessidade de adaptação às situações comuns. Como abordado diversas vezes ao longo deste trabalho, constitui-se em uma tarefa desprazerosa para a criança adaptar-se às demandas da realidade, mesmo aquelas impostas pelos seus pais e que dizem respeito, por exemplo, ao asseio e a conduta social. Ao que parece, à luz desta citação, para Ferenczi tal adaptação poderia ocorrer mediante uma identificação e/ou introjeção do objeto – ou traços da imagem deste – que permitiriam transformar aquela tarefa desprazerosa em algo gratificante.

No caso considerado nesta seção, talvez seja possível dizer que torna-se suportável para a criança encontrar-se, ainda que momentaneamente, sem o objeto amado – o seio -, desde que ela tenha identificado-se e/ou introjetado determinados traços desejados de tal objeto. Uma aproximação mais metapsicológica de tal fenômeno poderia indicar, como intentou-se realizar acima, que tal processo fortaleceria e enriqueceria o Eu, tornando possível a este uma maior influência sobre os processos automáticos em curso no psiquismo, tornando ainda suportável o postergar de determinadas satisfações até que a realidade se mostrasse favorável a tal intento.

Ressalta-se, por fim, que a exposição de todo este processo adaptativo talvez consista em uma descrição mais prolongada de uma adaptação autoplástica progressiva, em complementariedade com uma autoplastia que seria também regressiva, conforme permite pensar Ferenczi (1924/2011). Aponta-se esta possibilidade pois, conforme indicado, por meio de uma adaptação autoplástica inicialmente regressiva, ocorreria uma alteração na estrutura do

---

<sup>75</sup> Em inglês, na versão consultada: “Adaptation may consist in the weaning from objects which provide gratification or in the accustoming to new objects; that is, in the transformation of an (at first Always unpleasurable) disturbance into a gratification. This takes place through identification with the stimulus giving rise to the disturbance, and its introjection; thus from a external disturbance is created as it were a part of the ego (an instinct), and thus the world of the within (microcosmos) becomes the reflected image of the external world and its catastrophes.”

próprio sujeito, no caso aqui estudado, na estrutura do Eu, por meio, por exemplo, de um mecanismo de fragmentação, que auxiliaria na adaptação à uma perturbação externa. De maneira específica, o Eu alterou a si mesmo por meio de uma identificação e/ou introjeção de determinados traços do objeto cuja ausência resultou em desprazer.

Ainda, como resultado desta adaptação por parte do Eu, tornou-se possível para este realizar algum avanço em sentido geral de observância e adequação às demandas da realidade. Afinal, por meio da alteração em sua própria forma, o Eu conseguiu aumentar sua influência sobre a energia em estado livre que emana a partir do Id, assim como sobre esta última instância também. Logo, parece adequado dizer que, na situação não traumática aqui considerada, uma forma de adaptação autoplástica, expressa por uma alteração do Eu promovida por uma identificação e/ou introjeção de determinados traços de um objeto, possibilitou um progresso geral no sentido da realidade.

No mesmo sentido, parece ser possível refletir sobre a ação de Eros em meio a tal processo, inibido a ação regressiva da pulsão de morte a partir de determinado momento, e convertendo esta para a realização dos objetivos da primeira. Destes objetivos, destaca-se aqui o trabalho de reconstrução e adaptação em um nível mais elevado de complexidade, obtido com apoio de determinados traços de imagens de objetos identificados e/ou introjetados.

Resta, após estas considerações, refletir sobre como estes processos envolvidos na identificação e/ou introjeção por parte do Eu de um objeto perdido aplicam-se em uma situação traumática de abandono, na qual, de todo modo, algum nível de adaptação pode ser pensado. Na seção seguinte, terceira deste capítulo, última deste trabalho, pretende-se realizar tal reflexão, por meio de uma síntese dos conhecimentos até aqui adquiridos, buscando ainda expor o quadro mais claro possível dos processos envolvidos no fenômeno da progressão traumática. Espera-se, por meio disto tudo, ao menos prover material indicativo para a possibilidade de vislumbrar na progressão traumática um fenômeno com potencial adaptativo.

### **5.3 A progressão traumática como uma resposta adaptativa à um trauma por abandono**

Após a descrição de um cenário de adaptação em uma situação não traumática, realizada na parte final da seção anterior, agora, por fim, podemos discorrer sobre um processo de adaptação à uma vivência traumática, na qual, acredita-se, a progressão traumática seria adotada como uma resposta adaptativa. Em meio a este trabalho, será possível realizar uma síntese de

alguns conhecimentos adquiridos ao longo deste trabalho, justamente com o intuito de promover um quadro tão claro quanto possível dos processos psíquicos que estariam em jogo no fenômeno progressivo.

Parte-se, então, da consideração de uma criança pequena que vivencia um abandono traumático. Este cenário já foi inicialmente abordado, na terceira seção do quarto capítulo desse trabalho, ao estudar-se a autoclivagem narcísica. Como foi apontado lá, é dentro deste quadro que se pretende considerar a progressão traumática, enquanto fenômeno que ocorreria à uma das partes clivadas do Eu. Desta forma, uma breve retomada do que ocorreria, psiquicamente, com a criança, parece ser adequada.

A criança pequena, supostamente em uma situação de relativo equilíbrio pulsional, seria afetada pela ausência de um objeto amado e desejado. A ausência deste objeto, em um momento no qual uma necessidade aflige o infante, contribuirá para o início de um movimento de desfusão pulsional. Esta desfusão poderia ocorrer tanto pela ausência de estímulos externos, que forneceriam elementos para a inibição da pulsão de morte (Ferenczi, 1929/2011), quanto, como agora se sabe, pela entrada em ação de um movimento de retração do investimento libidinal ligado ao objeto, realizado pelo Eu (Freud, 1923/2011). Neste último caso, pode apontar-se que o Eu veria motivos para executar tal retirada da libido investida no objeto devido a leitura de que o mesmo estaria perdido.

De todo modo, como resultado da desfusão pulsional, possível por ambos caminhos, supõe-se que tanto a pulsão de morte quanto a pulsão de vida poderiam expressar de maneira mais independente seus intuitos. No capítulo anterior, discutiu-se de maneira mais demorada justamente as vicissitudes tomadas pela pulsão de morte nesta situação. Desta discussão, relembra-se aqui, especificamente, a possibilidade de que a pulsão de morte dê ensejo à um movimento regressivo geral no indivíduo, o qual promoveria, dentre outras coisas, o início de uma fragmentação psíquica. Esta fragmentação, como visto (Ferenczi, 1930/2002), traria algumas vantagens para o indivíduo, como uma divisão da dor resultante do trauma, que não seria sentida de maneira unificada pelo indivíduo, e, também, por uma maior flexibilidade e adaptabilidade para as partes fragmentadas que não foram demasiadamente afetadas pela estimulação traumática.

Obteve-se, tanto pela situação traumática considerada, quanto pela entrada em ação da fragmentação, a indicação de que a criança pequena tenta adaptar-se à vivência traumatizante de maneira autoplástica. Esta forma de adaptação, conforme então observado, poderia ajudar a explicar a clivagem do Eu em uma situação traumática de abandono. O Eu infantil alteraria a sua própria estrutura, dividindo a si mesmo como uma forma de adaptar-se à situação de

abandono. Como resultado desta divisão, e ainda como tentativa de adaptação, surgiriam duas partes clivadas, uma que passaria por processos regressivos, e outra, como aqui se supõe, por processos progressivos.

Não custa retomar, a primeira destas partes poderia, por meio da regressão, passar por um processo semelhante ao da autotomia orgânica, ou seja, ser abandonada ou isolada do restante do organismo em prol de maiores chances de sobrevivência e adaptação. Esta parte clivada seria ainda uma quase morta, na qual a dor e o sofrimento do trauma estariam condensados, ou, em outras palavras, seria aquela que guardaria o afeto resultante da vivência traumática. (Ferenczi, 1931/2011; 1933/2011). Por outro lado, sobre a parte clivada que passaria por uma progressão, tem-se indicação de que tal processo ocorreria com total ausência de emoção, de maneira puramente intelectual.

Tal concepção, na qual o afeto resultante do trauma estaria condensado em uma parte clivada e então isolada, enquanto a outra parte progrediria de maneira puramente intelectual, chega-se à ideia de uma clivagem entre afeto e intelecto como resultado de uma vivência traumática. Ainda, parece ser possível por meio de tal compreensão considerar que a clivagem entre afeto e intelecto seria correspondente à clivagem do Eu em duas partes, com uma destas sendo caracterizada como aquela de puro afeto, e a outra, de puro intelecto. Em *Diário Clínico*, em nota datada de 14 de agosto de 1932, intitulada “*Trauma e clivagem da personalidade; ruptura entre sentimento e inteligência*”<sup>76</sup>, lê-se o seguinte:

Assim, enquanto sua vida emocional desaparece em inconsciência e regride às puras sensações corporais, sua inteligência, separada de todas as emoções, faz uma progressão colossal, mas - como já mencionado - completamente sem emoção, no sentido de um desempenho adaptativo por meio da identificação com os objetos de terror<sup>77</sup>. (Ferenczi, 1995, p. 203).

Desta citação, destaca-se em primeiro lugar a possibilidade de que o intelecto livre de emoção procuraria executar uma adaptação à situação traumática em que o indivíduo se encontra. A adaptação, em tal caso, ocorreria por meio de uma identificação – e/ou introjeção, acrescentamos - com os estímulos que causaram a situação incômoda. Esta possibilidade, de uma adaptação por meio de uma identificação e/ou adaptação com os objetos, foi abordada na

---

<sup>76</sup> Em inglês na versão consultada: “*Trauma and splitting of the personality; rupture between feeling and intelligence*”,

<sup>77</sup> Em inglês, na versão consultada: “Thus while her emotional life vanishes into unconsciousness and regresses to pure body-sensations, her intelligence, detached from all emotions, makes a colossal but - as already mentioned - completely unemotional progression, in the sense of an adaptation-performance by means of identification with the objects of terror. ”

seção anterior, mas no quadro de uma adaptação à uma situação não traumática. Agora esta hipótese adaptativa reaparece também em um cenário traumático, e, ao que parece, seria por meio de um intelecto livre de afeto que tal ação seria executada.

Talvez seja possível compreender um pouco melhor este papel do intelecto na execução de uma adaptação, inicialmente típica, retomando-se a ideia de uma máquina de calcular psíquica, aventada por Ferenczi (1926/2011), em *Desprazer*, e apresentada no primeiro capítulo deste trabalho. Como lá visto, esta máquina de calcular auxiliaria na tarefa de aceitação do desprazer, na medida em que, podendo contar com dados da realidade, seria capaz de calcular o caminho de menor desprazer a ser tomado diante de uma situação desprazerosa. Por exemplo, a ideia na qual um desprazer poderia ser aceito mediante a compreensão de que tal desprazer, caso não aceito, poderia no futuro converter-se em um desprazer ainda maior.

Ainda, esta máquina de calcular, agora em uma vivência traumática, poderia executar uma apreciação geral da situação, avaliando a gravidade do dano e qual seria a melhor saída adaptativa em tais condições. Na seguinte passagem do fragmento *Traumatismo e aspiração à cura*, destaca-se que esta ação assertiva de tal máquina seria possibilitada justamente pela ausência de emoções, ou seja, por uma performance intelectual pura:

Uma força interna, de natureza ainda desconhecida, por certo inteiramente inconsciente, que avalia com uma precisão matemática tanto a gravidade do traumatismo quanto a capacidade de defesa disponível, produz à maneira de uma máquina de calcular complicada, com uma segurança automática, o único comportamento psíquico e físico prático e correto na situação dada. A ausência de emoções e de especulações que perturbem os sentidos e desfigurem a realidade torna possível o funcionamento exato da máquina de calcular . . . (Ferenczi, 1930/2011d, p. 282).

Interessa ressaltar que tal trabalho de contar com a realidade, poderia ser relacionado com aquele realizado pelo Eu, no sentido de uma observância e julgamento da realidade externa, seria trabalho desta instância (Freud, 1895/2003, 1925/2011). Em situações normais, o Eu promoveria uma adaptação às demandas realidade, por meio de – principalmente - uma inibição dos processos primários, permitindo que estes retomassem seus caminhos facilitados quando o se julgasse adequado, por meio de uma apuração da realidade externa.

Além desta inibição, caberia também ao Eu realizar o que pode chamar-se de um processo de juízo, que deveria adjudicar sobre duas importantes questões: se um determinado objeto promove prazer ou desprazer; e se um determinado objeto pode ser considerado existente na realidade externa, no sentido de que tal objeto possa ser reencontrado. Para a discussão desta seção, esta segunda forma de juízo, que demandaria um maior desenvolvimento do Eu, possui

maior importância. Isto porque, como vale lembrar, considera-se aqui a situação de abandono, ou seja, aquela na qual um objeto deixa de apresentar-se na realidade por um período de tempo que é longo demais para a criança pequena. Esta, por sua vez, é então levada a considerar que o objeto não existe mais.

Destas considerações, especialmente esta última sobre o juízo de realidade, pretende-se destacar uma hipótese sobre a progressão traumática. Em termos simples, devido ao juízo de realidade, executado pelo Eu, que consideraria que um determinado objeto não mais existe, uma identificação e/ou introjeção com determinados traços da imagem deste objeto seria uma possível forma de adaptação ao abandono. Contudo, enfatiza-se: tal adaptação não seria, neste cenário traumático, idêntica àquela ocorrida em condições não traumáticas. Acredita-se que em tal situação, devido ao impacto e o sofrimento drástico provocado pelo trauma, igualmente a resposta para tal vivência seria mais drástica do que a normal.

Supõe-se que por meio de um fortalecimento, algo como um aumento quantitativo da carga dos investimentos em determinados traços de imagem de objeto, resultaria o aparecimento repentino de habilidades, comportamentos e pensamentos amadurecidos que comumente caracterizam a progressão traumática. Ainda, levanta-se a hipótese de que a ação do intelecto ou da máquina de calcular, pensados aqui como expressão da ação do Eu, estariam envolvidos na escolha destes traços de imagem que receberiam tal investimento.

Destas ideias, pode destacar-se dois elementos que demandam maiores reflexões como forma de aprofundar esta discussão, e por meio dos quais pretende-se finalizar esta seção. O primeiro deles consiste na possibilidade de que, em termos quantitativos, no cenário de um abandono traumático, uma maior quantidade de energia seria utilizada na identificação e/ou introjeção de determinados traços de imagens de objeto. O segundo deles, diz respeito à qual seria o caráter desses traços de imagem investidos, e por quê seriam estes os escolhidos como resultado do cálculo elaborado pelo Eu.

Sobre este primeiro aspecto, o de caráter mais quantitativo, ressalta-se o aspecto dinâmico da relação entre a pulsão de vida e pulsão de morte. Como já abordado, no cenário de uma defusão pulsional, não só a pulsão de morte expressar-se-ia de maneira mais livre, mas também a pulsão de vida encontraria oportunidade para expressar seus intuítos de maneira mais independente. Dentre estes intuítos, destaca-se aquele de amansar a pulsão de morte, que ocorreria em um momento no qual esta pulsão estaria com seu nível rebaixado, devido a expressão desta em formas já apontadas, como a regressão e a fragmentação.

Deste modo, parece ser possível supor uma certa vantagem econômica, em determinados momentos e circunstâncias, para a pulsão de vida. Quando esta situação de

vantagem se apresentasse, a pulsão de morte, então ligada e pautada pelos intuitos da pulsão de vida, seria colocada, seria convertida à serviço de Eros, reforçando o trabalho de ligação, regeneração e adaptação necessários na situação traumática. Algo assim, como já visto, é aventado por Ferenczi (1924/2011, p. 353), no sentido de que a reconstrução do organismo diante de uma fragmentação se daria “a partir dos seus próprios restos, utilizando até mesmo a força inversa produzida pela destruição parcial a fim de dar prosseguimento ao seu desenvolvimento.”

Em auxílio à discussão deste aspecto quantitativo que parece estar implicado na progressão traumática, talvez possa retomar-se uma noção estudada anteriormente, no terceiro capítulo deste trabalho. Em tal capítulo, dentre outras ideias, abordou-se o conceito de contra-investimento (Freud, 1920/2011). Este consistiria em uma reserva energética, formada às custas de um empobrecimento geral do organismo, e colocada à disposição do Eu para que, em situações traumáticas, uma rápida resposta pudesse ser executada, atenuando ou mesmo inibindo as ações da energia em livre circulação resultante do trauma.

Recorrendo a Ferenczi (1924/2011, p. 354), encontra-se uma certa concepção do autor a respeito do conceito de contra-investimento. Pensando nos quadros clínicos da histeria e das patoneuroses, ele considera a hipótese de que um contra-investimento poderoso poderia ser direcionado para um órgão que sofreu alguma perturbação, com a intenção de, tão rápido quanto possível, restabelecer o estado de equilíbrio de tal órgão. Esse contra-investimento serviria “por um lado, para proteger os outros órgãos contra os efeitos perniciosos; e constitui, por outro, uma fonte de energia em proveito da cura e da regeneração.”

Transpondo estas ideias de cunho biológico para uma apreciação em termos metapsicológicos, parece ser possível pensar e aprofundar algo sobre o conceito de contra-investimento. Esta reserva de energia, cujos intuitos seriam protetivos, no sentido de prevenir maiores danos e promover, assim que possível uma regeneração dos danos causados, parece poder ser relacionada com os intuitos de Eros. Afinal, como visto, a pulsão de vida atuaria no sentido de proteger a unidade do Eu (Freud, 1923/2011), assim como na direção de reconstruir tal unidade em uma organização mais complexa (Ferenczi, 1924/2011).

Ainda sobre o conceito de contra-investimento, observou-se que tal reserva de energia poderia ser pensada em relação à um maior ou menor investimento no Eu. Com Freud (1923/2011), observou-se que uma forma pela qual o Eu pode enriquecer-se seria pela retirada de um investimento libidinal em um objeto, transformando a meta de tal investimento e redirecionando-o para si mesmo. Isto seria possível, como visto, pela identificação e/ou introjeção pelo Eu de traços desejados do objeto. Algo assim, ao que parece, é considerado por

Ferenczi (1930/2002, p. 282, destaques em itálico nosso) como uma possibilidade por meio da qual o Eu se fortaleceria para encarar uma situação de choque<sup>78</sup>. “Pelo choque, energias até então em repouso ou *utilizadas para a relação de objeto* veem-se despertadas de súbito sob a forma de solicitude, de precauções e de preocupações narcísicas.<sup>79</sup>” Diante disto, aponta-se que, mesmo com a possibilidade de uma desfusão pulsional, a retração da libido e o direcionamento desta para o Eu poderia auxiliar na batalha deste contra os efeitos disruptivos resultantes de uma vivência traumática.

Sem pretender esgotar toda a discussão envolvendo os aspectos quantitativos que poderiam estar em jogo em uma situação traumática, acredita-se ter apresentado algumas indicações que possibilitem ao menos refletir sobre algumas das fontes quantitativas que permitiriam um forte investimento em determinados traços objetais. Resta agora dizer algo sobre quais seriam os traços investidos e porque seriam tais traços alvos de tamanho investimento identificatório em meio a uma situação traumática de abandono.

Parece possível apontar que tais questões, que dizem respeito ao segundo aspecto que agora pretende-se passar a analisar, apontam para noções referentes a um caráter qualitativo daquilo que estaria em jogo na progressão traumática. Afinal, trata-se de investigar justamente o caráter, a qualidade dos traços de imagem objetais investidos e, também, porque seriam tais traços aqueles investidos em meio a uma situação traumática.

Partindo de bases conceituais já conhecidas, aponta-se de início que, ao que parece, os traços de imagens investidos na progressão traumática seriam aqueles pertencentes ao objeto e que seriam desejados, necessitados por parte da criança. Sabe-se que uma forma de adaptação a uma situação de perda de um objeto desejado é uma identificação e/ou introjeção de traços deste pelo Eu. (Ferenczi, 1924/2011; Freud 1923/2011).

No caso aqui considerado, os traços de imagens de objetos que seriam alvos da ação do Eu seriam aqueles que promovem satisfação e prazer para o indivíduo. Acredita-se nesta

---

<sup>78</sup> É importante ressaltar que em Ferenczi, uma certa distinção entre a ideia de choque e de uma vivência traumática pode ser apontada. De maneira geral, talvez seja possível considerar que um choque seria todo aquele impacto recebido pelo organismo, que demandaria por parte deste uma adaptação, sem que, contudo, possa se dizer que resultados traumáticos tenham ocorrido. Por exemplo, uma nota datada de 27 de julho de 1932, Ferenczi (1995) considera, em relação ao exposto em *Confusão*, que diante do ataque passional do adulto uma resposta adaptativa poderia ser executada sem consequências traumáticas. Contudo, diante de uma negação por parte de um terceiro tanto do ataque sofrido quanto da resposta utilizada pela criança, então consequências traumáticas ocorreriam. Não nos cabe, contudo, averiguar de maneira rigorosa a diferenciação ou não, ao longo da obra de Ferenczi, dos termos choque e trauma.

<sup>79</sup> Como já aventado na seção anterior, tal retração da libido resultaria, em um primeiro momento, em desfusão pulsional, e só em um segundo momento é que a libido poderia ser colocada à serviço dos intuítos do Eu. Como é abordado no parágrafo seguinte do texto, algo assim pode ser pensado, de maneira semelhante, em termos de um enfraquecimento da pulsão de morte em primeiro momento, e a ação potencializada da pulsão de vida, em um segundo momento.

possibilidade porque seriam estes traços aqueles desejados, buscados pela criança no objeto para satisfazer suas necessidades. Logo, para que o Eu se torne capaz de efetuar o redirecionamento da libido, ele teria que enriquecer a si mesmo com as características objetais desejadas e que possibilitariam alguma forma de satisfação. À guisa de exemplo, pondera-se que estes traços remeteriam a imagens de acolhimento, de cuidado, de alimentação, de proteção e de alívio, imagens que, supõe-se, estariam relacionadas com vivências de satisfação experimentadas com o auxílio dos objetos (Freud, 1895/2003).

Ainda, como estudado de maneira mais demorada na primeira seção deste capítulo, alguns destes traços de imagens objetais positivas<sup>80</sup> já poderiam fazer parte das qualidades com as quais o Eu estaria aos poucos constituindo-se. Pelos mecanismos de identificação e/ou introjeção, como visto tanto com Freud (1923/2011) quanto com Ferenczi (1909/2011; 1913/2011), o Eu infantil se assimilaria aos objetos com os quais se relaciona, ainda que, ou, talvez, devido ao fato de, não perceber tais objetos de maneira plenamente objetiva, como algo que não faz parte de si.

Em condições ideais, esta confusão entre o Eu e o ambiente levaria a uma constituição do primeiro apenas por traços prazerosos dos objetos, devido ainda a ação de mecanismos observados no primeiro capítulo deste trabalho<sup>81</sup>. Algo assim talvez auxilie na compreensão de porquê Ferenczi (1933/2011) considerar que na progressão traumática o que seria despertado e prematuramente desenvolvido seriam características potenciais da criança. Esta, apesar de possuir em si o gérmen de tais qualidades adultas observadas em um ambiente ideal, não seria ainda capaz de efetivamente expressá-las no ambiente sem a ajuda do mesmo.

Algo assim parece ser indicado pelo autor na descrição inicial da cena de abuso traumático em *Confusão*. Lá, diz-se de uma criança que desenvolve certos jogos, certas atividades em um âmbito lúdico, no qual a criança atua no papel de um cuidador, como uma mãe ou um médico em relação ao adulto. Contudo, este jogo deveria manter-se somente em tal aspecto lúdico, pois apesar da expressão por parte da criança de tais comportamentos, ela, de fato, não poderia ainda viver sem o apoio do ambiente:

É assim que as crianças, quase todas sem exceção, brincam com a ideia de ocupar o lugar do progenitor do mesmo sexo, para tornar-se o cônjuge do sexo oposto, isto, sublinhe-se, apenas em imaginação. Na realidade, elas não

---

<sup>80</sup> Positivas aqui indica um sentido geral de imagens que, por exemplo, possibilitariam, como mencionado, vivências de prazer, auxiliariam em movimentos de progressão e adaptação ao ambiente e na inibição de processos pulsionais automáticos, servindo como material ao qual o Eu se apoiaria em tais tarefas.

<sup>81</sup> A introjeção de tais traços objetais positivos, e a inicial ignorância seguida, em momento posterior, de projeção de traços negativos que passariam a constituir o ambiente externo.

quereriam, nem poderiam, dispensar a ternura, sobretudo a ternura materna. Se, no momento dessa fase de ternura, se impõe às crianças mais amor, ou um amor diferente do que elas desejam, isso pode acarretar as mesmas consequências patogênicas que a privação de amor até aqui invocada. (Ferenczi, 1933/2011, p. 118).

Desta forma, conjugando este elemento da existência no indivíduo de determinadas características em estado potencial com a possibilidade de uma identificação e/ou introjeção de traços positivos do objeto perdido, talvez seja possível encontrar dois caminhos explicativos, em termos metapsicológicos, sobre quais seriam as qualidades em jogo na caracterização da progressão traumática. Talvez estas explicações já poderiam indicar algo sobre o porquê de tais traços serem alvos de um investimento fortalecido que resulta em tal caracterização. Contudo, pretende-se expor algo mais sobre o porquê destes traços serem alvos de tamanhos investimentos.

Como ponto de partida para tal discussão, adota-se a ideia de que a motivação por trás dos investimentos fortalecidos que caracterizam a progressão traumática residiria na importância que tais traços de imagem possuem para a criança. Como visto acima, estes traços estariam presentes nas imagens dos objetos que compõe o ambiente, e estariam ainda relacionados com vivências fundamentais para a vida da criança.

Considerando ideias apontadas tanto por Freud (1895/2003; 1926/2014) quanto por Ferenczi (1928/2011; 1929/2011), foi possível notar, ao longo deste trabalho, que a dependência da criança para com os objetos de seu meio é mesmo de uma ordem vital. Devido a seu estado de incapacidade, sem a adaptação e o cuidado por parte da família às necessidades do infante, este poderia passar desde situações de desprazer generalizado, como por situações de estimulação traumática, chegando até mesmo a própria morte biológica.

Logo, se por um lado considera-se que o Eu se identificaria e/ou introjetaria tais traços de imagens por serem eles aqueles buscados no objeto perdido, parece ser possível ponderar se não seria mesmo inviável para a criança manter um mínimo equilíbrio psíquico sem o auxílio de tais imagens. Transformando tal argumento em pergunta, obter-se-ia uma resposta afirmativa, já que, afinal, sabe-se que seria inviável ou ao menos extremamente difícil para o ser humano infantil manter-se sequer vivo sem o auxílio das imagens objetivas positivas.

Tal ideia pode ser observada em uma nota de Ferenczi (1995, p. 192, tradução nossa), datada de 8 de agosto de 1932, intitulada *Tolerar ficar sozinha*<sup>82</sup>, na qual, em referência ao caso de uma paciente que atendia, o autor diz o seguinte: “Estar sozinha é tolerável apenas se ela

---

<sup>82</sup> Em inglês, na versão consultada: “*Tolerating being alone*”.

nunca se sentir totalmente abandonada; disto se segue que estar totalmente realmente sozinha, onde não se tem mesmo a esperança de ser compreendida e ajudada pelo mundo exterior, é intolerável.<sup>83</sup>”

Ainda, uma outra citação de Ferenczi (1995, p. 210) em *Diário Clínico* pode ser apresentada em relação a tal importância do ambiente. Em uma nota de cunho semelhante à mencionada anteriormente, lê-se o seguinte: “A personalidade infantil, ainda mal consolidada, não possui a capacidade para existir, por assim dizer, sem ser suportada por todos os lados pelo ambiente.<sup>84</sup>”

Destas duas citações, em acréscimo ao que já se discutiu neste trabalho sobre o tópico aqui em questão, aponta-se que talvez uma poderosa motivação para a ocorrência de uma progressão traumática seja uma tentativa drástica de compensação e adaptação a algo que podemos chamar, com Ferenczi (1928/2011), de uma falha de adaptação por parte ambiente. Tal adaptação progressiva por parte da criança, como se sabe, ocorreria somente com o intelecto clivado resultante da clivagem do Eu, e diante disto, o seguinte não pode deixar de ser apontado: o desenvolvimento de características que estavam presentes somente em potencial na criança – de maturidade, de sabedoria, de cuidado - adquirem todo um caráter protetivo para esta, no sentido de que o infante se torna melhor preparado para lidar com o ambiente não adaptativo no qual se encontra.

Disto, resultaria que a adaptação seria fruto de uma leitura aparentemente correta por parte do Eu, auxiliado possivelmente pela ação do intelecto imperturbado, no sentido de que por meio de uma consideração pela realidade, percebeu-se justamente a necessidade de que uma adaptação à falha do ambiente ocorra. Esta adaptação seria então o desenvolvimento das características das quais a criança necessita, mas não mais pode encontrar no ambiente.

De certa forma, a seguinte citação de Ferenczi (1933/2011, p. 120) parece se relacionar com tal possibilidade, já que ela aponta para a progressão traumática como algo que surgiria como uma maneira encontrada pela criança para defender-se do ambiente. “O medo diante de adultos enfurecidos, de certo modo loucos, transforma por assim dizer a criança em psiquiatra; para proteger-se do perigo que representam os adultos sem controle, ela deve, em primeiro lugar, saber identificar-se por completo com eles.”

---

<sup>83</sup> Em inglês, na versão consultada: “*being alone is tolerable only if she never feels totally abandoned; from this it follows that being really totally alone, where one does not have even the hope of being understood and helped by the outside world, is intolerable.*”

<sup>84</sup> Em inglês, na versão consultada: “*The childish personality, as yet barely consolidated, does not have the capacity to exist, so to speak, without being supported on all sides by the environment.*”

Acredita-se que por meio desta linha de reflexão, talvez seja possível retomar a possibilidade de pensar-se a adaptação ao meio como podendo ser mais regressiva ou mais progressiva. Como visto no quarto capítulo deste trabalho, Ferenczi (1924/2011, p. 355, n. 57, entre parênteses no original) aventa justamente que mesmo a adaptação autoplástica, considerada tipicamente como uma forma de adaptação regressiva, poderia ser também “progressiva (desenvolvimento de novos órgãos)”. Ao que parece, com base nas hipóteses bioanalíticas de *Thalassa*, a adaptação autoplástica poderia ser vista como um meio para que progressos fossem atingidos pelo indivíduo, ainda que por meio de uma modificação de sua própria estrutura.

Neste sentido, a progressão traumática poderia ser vista como uma reação adaptativa à um ambiente que foi incapaz de adaptar-se adequadamente às demandas da criança. O Eu infantil, ainda que com suas limitações, seria capaz de realizar uma leitura adequada de tal situação ambiental, e direcionar investimentos libidinais para determinados processos psíquicos. Estes processos resultariam, por fim, no desenvolvimento abrupto de capacidades latentes do infante que o tornariam mais apto a adaptar-se ao ambiente inadequado no qual se encontra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pudemos apresentar algumas bases teóricas que nos permitiram uma reflexão sobre a importante e rica dinâmica relacional entre a criança em desenvolvimento e o ambiente que a circunda. Seja com Freud (1895/2003; 1923/2011; 1926/2014) ou com Ferenczi (1909/2011; 1913/2011; 1926/2011), esta dinâmica mostrou-se implicada na formação e caracterização do Eu infantil, tanto em uma direção ideal quanto em situações traumáticas cujas consequências não seriam ignoráveis.

Pareceu-nos necessária a exposição, neste estudo, tanto das vicissitudes envolvidas no desenvolvimento infantil mais típico, não traumático, quanto naquele desenvolvimento que foi perturbado por alguma vivência de fato traumático. Deste modo, foi possível perceber a presença de alguns mecanismos psíquicos que estariam em ação em ambas situações. Como exemplo disto, ressaltamos aqui a adaptação autoplástica, tanto a regressiva quanto a progressiva, e a identificação e/ou introjeção de determinados traços de um objeto perdido, cujos resultados poderiam também ser descritos como adaptativos (Ferenczi; 1924/2011; Freud, 1923/2011;). Ambos mecanismos poderiam ser encontrados em ações que seriam adaptativas tanto nas situações não traumáticas quanto nas traumáticas.

Sobre a progressão traumática, foco principal de nosso trabalho, observou-se que estes dois mecanismos citados acima poderiam ser acionados com o intuito de tentar explorar, metapsicologicamente, o que estaria em jogo em tal progressão. Uma adaptação autoplástica progressiva, cuja leitura por nós aventada, que consistiria em uma mudança na própria estrutura do indivíduo com o objetivo de desenvolver uma nova capacidade ou habilidade, poderia auxiliar na compreensão do amadurecimento abrupto de habilidades presentes apenas potencialmente na criança, com o intuito de fornecer à esta melhor capacidade adaptativa ao ambiente.

Já a identificação e/ou introjeção de determinados traços objetivos, poderia auxiliar na ilustração de quais seriam os traços adquiridos pelo Eu na adaptação à um abandono por parte do objeto necessitado. Os traços positivos deste, qualitativamente descritos como aqueles relacionados com vivências de cuidado, alimentação, acolhimento e satisfação de necessidade, seriam justamente os alvos da ação do Eu, o qual, ao assimilar tais traços, poderia tornar-se a meta dos investimentos anteriormente direcionados à imagem do objeto agora perdido.

Ainda sobre a progressão traumática, observamos a possibilidade de recorrer à modelos descritivos que consideram o jogo econômico e dinâmico da energia psíquica em tal cenário. Dessa forma, foi possível apresentar algumas fontes, em termos quantitativos, que serviriam para alimentar o forte investimento nos traços positivos citados no parágrafo acima. Algo desta ordem de explicação nos pareceu importante para a melhor compreensão de como ocorreria de tais traços assumirem tamanha importância e desenvolvimento na personalidade da criança traumatizada.

Outro elemento relevante na exploração da progressão traumática derivou-se da compreensão da supracitada importância da dinâmica relacional entre a criança pequena e o ambiente que a circunda e a recebe, sua família. Foi possível observar, com Ferenczi (1995; 1928/2011; 1929/2011; 1933/2011) que seria mesmo inviável para a criança continuar a existir com um mínimo de equilíbrio psíquico sem a presença e o suporte adequados por parte do ambiente. Logo, diante de uma situação traumática de abandono, apontamos que poderia ser plausível considerar que a prematuração das qualidades latentes da criança poderia ter como resultado uma adaptação adequada – ainda que resultante de um trauma – a tal situação.

Em relação a esta leitura do abandono como uma situação na qual uma adaptação por meio de uma prematuração poderia ocorrer, relacionou-se à ação, resultante do trauma, de um intelecto quase puro, imperturbado pelo afeto do qual se separou devido a uma clivagem. O intelecto, aqui, foi pensado em relação com a ideia aventada por Ferenczi (1995; 1926/2011) de uma máquina de calcular, que conseguiria acessar de maneira quase perfeita qual seria a melhor saída para uma determinada situação desprazerosa. Neste sentido, a compreensão da ideia de intelecto ou da máquina de calcular direcionou-se para o entendimento de que ambos estariam relacionados com a adaptação do sujeito às condições ambientais, normalmente aversivas.

Ainda, em acréscimo a isto, relacionou-se em nosso texto ainda dois outros elementos. O primeiro, trata da compreensão de que seria o Eu, enquanto instância psíquica, o responsável por levar em conta às demandas da realidade para que determinadas satisfações fossem obtidas. Ele faria isto por meio de um processo de ligação da energia psíquica em estado livre, primário, passando-a para um estado ligado, secundário. Logo, em certa medida, o Eu seria o responsável por pautar os processos psíquicos que buscariam por satisfação de acordo com a realidade. Tal observância da realidade, por sua vez, poderia ser pensada como uma adaptação às condições desta (Freud, 1895/2003).

O segundo elemento seria o de que a pulsão de vida, Eros, poderia também atuar de maneira a inibir processos psíquicos que, conforme tentamos aventar, ocorreriam de maneira

automática. Estes processos automáticos seriam expressão da ação da pulsão de morte, cujo efeito destacado neste trabalho seria o de promover um movimento regressivo geral no indivíduo. Esta regressão, por sua vez, poderia levar o organismo a recorrer a formas adaptativas consideradas mais primitivas, como a autoplastia, da qual a fragmentação, pensada em termos psíquicos, poderia ser uma expressão.

Seria então Eros o responsável por promover a inibição deste tipo de expressão da pulsão de morte, por meio de uma ligação com esta, que reestabeleceria um estado de fusão pulsional desfeito por um trauma ou mesmo pela retração, executada pelo Eu, da libido investida em um objeto. Ainda, por meio desta fusão, apontamos que Eros poderia converter a ação regressiva e agora inibida da pulsão de morte, assim como a própria força desta, em direções progressivas ou adaptativas, que levariam a um reestabelecimento em patamar mais elevado da organização do indivíduo.

Diante destes elementos, que falam de maneira geral de um esforço adaptativo por parte do indivíduo diante de um cenário traumático, consideramos que a progressão traumática, conforme descrita acima, poderia ser pensada como uma solução adaptativa encontrada pelo sujeito na situação traumática de abandono. Os efeitos desta, de maneira geral, permitiriam à criança uma maior adaptação às falhas adaptativas do ambiente no qual esta se relaciona. À guisa de exemplo, tem-se a situação apontada por Ferenczi (1933/2011) de uma criança que, para proteger-se do perigo que tal ambiente apresenta para ela, identifica-se com ou introjeta completamente este ambiente, e atua como um psiquiatra, tentando tratar de tal ambiente que, nos parece, poderia ser pensado como doente.

Contudo, diante destas reflexões, oriundas de nossa investigação, gostaríamos de apontar alguns tópicos que, em nosso ver, restaram não abordados e demandam maiores investigações futuras. Acredita-se que a pesquisa dos mesmos possa levar a uma melhor compreensão de alguns aspectos referentes a teoria e o trabalho legados por Ferenczi.

Em primeiro lugar, ressaltamos a possibilidade, apontado por autores como Avello (2006) de que exista em Ferenczi, tomando-se como base principalmente seu *Diário Clínico*, a possibilidade de vislumbrar uma dualidade pulsional, pensada em termos de uma pulsão de auto asserção e uma pulsão de conciliação<sup>85</sup>. Esta dualidade pulsional, ao que parece, em muito estaria relacionada com a importância dada por Ferenczi à dinâmica entre o sujeito e o ambiente, e, portanto, poderia contribuir para futuros estudos acerca deste tópico.

---

<sup>85</sup> Em Avello (2006, p 92), encontra-se no original em espanhol “*pulsiones de hacerse valer*” e “*pulsiones de conciliación*”. Já no *Diário Clínico* (Ferenczi, 1995, p. 41) na versão consultada em inglês, encontra-se “*drives for self-assertion and conciliation*”

Em segundo lugar, e ainda de certa maneira relacionada com o ponto anterior, observamos, ao longo de nosso estudo, a necessidade de uma compreensão mais aprofundada sobre a ideia de uma linguagem da ternura, como apresentada por Ferenczi (1933/2011). Apesar das indicações iniciais sobre tal linguagem, feita já no pós-escrito de *Confusão*, acreditamos que uma pesquisa mais aprofundada sobre como tal ideia figura ao longo da obra do autor poderia ajudar em diversos aspectos, inclusive na compreensão da confusão de língua entre os adultos e a criança como algo que seria traumático.

Em terceiro lugar, apontamos, à luz de Ferenczi (1930/2011c; 1930/2011d; 1931/2011; 1933/2011) que tanto a clivagem psíquica, a clivagem entre intelecto e afeto, resultante desta, a fixação em uma forma de adaptação autoplástica e aquilo que caracterizamos como progressão traumática, podem ser vistas como resultados patológicos de uma situação traumática. Contudo, diante das conclusões iniciais obtidas por nosso estudo, questiona-se sobre qual seria o estatuto específico da ideia de uma resposta patológica na obra de Ferenczi.

Esta questão surge, de maneira específica, pela consideração de que tanto a adaptação autoplástica quanto a própria progressão traumática poderiam apresentar certas vantagens adaptativas e mesmo protetivas para o indivíduo. Logo, dentro do cenário considerado por Ferenczi (1933/2011) especialmente em *Confusão*, questiona-se se não seriam propriamente a clivagem psíquica e a fixação em um único modo de adaptação que impediria o recurso de uma adaptação aloplástica que seriam propriamente patológicos. Ou, ainda, talvez seja necessário compreender de maneira mais aprofundada o que seria e o que não seria, de fato, a definição de algo como patológico na obra de Ferenczi.

De todo modo, diante destas considerações, parece ser interessante manter em mente a possibilidade de que uma adequação, uma adaptação automática e mecanizada às demandas do ambiente, especialmente por parte de crianças, seria um indicativo de alerta.

## REFERÊNCIAS

- Avello, J. J. (2006). *La isla de sueños de Sándor Ferenczi: nada más que la pulsión de vida*. Madrid, Biblioteca Nueva.
- Balint, M. (2011). Prefácio do dr. Michael Balint. In S. Ferenczi, *Psicanálise I* (Obras completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 1, pp. VII-X). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Breuer, J, & Freud, S. (2016). *Estudos sobre a histeria*. (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 2). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1893).
- Bokanowski, T. (2000). *Sándor Ferenczi*. São Paulo: Via Lettera.
- Dal Molin, E. C., Coelho, N. Jr., & Cromberg, R. U. (2019). A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica. *Estilos da Clínica*, 24 (2), 231-245. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p231-245>
- Dean-Gomes, G. (2019). *Budapeste, Viena e Wiesbaden: O percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. São Paulo, Blucher.
- Ferenczi, S. (1995). *The clinical diary of Sándor Ferenczi*. Cambridge: Harvard University Press.
- Ferenczi, S. (2011). *Transferência e introjeção* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 1). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1909).
- Ferenczi, S. (2011). *O papel da homossexualidade na patogênese da paranoia* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 1). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1911).
- Ferenczi, S. (2011). *O desenvolvimento no sentido da realidade e seus estágios* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 2). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1913).
- Ferenczi, S. (2011) *Fenômenos de materialização histérica* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 3). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1919).

- Ferenczi, S. (2011). *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 3). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1921).
- Ferenczi, S. (2011). *O sonho do bebê sábio* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 3). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1923).
- Ferenczi, S. (2011). *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 3). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1924).
- Ferenczi, S. (1968). *Thalassa: a theory of genitality*. New York: The Norton Library. (Originalmente publicado em 1924).
- Ferenczi, S. (2011). *O problema da afirmação do desprazer* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 3). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1926).
- Ferenczi, S. (2011). *A adaptação da família à criança* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 4). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1928).
- Ferenczi, S. (2011) *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 4). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1929).
- Ferenczi, S. (2002). Trauma and striving for health. In: Ferenczi, S., *Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis*. London: Karnac Books. (Originalmente publicado em 1930).
- Ferenczi, S. (2011a). *Princípio de relaxamento e neocatarse* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 4). São Paulo: WMF Martins Fontes (Originalmente publicado em 1930).
- Ferenczi, S. (2011b). *Adaptação autoplástica e aloplástica* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 4). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente datada de 1930).
- Ferenczi, S. (2011c). *Toda adaptação é precedida de uma tentativa inibida de fragmentação* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 4) São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente datada de 1930).

- Ferenczi, S. (2011d). *Traumatismo e aspiração à cura* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 4) São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente datada de 1930).
- Ferenczi, S. (2011). *Análise de crianças com adultos* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 4). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2002a). The birth of intellect. In: Ferenczi, S., *Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis*. London: Karnac Books. (Originalmente publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2002b). Relaxation and education. In: Ferenczi, S., *Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis*. London: Karnac Books. (Originalmente publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2002c). On the revision of the Interpretation of Dreams. In: Ferenczi, S., *Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis*. London: Karnac Books. (Originalmente publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2011). *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Obras Completas de Sándor Ferenczi, 2a ed., Vol. 4). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1933).
- Figueiredo, L. C. (1999). *Palavras-cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Editora Escuta.
- Freud, S. (2017). *A interpretação dos sonhos*. Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (2003). Projeto de uma psicologia. In: Gabbi Jr., O., *Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise* (Tradução Osmyr Gabbi Jr.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1911).
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo* (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1914).

- Freud, S. (2010). *Os Instintos e seus destinos* (Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). *Luto e melancolia* (Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). *Além do princípio do prazer* (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do Eu* (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (2011). *O Eu e o Id* (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (2011). *O problema econômico do masoquismo* (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (2011). *A negação* (Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1925).
- Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia* (Obras completas de Sigmund Freud, Vol. 17). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1926).
- Freud, S. (2010). *Mal-estar na civilização* (Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1930).
- Freud, S. (2018). *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*, (Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1939).
- Gabbi O. F., Jr. (2003). *Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Gil, A. C. (1991). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (3a ed.). São Paulo: Atlas.
- Gurfinkel, D. (2017). *As relações de objeto*. São Paulo, Blucher.

- Honda, H. (2018). *Sándor Ferenczi e as perspectivas da psicanálise: Elementos para uma metapsicologia freudo-ferencziana*. Curitiba, Appris.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de psicanálise* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Levin, K. (1980). *Freud: a primeira teoria das neuroses*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento* (2a ed.). Campinas: Editora da Unicamp.
- Oliveira, A. C., de. (2017) *Dicionário escolar: Língua portuguesa*. Blumenau: Vale das Letras.
- Polizeli, C. (2017). *Reflexões metapsicológicas sobre a compulsão à repetição e algumas de suas potencialidades terapêuticas* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá, PR, Brasil.
- Souza, P. C., de. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Spielrein, S., (1994). Destruction as the cause of coming into being. *Journal of Analytical Psychology*, 39, 155-186. (Originalmente publicado em 1912). Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1465-5922.1994.00155.x>